

SE7E
NARRATIVAS PARA DESMI(S)TIFICAR
NEUROMITOS



Pantanal Editora

2021

Gímerson Erick Ferreira
Mara Regina Rosa Ribeiro
Michelly Kim de Oliveira Rosa Guimarães
Organizador(es)

SE7E NARRATIVAS
PARA DESMI(S)TIFICAR NEUROMITOS



Pantanal Editora

2021

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. Imagens de capa e contra-capas: Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome	Instituição
Prof. Dr. Adayson Wagner Sousa de Vasconcelos	OAB/PB
Prof. Msc. Adriana Flávia Neu	Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
Prof. Dra. Albys Ferrer Dubois	UO (Cuba)
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior	IF SUDESTE MG
Prof. Msc. Aris Verdecia Peña	Facultad de Medicina (Cuba)
Prof. Arisleidis Chapman Verdecia	ISCM (Cuba)
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva	UFESSPA
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo	UEA
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu	UNEMAT
Prof. Dr. Carlos Nick	UFV
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia	AJES
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos	UFGD
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva	UEMS
Prof. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos	IFPA
Prof. Msc. David Chacon Alvarez	UNICENTRO
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira	IFMT
Prof. Dra. Denise Silva Nogueira	UFMG
Prof. Dra. Dennyura Oliveira Galvão	URCA
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves	ISEPAM-FAETEC
Prof. Me. Ernane Rosa Martins	IFG
Prof. Dr. Fábio Steiner	UEMS
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza	UFF
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez	(Colômbia)
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles	UNAM (Peru)
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira	IFRR
Prof. Msc. Javier Revilla Armesto	UCG (México)
Prof. Msc. João Camilo Sevilla	Mun. Rio de Janeiro
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales	UNMSM (Peru)
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski	UFMT
Prof. Msc. Lucas R. Oliveira	Mun. de Chap. do Sul
Prof. Dra. Keyla Christina Almeida Portela	IFPR
Prof. Dr. Leandris Argentele-Martínez	Tec-NM (México)
Prof. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan	Consultório em Santa Maria
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann	UFJF
Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior	UEG
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos	FAQ
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla	UNAM (Peru)
Prof. Msc. Mary Jose Almeida Pereira	SEDUC/PA
Prof. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira	IFPA
Prof. Dra. Patrícia Maurer	UNIPAMPA
Prof. Msc. Queila Pahim da Silva	IFB
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty	UO (Cuba)
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke	UFMS
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva	UFPI
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo	UEMA
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca	UFPI
Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira	FURG
Prof. Dra. Yilan Fung Boix	UO (Cuba)
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme	UFT

Conselho Técnico Científico

– Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior

– Esp. Maurício Amormino Júnior

– Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues

– Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S495 SE7E NARRATIVAS PARA DESMI(S)TIFICAR NEUROMITOS [livro eletrônico] / Organizadores Gímerson Erick Ferreira, Mara Regina Rosa Ribeiro, Michelly Kim de Oliveira Rosa Guimarães. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2021. 149p.

Título equivalente: Sete narrativas para desmistificar neuromitos

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-88319-76-5

DOI <https://doi.org/10.46420/9786588319765>

1. Neurociência cognitiva. 2. Aprendizagem. 3. Neuromitos. I.Ribeiro, Mara Regina Rosa. II. Ferreira, Gimerson Erick. III. Guimarães, Michelly Kim de Oliveira Rosa.

CDD 612.82

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



Pantanal Editora

Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

Sete é um número tido como mágico, sagrado, misterioso e comumente usado em superstições e ditos populares, sendo regido por mistérios ocultos. Por isso, possui caráter místico em diversas culturas, crenças e tradições. Sete são os dias da semana, sete são as cores do arco-íris, sete são as notas musicais, um gato tem sete vidas, sete são os pecados capitais, trancado a sete chaves, sete são os anões... enfim, temos aqui pelo menos sete argumentos para mostrar o quanto o número sete é promulgado em nossa cultura e tradições.

O número também não escapou a este livro, que reúne sete narrativas para desmi(s)tificar 7 conjuntos de neuromitos, que são falsas crenças sobre o cérebro e seu funcionamento (Tokuhama–Espinosa, 2018). São narrativas de vida de jovens, co(construídas) com base na ciência da mente, cérebro e educação, escritas em linguagem recriada para o público infanto–juvenil, permeadas por mistérios e cenas do cotidiano que vão despertar curiosidade, aprendizado e diversão.

Os enredos foram compostos pelo conjunto de 7 temas comumente vivenciados por adolescentes, em 7 lugares maravilhosos do mundo, inspirados no significado das 7 cores do arco-íris, 7 pecados capitais, 7 dias da semana, 7 artes, 7 emoções e 7 estilos de liderança. Assim, se afinam à perfeição com o texto, e com os 7 conjuntos de neuromitos explorados em cada capítulo.

Nesse sentido, a obra **Se7e narrativas para desmi(s)tificar neuromitos** tem como objetivo divulgar o conhecimento científico sobre a ciência da mente, cérebro e educação, e provocar reflexões sobre mitos que permeiam as vivências cotidianas dos jovens na atualidade.

A coletânea foi organizada pelos professores doutores Gímerson Erick Ferreira, Mara Regina Rosa Ribeiro e Michelly Kim de Oliveira Rosa Guimarães, professores da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e coautoria de professores de enfermagem do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG), e acadêmicos de pós-graduação do Programa de Pós–Graduação em Enfermagem da UFMT.

Trata-se de obra projetada no bojo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC–EM), institucionalizado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e apresenta reflexões e resultados de estudos realizados a partir do projeto de pesquisa matricial: “Ciência da Mente, Cérebro e Educação na proposição de melhores práticas no ensino clínico de enfermagem”. A pesquisa é fruto de empreendimentos científicos do grupo de pesquisa GEFOR – Gestão, Educação e Formação em Saúde e Enfermagem.



PREFÁCIO

A você leitor: um aviso antes de iniciar este livro. Você está prestes a começar uma viagem. O que você vai ter ao longo desta viagem não é uma simples leitura, nem um mergulho. Não vai te fazer entender tudo sobre neuromitos nem mesmo sobre o cérebro. Então, por que lê-lo?

O porquê você vai entender logo de cara: este é um livro-jogo, um convite a uma aventura, onde a leitura é o pano de fundo para vários elementos a se encontrar. E esses elementos aparecem em conjuntos que totalizam sempre SETE.

Você deverá encontrar SETE pecados capitais que acontecem em alguma das SETE maravilhas do mundo. Você terá que definir as SETE cores que são realçadas em cada um dos SETE contos que formam esse livro, onde SETE emoções guiam os SETE personagens principais – todos jovens como você, leitor preferencial deste livro – em SETE caminhos para entender alguns dos neuromitos que andam soltos fazendo estrago em muito entendimento por aí.

E se você não conseguir entender bem alguns dos motivos pelos quais esses neuromitos existem e persistem, SETE serão as chances de interagir com o conteúdo online disponível por meio de códigos QR que você poderá acessar com seu celular.

Como viu, caro leitor, esse negócio de sete é mesmo mágico... e sério. Há até um **estudo científico sobre memória** que já deu muito o que falar sobre nossa capacidade limitada no processamento da informação sensorial. Mas isso basta para falar que, se queremos que algo nos afete, devemos nos permitir ser afetados. E o que isso significa?

No caso deste livro, é justamente a dinâmica – inspirada, trabalhada e aperfeiçoada pelas várias mãos que compuseram este trabalho – o que afetará sua curiosidade, aguçará sua atenção e permanecerá com você, caro leitor, no trabalho de desvendar os vários mistérios que este livro lhe propõe.

E seu trabalho será um prazer – isso eu posso lhe garantir – pois a leitura deste livro corre leve, envolvente e aguça sua vontade de entender mais sobre os mitos que interferem na compreensão de como aprendemos. E eu paro por aqui, porque com SETE não se brinca, e eu já escrevi esse tanto de parágrafos. Desejo–lhe, leitor, uma ótima aventura!

Mirela C. C. Ramacciotti

@neuroeducamente

#neuroeducamente

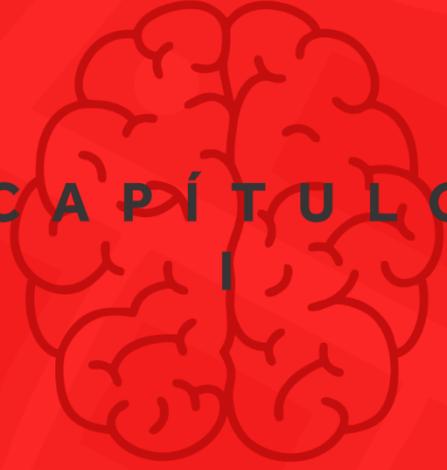
SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
PREFÁCIO	5
CAPÍTULO I	
Dois anos depois...	13
Lidando com as dificuldades e o inesperado	16
Grandes revelações	18
A busca pelo conhecimento pertinente	22
CAPÍTULO II	
Sábado	25
Laranja. Tudo de novo, todos os dias	27
Dias se passaram. Mas tudo são... Laranjas?	31
Malas prontas, sonho a caminho. E o mundo? Colorido.	33
Enfrentando o novo	34
Lidando com os preconceitos...	36
Entendendo minhas falhas...	37
O aconchego do lar...	39
Sábado... Desfazendo os nós	41
CAPÍTULO III	
O presente dos sonhos	47
O (des)encantamento	49
O “passeio” ao Cristo Redentor	53
Dez horas depois...	57
E agora, o que será de nós?	58
De volta à liberdade: aprendendo com os erros	59
CAPÍTULO IV	
Cena traumática	64
A tia “louca” e a prima invejosa	65
Gosto por livros e poesias	66
Viagem para o México	67
Uma viagem inesperada	68
CAPÍTULO V	
A inteligência de Patrícia	81
Três meses depois... Patrícia, uma criança à frente de seu tempo	83

A irmã de Patrícia – Manú, e a incerteza do futuro	86
Entre razões e emoções	95
E então chega o dia do sol – Domingo	96
Uma semana depois, um sonho possível?	97
O diálogo tão esperado	98
Duas semanas depois, enfim, dezembro	100
É hora de dizer: até logo	100
Grandes expectativas, dura realidade	100
Alguns dias depois	103
Adaptando-se à nova cultura	103
A ansiedade do primeiro dia de aula	104
Alguns dias depois... Uma viagem chamada vida	106
A busca constante por respostas...	106
CAPÍTULO VI	
A separação...	112
Sob as luzes das estrelas...	113
O início de uma nova vida	118
Um susto no pomar...	119
O triste diagnóstico	120
A busca pela cura...	121
CAPÍTULO VII	
Na manhã seguinte...	130
No dia seguinte...	133
Após o desvelar do mistério...	139
Motivação	142
Superação x Brilhantismo	142
ÍNDICE REMISSIVO	144
SOBRE O(A)S ORGANIZADORE(A)S	146

CAPÍTULO

I



A vertical bar on the left side of the page features a solid red bar at the top, followed by a series of colored circles: yellow, yellow, light green, light blue, light blue, and purple. A red dashed line starts from the bottom left, curves around the central text, and ends near the top right.

*Caroline Miranda Romero
Adriana Freitas de Almeida Finger
Daiana Alves Vendramel da Costa
Thays Berto Gindri
Gímerson Erick Ferreira*

***As incertezas
da vida:
encontros
e desencontros***

Sempre muito bem-humorada, Paolla desce as escadas e encontra na sala, sua mãe, Marina, lhe dá um beijo rápido e se despede:

– Tchau mãe, vou dar uma volta depois da aula com a Ana, no final da tarde estarei em casa.

– Não demore, hoje vou fazer uma comidinha para nós. Responde Marina, que para o que está fazendo para observar a filha saindo de casa. Depois ficou pensando o quanto ela havia crescido e se tornado uma adolescente inteligente e feliz.

Paolla tinha 18 anos, bonita, cabelos castanhos e lisos, olhos escuros, nariz fino, alta e magra. Amava música e tinha seus fones de ouvido como companheiros inseparáveis.

Morava com sua mãe em Roma, em um bairro chamado Monti, entre ladeiras pitorescas, prédios inteiramente cobertos de caramanchões, becos e ruelas cheias de histórias, inúmeras portas e janelas cobertas e decoradas com vasos de flores. Bairro muito conhecido por ser localizado próximo ao Coliseu.

Sua casa era muito antiga, a fachada tinha uma aparência típica da arquitetura italiana, muito charmosa, com paredes cobertas de pedras marrons, portas de madeira antiga, trabalhada, muito conservadas. O interior da casa tinha uma aparência moderna. Na parte inferior, estava localizada a cozinha e uma sala de estar espaçosa, que contava com uma grande lareira, muito usada em dias frios, com papéis de parede de cor clara e um sofá marrom, com grandes almofadas. Havia um quadro com paisagem, que tomava toda a parede em frente a lareira e uma televisão pequena logo abaixo desse quadro, que ficava apoiada em uma prateleira. Havia também, no centro dessa sala, uma escada de madeira, que levava ao andar superior, onde ficavam os quartos de Paolla, de sua mãe e um quarto reservado para visitas.

Estudava no Liceu de música, um tipo de escola de segundo grau, com duração de 5 anos, cujo objetivo é preparar os acadêmicos para a inserção nas universidades, por meio de debates sobre opções de cursos superiores e perfil dos alunos. Embora Paolla estivesse no último ano da escola, ainda não havia decidido para qual curso iria se inscrever.

Após o passeio com a amiga, Paolla estava voltando para casa, quando passou por uma praça. Havia uma moça distribuindo panfletos, pegou sem dar muita atenção naquele momento e enfiou sem cuidado dentro da bolsa, para não descartar o papel no chão. Ao chegar, apenas acenou para sua mãe, que mexia alguma coisa fumegante na panela, o cheiro da comida tomava todo o ambiente.

– Vou tomar um banho rápido e já volto. Disse subindo as escadas em direção ao seu quarto. Enquanto procurava o celular na bolsa, achou o papel, que havia guardado de forma automática, alguns minutos antes. Fazia propaganda de um teste que prometia descobrir o curso que mais se encaixava em suas habilidades individuais, tudo baseado em informações do cérebro.

No panfleto havia uma figura de um cérebro com duas cores no canto superior direito com o seguinte anúncio: “Quer conhecer melhor o seu cérebro? Então venha realizar nosso teste, com apenas algumas

perguntas–chave, podemos ajudá-lo a descobrir informações importantes e escolher uma carreira promissora”.

Depois do banho, Paolla desceu as escadas e foi conversar com sua mãe, que estava sentada em frente à lareira, aguardando a filha para jantar.

– Mãe, dê uma olhada nisso! – disse Paolla, entregando–lhe o panfleto com as informações do teste. – Veja também essas matérias, explicam melhor sobre testes desse tipo, validade, confiabilidade. Enquanto falava, mostrava a tela do celular.

Após alguns minutos, distraídas, lendo conteúdos de sites comerciais, Paolla se dá conta de quão faminta está.

– Vamos jantar que estou com muita fome, o que tem para comer?

– Hum... Macarrão com molho de tomate. Disse a mãe animada.

Já sentadas à mesa, enquanto jantavam, conversavam sobre o teste.

– Acha que vale a pena o teste, mãe? – pergunta Paolla.

– Vamos fazer, não é muito caro, quem sabe pode te dar alguma informação importante. Já que você ainda está muito indecisa quanto ao curso que vai seguir, talvez isso te ajude. Respondeu a mãe.

– Certo, vou ver se consigo marcar para essa semana.

Paolla conseguiu marcar o teste para aquele sábado. Nesse dia, pela manhã, a mãe de Paolla prepara o café e chama a filha, que já havia tomado banho e estava escolhendo a roupa que iria vestir. Era um dia muito importante para Paolla, assim como para todos os adolescentes de sua idade. Trocou de roupa umas seis vezes, guardando certa ansiedade.

– Vamos logo, Paolla, o teste é daqui a pouco, não é? Quer que eu te leve? Pergunta Marina.

– Sim, daqui uns cinquenta minutos mãe, dá tempo de tomar um café. Se puder me deixar lá, fica no seu caminho– disse Paolla enquanto arrumava alguns objetos na bolsa e passava batom.

Após tomarem café, entraram no carro e se dirigiram ao local do teste. Chegando lá, Marina estacionou o carro e se despediu da filha com um beijo e desejou boa sorte. Paolla subiu algumas escadas estreitas com um corrimão nas laterais, abriu a porta e se deparou com vários jovens, o que a deixou mais confiante sobre a seriedade do teste. Seguiu em direção ao balcão:

– Bom dia, eu me chamo Paolla, estou agendada para fazer o teste agora às 08h00.

– Olá, bom dia, tem duas pessoas na sua frente, daqui a pouco será atendida, pode se sentar nos bancos à direita, se precisar de algo é só me chamar, temos café e água. Respondeu a atendente.

Paolla concordou com um gesto de cabeça e foi em direção aos bancos. A empresa tinha uma decoração moderna, com quadros coloridos e abstratos nas paredes, os móveis também coloridos, com um *design* arrojado, poltronas estofadas muito confortáveis, tudo naquele lugar parecia exatamente projetado para transmitir confiança ao cliente.

Depois de alguns minutos de espera, o nome de Paolla foi anunciado, levantou-se e se dirigiu para uma sala pequena, que tinha uma mesa e duas cadeiras, sentou-se em uma delas. Na parede havia alguns quadros de cérebros, com inscrições em inglês. Apesar de ser apenas um teste, estava um pouco nervosa, talvez por se dar conta que aquilo poderia ajudá-la a decidir que caminhos seguir.

– Bom dia – disse ela.

– Bom dia, sente-se por favor, Paolla. Respondeu o homem, que tinha aproximadamente trinta anos, bonito, alto, com cabelos bem alinhados e roupas impecáveis. Meu chamo Maurizio Pascoalle, sou especialista neste teste, vou começar te explicando como funciona. Primeiramente, vamos ter uma conversa a fim de lhe conhecer melhor, e, então, farei algumas perguntas para você e de acordo com suas respostas terei um perfil com algumas características do seu cérebro e, suas principais habilidades, o que pode ajudar você a se conhecer melhor e até mesmo, escolher um curso baseado nessas informações, vamos começar?

Paolla sentiu certa confiança naquele homem, colocou o cabelo atrás da orelha, deu uma leve suspirada e acenou positivamente com a cabeça.

Após alguns instantes de conversa, ele pediu que Paolla respondesse a um questionário prestando muita atenção a cada pergunta. Passado um tempo, Paolla coloca a folha em cima da mesa e diz que concluiu o teste. Maurizio começa a analisar suas anotações, resgatando a conversa com Paolla e suas respostas.

– Vejamos o que temos aqui, você é destra, não é?! Bem você possui um “cérebro predominantemente esquerdo” parece ser organizada, estruturada e com espírito de matemática. Acredito que você deveria escolher cursos mais relacionados com a área de exatas, como algum curso de engenharia ou arquitetura, seriam boas escolhas. Disse Maurizio, que seguiu fazendo outras considerações.

Ao término da conversa, Paolla se levantou:

– Muito obrigada Maurizio pela ajuda. Ainda pensando no resultado, agradeceu com um sorriso e saiu da sala, porém com muitas perguntas e incertezas na cabeça, o teste parecia confiável, mas era uma área que nunca havia cogitado antes.

Enquanto descia lentamente as escadas, Paolla pensava sobre o resultado do teste. No caminho, de volta para casa, fora fazendo grandes reflexões acerca do seu futuro, quando, deparou-se de frente ao Coliseu, um anfiteatro destinado a realizar grandes lutas de gladiadores, espetáculos com feras e batalhas navais, o coliseu tinha um sistema que transformava a sua grande arena em um lago. Construído no império romano por volta de 70 e 80 d.C. Ao contemplar uma obra tão grandiosa, Paolla ficou refletindo como seria estudar um dos cursos sugeridos pelo teste, como arquitetura.

Ficou parada, reflexiva, observando alguns turistas que passavam pelo local e tiravam fotos, imaginando sua vida como uma grande arquiteta, projetando grandes obras, pessoas elogiando seu

trabalho, quem sabe um dia alguém passaria e tiraria uma foto de uma construção sua, cujo projeto fora pensado por ela. Sorriu para o horizonte, como se posasse para alguém, depois achou graça sobre o quanto sua imaginação havia ido longe.

Nos meses que se seguiram, foram muitas conversas com sua mãe e pesquisas sobre várias opções de curso, sempre com uma tendência à área das exatas. Não foi uma decisão fácil, pois não tinha certeza sobre nenhum deles. Paolla concluiu o ensino médio no final daquele ano e decidiu no ano seguinte, ainda com algumas incertezas, matricular-se em Arquitetura.

Dois anos depois...

Paolla estava sentada na escadaria da Praça da Espanha, a algumas quadras da faculdade, a vista era sensacional, em seus amplos degraus, era um dos locais onde turistas e moradores costumavam passear nos finais de tarde. Neste dia, em especial, uma tarde ensolarada, Paolla avista Ângelo vindo, quase que em câmera lenta em sua direção, um rapaz muito bonito, pele clara, olhos castanhos, não muito alto. Seu coração disparou, sua boca ficou seca, seus olhos fixos nos dele.

Ângelo chegou ao pé da escadaria em que Paolla estava, subiu dois degraus, ela levantou-se no momento em que ele estendeu a mão, segurando-a com força, um pouco trêmula. Ele a puxou em um forte e rápido movimento, passou a mão em sua cintura, seus rostos ficaram muito próximos, bem devagar ele encostou seus lábios nos lábios dela...

– Paolla! Paolla! Acorda, a professora está olhando pra você – cochichou Ângelo, dando um leve tapinha em seu braço, ao mesmo tempo em que sorria, dissimuladamente, para a professora que olhava em sua direção.

– Oi, ham, professora, eu, é... Gaguejou Paolla, sem saber o que falar.

– Posso ter um minuto da sua atenção, Paolla? Enquanto dou minha aula? Perguntou a professora em tom irônico, depois se virou para o quadro e continuou sua explicação, aos risinhos do resto da turma.

– Fiquei estudando até tarde para a prova de hoje, dormi muito pouco, estou muito nervosa – justificou Paolla, em voz baixa ao amigo.

– Já falei pra você, fica calma, se ficar nervosa não vai conseguir mesmo – respondeu Ângelo, também em voz baixa, encerrando o assunto.

Paolla cursava arquitetura na faculdade *Sapienza*. Logo nos primeiros dias de aula ela se aproximou de Ângelo, que era muito carismático e tinha facilidade em fazer amigos, muito inteligente, era um dos melhores alunos da turma. Eles eram amigos, faziam trabalhos da faculdade juntos e conversavam sobre vários assuntos. Para Paolla havia um sentimento que ia muito além da amizade, porém nunca havia deixado transparecer.

Ela sempre fora muito decidida e confiante, porém depois de alguns meses de aula, seu desempenho estava muito abaixo de suas expectativas, não conseguia ser a excelente aluna que sempre havia sido, suas notas não eram boas, e tinha muita dificuldade em algumas disciplinas, principalmente nas que envolviam cálculos, e isso foi deixando-a insegura, influenciando em suas interações com colegas e professores, tornando-a uma pessoa insegura e frequentemente irritada. Ela tinha poucos amigos, como Giorgio e Francesca, um casal de namorados que estudavam na mesma turma, ambos em comum com Ângelo.

Depois da aula, Paolla e Ângelo caminhavam juntos em direção a um restaurante perto da faculdade para almoçarem. Quando passaram perto da escadaria, a mesma que Paolla havia sonhado mais cedo, ela ficou com o rosto vermelho, mas disfarçou, para que ele não percebesse.

– Tá tudo bem com você, Paolla? Perguntou Ângelo, enquanto caminhavam. Ela apenas acenou positivamente com a cabeça.

– Já faz um tempo que estou querendo conversar com você, pois tenho percebido que ultimamente está muito triste e desanimada.

– Você acha mesmo que gosto de estar assim? Não gosto, mas está muito difícil, o meu rendimento não é o que eu gostaria e não consigo não deixar que isso me afete.

– Mas, temos que tentar resolver isso de alguma forma. Você está deixando todos esses fatores emocionais tomarem conta da situação – disse Ângelo, olhando pensativo para a amiga.

– Tudo está me afetando, não estou feliz com o curso, às vezes sinto que estou em um labirinto e não sei como sair, não é isso que eu quero pra minha vida – respondeu Paolla, desabafando com o amigo.

– Então você deve repensar suas ações e decisões – respondeu o amigo.

– Não consigo, as coisas na minha vida parecem que não ‘vão pra frente’ – disse Paolla, com tom entristecido. Ângelo não soube o que responder, então seguiram em silêncio até o restaurante.

Era sábado à noite, Paolla e os amigos combinaram de sair, para ir a um barzinho, porém algumas horas antes do horário marcado, Paolla acabou desistindo do encontro, pois não estava se sentindo bem. Mandou mensagem em grupo de conversa, onde todos estavam e cancelou o compromisso.

Estava em seu quarto ouvindo música e pesquisando, sem prestar muita atenção, alguma coisa referente ao seu curso, quando tocou a campainha. Ao descer as escadas, foi pensando em quem poderia ser. Quando abriu a porta eram Giorgio e Francesca, com uma garrafa de vinho nas mãos.

– Você achou mesmo que ficaria livre da gente hoje? Indaga Francesca, com um largo sorriso no rosto.

– Que surpresa boa, estava me sentindo muito sozinha, mas não tinha ânimo pra sair – disse Paolla, com um sorriso no rosto, demonstrando alegria em ver os amigos.

– Entrem, vamos subir para o meu quarto para ficarmos mais à vontade, vou pegar as taças. Paolla dá um passo em direção à cozinha e para durante um segundo.

– E Ângelo, não quis vir? Pergunta embaraçada.

– Não quis, parece que já tinha alguém esperando por ele no barzinho que a gente tinha combinado. Você não se decide, meu amigo não tem bola de cristal, acabou não querendo desmarcar com o pessoal em cima da hora – respondeu Giorgio, tranquilamente.

– Ah, sim. Ele fez bem. Falou Paolla, tentando disfarçar o mal-estar, com um sorriso sem graça, enquanto buscava as taças.

Sem a amiga por perto, Francesca deu um leve tapa no braço do namorado e o repreendeu fazendo uma cara feia, ele respondeu com um sinal de interrogação com os braços, como se não tivesse entendido a bronca da namorada. O sentimento dela por Ângelo não era segredo para o casal, mas era um assunto proibido entre eles.

Antes de entrarem no quarto de Paolla, cruzam com Marina no corredor do andar superior da casa, que os cumprimenta e agradece por terem vindo, pois percebeu que a filha estava meio ‘borocoxô’. No quarto abrem o vinho e conversam sobre vários assuntos, enquanto ouvem música. Depois de um tempo, já sob o efeito do álcool, surge o nome de Ângelo na conversa.

– Que bom que ele está se divertindo, fico feliz – disse Paolla olhando o vinho enquanto balançava a taça.

Francesca imediatamente olha para o namorado, pois conhecia sua sinceridade e sabia que ele poderia falar alguma coisa constrangedora. O que de fato aconteceu.

– Fica feliz nada, você é apaixonada por ele faz um tempão e não tem coragem de falar, agora vem querer convencer a gente que não se importa – disse Giorgio, em tom incisivo.

– Paolla você tem que se abrir mais, expor seus sentimentos, falar sobre o que carrega aí nesse seu coraçãozinho apaixonado – completa Francesca.

– Afff... Tem tanto sentimento nesse meu coração, que tenho a impressão que ele vai explodir. Sabe aquela expressão que os apaixonados usam “sinto tanto amor que o coração dói”, pois é, me sinto assim. Depois de um pouco de vinho ficamos muito românticos, não é? Mas não quero falar sobre isso – respondeu Paolla, encerrando o assunto.

Os amigos entenderam o recado e iniciaram uma discussão sobre uma série que estavam assistindo, mas volta e meia surgia o nome de Ângelo. Os colegas queriam que Paolla conversasse mais, pois percebiam que o silêncio e a fuga da amiga refletiam em seu comportamento, ora irritada, calada, nervosa, e até mesmo em seu rendimento acadêmico.

Lidando com as dificuldades e o inesperado

O curso de Arquitetura exigia muito dos alunos, pois contava com disciplinas complexas e eram necessárias muitas horas de estudo. Muitas delas envolviam construção de projetos. Durante uma aula de cálculo, Paolla tentava resolver uma lista de exercícios, com a qual tinha muitas dificuldades, estava visivelmente nervosa e exausta.

– Ângelo, como você montou a conta do segundo exercício? – pergunta Paolla, que já tinha tentado várias vezes resolver o problema, sem sucesso.

– Tem um exemplo no livro da capa amarela no primeiro capítulo – respondeu Ângelo, que percebeu o incômodo da amiga.

Nesse momento, um professor se aproxima da dupla:

– Algum problema Paolla?

– Não consigo professor, esse conteúdo é muito difícil, já tentei, não entra na minha cabeça – disse Paolla, em tom triste e preocupada.

– Vamos tentar, vou te explicar novamente, mas você tem que ficar calma, não pode deixar que seu estado emocional interfira nos seus estudos, assim você não vai aprender – respondeu o professor.

Paolla seguiu lendo várias vezes o mesmo conteúdo do livro após a nova explicação do professor, porém ainda com muita dificuldade.

Passaram-se alguns dias, Paolla sai de casa, tranca a porta, guarda as chaves na bolsa e vai em direção ao ponto de ônibus mais próximo. No caminho, pega seus fones de ouvido e vai escutando música até chegar a destino. Ela se senta e aguarda o ônibus de cor rosa, cuja principal parada é a entrada da Universidade onde estuda.

Paolla estava sozinha no ponto, até que de repente, uma mulher misteriosa, que aparentava ter uns 40 anos, vai se aproximando, com suas várias pulseiras de pérolas brancas barulhentas, colares longos e volumosos, alta, com cabelos negros, e pele parda, e finalmente se aproxima de Paolla.

– Olá. Em seguida a mulher misteriosa fecha os olhos, aponta sua mão direita em direção a Paolla, e continua: vejo que você carrega uma angústia, tem muita coisa aí te incomodando, posso ver sua mão?

Mesmo um pouco desconfiada das intenções, Paolla avaliou que não corria risco com o gesto da mulher, já que estavam em um local público e havia muitas pessoas passando por ali. A curiosidade falou mais alto, ela estica a mão direita com a palma virada para cima e a pousa em cima da palma da mão esquerda da mulher.

– Eu vejo um moço bonito no seu caminho, você gosta muito dele e ele de você, mas não do jeito que imagina – disse a mulher com um sorriso.

Paolla, com um olhar desconfiado, questiona a mulher.

– Quem é você? Como sabe essas coisas?

– Eu vejo muita coisa que ninguém mais vê – respondeu.

Paolla se levantou com um olhar desconfiado, respirou de forma ruidosa e disse:

– Eu não gosto dessas coisas, então por favor, deixe-me esperar meu ônibus.

A mulher segurou, suavemente, o braço de Paolla, as duas se olharam ligeiramente. O ônibus se aproximou, a mulher olhou fixamente nos olhos de Paolla.

– Por que você não tenta? Então soltou o braço de Paolla, que não sabia o que responder e começou a andar na direção do ônibus que tinha acabado de parar.

Paolla sem entender nada, entrou no ônibus assustada, colocou seus fones de ouvido, disse bom dia ao motorista, sentou-se na janela, onde ficou até chegar à faculdade, pensando no estranho diálogo que havia tido, pois o que a desconhecida havia dito, fazia algum sentido, embora não tivesse sido muito clara.

Paolla chegou à faculdade, foi até sua sala, sentada, não conseguia tirar a frase da mulher da cabeça. Como ela sabia sobre sua paixão secreta? O que aquilo significava? Seria um sinal que ela deveria tomar alguma atitude? Tantas perguntas invadiram seus pensamentos, até que o professor entrou na sala, como um pesadelo invadindo seu sono, trazendo o resultado da prova que havia sido aplicada na semana anterior.

Cada aluno pegou sua prova, e sem surpresa alguma Paolla viu que sua nota havia sido baixa. Apertou o papel contra o peito e se dirigiu até o grupo de amigos, Ângelo, Francesca e Giorgio.

– Oi, tudo bem? Como foi o teste – pergunta Ângelo apreensivo.

– Mal, não sei mais o que fazer, estudei tanto – lamenta Paolla.

– Acho que o que te falta é só ficar mais tranquila, não deixar que isso te afete tanto – respondeu, Ângelo.

– É amiga, acho que você está deixando os sentimentos negativos do seu coração te dominarem, tem que tentar ser mais racional – aconselhou a amiga.

Paolla achou melhor não responder, pois estava muito irritada naquele momento. E observando Ângelo, enquanto ele fazia comentários sobre as questões, seus pensamentos estavam no tal encontro com a mulher misteriosa no ponto de ônibus. Pensou em contar para Francesca o que tinha acontecido, mas ela já sabia a opinião da amiga sobre o assunto. Achou melhor guardar para si.

Marina mandou uma mensagem para Paolla, dizendo que estava saindo do banco e ia passar para buscá-la, ela se despediu de alguns colegas e foi andando sozinha pelo corredor principal que dava acesso à rua. Chegando lá, esperou sua mãe em frente ao portão de entrada.

Seus pensamentos voltaram para a conversa daquela manhã. Ela ponderou que, o que a mulher havia dito tinha sido algo muito genérico e que poderia servir para muitas pessoas em situações parecidas e, que talvez tivesse ‘chutado’, para tentar ganhar algum dinheiro, caso tivesse tido mais tempo com ela.

Mas volta e meia surgiam as inquietações, e se aquilo fosse verdade? E se Ângelo de fato nutrisse por ela também um sentimento, além da amizade, como sugerido.

De repente, ouviu uma buzina, e logo identificou o carro, quando olhou à esquerda viu sua mãe, Marina. Olhou para os dois lados da rua, se certificando que não havia risco ao atravessar, e finalmente, quando chegou ao carro, abriu a porta do passageiro, sentou-se rapidamente, e com um forte suspiro, demonstrou o quanto estava esgotada, batendo a porta do carro com força.

– Meu Deus, Paolla, para que fechar a porta desse jeito, minha filha? – indagou Marina.

Paolla pediu desculpas e as duas seguiram o caminho para casa. Quando chegaram, Paolla foi direto para o quarto dizendo a sua mãe que já ia dormir, alegando estar exausta, por conta da faculdade. Paolla tomou banho, deitou na cama, colocou os fones de ouvido, escolheu uma música que gostava, antes de dormir, conferiu o celular e logo pegou no sono.

Grandes revelações

Alguns dias depois do encontro no ponto de ônibus, numa segunda-feira, Paolla não teria aula naquele dia, estava em casa, ouvindo música, prestando atenção na letra, havia pensado muito no assunto. De alguma forma as poucas palavras da mulher desconhecida tocaram Paolla, ela sentia que estava passando por um período anestesiada, sem tomar atitude para mudar os rumos de sua vida, mesmo que a estivessem incomodando muito. Ela começou a cogitar outras possibilidades: e se tudo pudesse ser diferente? Se sua paixão pudesse ser recíproca? Se ela pudesse dar uma guinada em todos os aspectos de sua vida?

Foi em um momento de coragem que ela decidiu que deveria tomar uma decisão e se arriscar. Levantou-se rapidamente da cama, se aproximou do criado mudo, pegou seu celular e abriu sua última conversa com Ângelo, sobre um trabalho qualquer da faculdade e iniciou uma chamada.

– Oi – disse Ângelo ao atender o telefonema da amiga.

– Oi... Tudo bem? É... eu queria conversar com você – respondeu Paolla, muito nervosa e ainda em dúvida se deveria de fato fazer aquilo.

– Sim, o que houve? Está precisando de alguma coisa? Indagou o amigo, sem entender o nervosismo de Paolla.

–Eu resolvi falar por telefone, porque eu não conseguiria pessoalmente. Desde que nos conhecemos no início do curso, eu é..., eu gosto de você, gosto mesmo, sabe? De um jeito diferente, não “só” como amigo. Nesse momento, o rosto de Paolla, de pele muito clara, estava totalmente vermelho, ela o sentia queimar. Sentiu um profundo arrependimento e teve vontade de desligar o telefone e nunca mais sair de casa. Alguns segundos de silêncio se seguiram, que pareceram uma eternidade.

– Eu... eu... Não sei o que dizer Paolla, sempre te achei linda e que jamais teria olhos pra mim, segui sendo seu amigo, pra não sair de perto de você – disse Ângelo, em uma fala muito insegura no início, mas que terminou de forma muito firme.

Paolla não esperava por aquela resposta e não sabia como reagir, sentiu suas pernas perderem a força. Tudo na sua cabeça fervilhava, sim, era verdade, a mulher misteriosa havia acertado, se chute ou poder sobrenatural, ela não sabia. Depois de outro momento de silêncio ainda mais constrangedor que o primeiro, foi a vez de Ângelo ter uma iniciativa:

– Quero te ver!

– Tá – respondeu Paolla, sem pensar muito na resposta.

– Hoje – disse ele.

Combinaram o local e a hora onde deveriam se encontrar. Paolla desligou o telefone, ainda sem acreditar que teve tamanha coragem, mais que rápido deu um pulo de alegria, olhou para o relógio, eram 13h15min da tarde, saiu correndo, feliz e cantarolando em direção ao banheiro para tomar banho e lavar seu cabelo, afinal, queria estar bonita para o encontro.

Paolla sentou em sua cama para secar o cabelo, escolheu um vestido vermelho, soltinho, curto, com um decote em “V” na frente, básico, nada muito extravagante para uma segunda à tarde. Ela sempre deu muito valor ao significado das cores, escolheu o vermelho pois acreditava significar força, poder, determinação, paixão, ação e desejo, tudo o que ela precisaria nesse encontro.

Ângelo morava em Trevi, bairro de Roma que dá nome à famosa Fontana di Trevi, um dos pontos turísticos mais visitados da cidade, considerada o coração do bairro e, também, a maior e mais ambiciosa construção de fontes barrocas da Itália, com cerca de 26 metros de altura e 20 metros de largura. Ela está encostada na fachada do Palazzo Poli.

Combinaram de se encontrar em uma gelateria próxima à fonte. Paolla, após se arrumar, pediu o carro da mãe emprestado e foi em direção ao local combinado. Ângelo já se encontrava sentado em uma mesa no canto à direita do salão. O local era pequeno e havia poucas mesas, com uma decoração colorida e alegre. Por ser segunda-feira, não havia muitas pessoas no local.

Ela passou pela porta procurando Ângelo com os olhos, não sabia como seria o encontro, já que conviveram como amigos até aquele momento. O avistou sentado, com uma bebida em um copo à sua frente, ele se levantou rapidamente, quando a viu.

– Uau, você está...está..

– Ridícula, eu sei, me desculpe, acabei exagerando na roupa e... – interrompe Paolla.

– Ia dizer que você está linda, eu nunca tinha visto você tão bonita assim. Tudo isso pra me ver?
– respondeu ele em tom irônico.

Paolla, sem jeito com a situação, agradeceu e sentou-se à mesa, colocou lentamente sua franja, que estava caída sob o rosto, atrás da orelha, ambos sem saber o que dizer. O garçom se aproximou e eles fizeram os pedidos, pediram duas taças de gelato de chocolate, sabor preferido de ambos, O pedido chegou e a conversa fluiu, primeiro sobre coisas da faculdade, depois sobre tantas outras coisas. Até que Paolla olhou para o celular e viu que haviam se passado horas.

– Nossa conversa está ótima, mas eu tenho que ir, preciso terminar um relatório. Não percebi a hora passar – diz Paolla.

– Também gostei muito da nossa tarde, eu já fiz o meu relatório, se quiser eu te ajudo – respondeu ele.

– Tá bom, vou ver o que eu consigo fazer.

Os dois se levantaram e foram caminhando em direção à fonte, já estava anoitecendo, havia alguns turistas tirando foto no local, ambos estavam em silêncio durante o percurso. As luzes que iluminavam a fonte, refletiam também no rosto de Paolla, quando pararam próximos ao pequeno lago que se formava na base das estátuas que compunham o monumento. Por alguns segundos Ângelo apenas admirou aquele rosto tão familiar, mas que ali, transmitia já outro significado.

– Me desculpa por não ter tomado coragem há mais tempo – disse ele, se aproximando e, nesse momento acontece um beijo, o mesmo que Paolla já havia fantasiado tantas vezes em sua cabeça. Todo o resto do mundo perdeu a importância, como se por um momento ele não existisse. Ela estava tão feliz que nem podia acreditar.

No carro fazendo o percurso de volta para casa, Paolla aumentou o volume do som e dançou sozinha celebrando o acontecimento, chegando lá, entrou correndo, jogando as coisas pelos cantos, subiu as escadas, entrou no quarto e pulou na cama, deu um grito de felicidade. Começou a fazer o relatório e não conteve a ansiedade e ligou para Francesca, que atendeu com voz sonolenta, mas logo deu um grito ao telefone quando ouviu o que tinha acontecido. A conversa atravessou a madrugada.

Ângelo foi andando para sua casa, chegando lá, abriu a porta e seus cachorros pularam nele, que os abraçou e foi em direção à sala, se deitou no sofá, feliz, lembrando-se do que acabara de viver, e acabou adormecendo. Acordou com um dos seus animais, quase meia-noite, latindo, pedindo ração.

– Nossa, peguei no sono e nem vi, calma amigão, já vou colocar ração para vocês, me desculpa.

Enquanto os observava comer, mandou uma mensagem de boa noite para Paolla, após isso, se deitou na cama e dormiu.

No dia seguinte, Paolla e Ângelo se encontram no jardim da faculdade, em um banco afastado do movimento dos alunos, perto de umas árvores. Os dois ainda estavam um pouco sem jeito pelo encontro do dia anterior.

– Bom dia, dormiu bem? – pergunta Ângelo um pouco sem jeito.

– Ah, sim, claro! E você? – indaga ela.

– Eu queria te dizer uma coisa, não sei como ainda, mas...

– Olha se quiser esquecer o que aconteceu e manter nossa amizade... interrompeu ela, insegura.

– Calma, Paolla, não é nada disso, eu queria dizer que eu fiquei muito surpreso com sua atitude, e se dependesse de mim, não conseguiria expressar isso, então obrigado por você ter tomado coragem – disse Ângelo nervoso.

Paolla olhou para Ângelo sem saber o que responder e de repente foi como se tudo ficasse muito claro na sua cabeça, como havia se reprimido tanto tempo? Pensou no tempo que conviveu com ele apenas como um amigo, sabendo o que sentia, por medo de se abrir e se declarar, o quanto isso a havia afetado, o quanto tinha dificuldade de lidar com tudo na sua vida, nos últimos tempos.

– Estou muito feliz em ouvir isso – respondeu ela, sorrindo. Os dois se levantaram e caminharam juntos de mãos dadas até a sala, sob o olhar surpreso de muitos colegas. Quando Giorgio viu os dois juntos, começou a assoviar e bater palmas, mesmo a namorada o segurando e pedindo para parar com a cena.

– Até que enfim! – exclamou ele, batendo nas costas de Ângelo.

– Parabéns! Estou muito feliz por vocês – disse Francesca abraçando a amiga.

Naquele dia, Paolla foi para sua casa radiante, sentindo como uma única atitude teve um efeito tão grande na sua vida. Um universo de possibilidades passava em seus pensamentos. Ela começou a pensar em tudo que não a estava fazendo feliz e seu curso veio imediatamente em sua cabeça, lembrou toda sua trajetória até aquele momento.

Lembrou de seus sonhos e seus interesses e se deu conta que não era aquilo que queria fazer para o resto de sua vida. Em seu quarto, ligou o computador e começou a pesquisar por cursos, e acabou em uma página que falava sobre artes plásticas. Tudo que lia sobre o curso a fascinava, sim, de fato era isso que queria estudar.

Desceu correndo as escadas e foi conversar com sua mãe, contou tudo que havia acontecido e sobre a decisão que pensara em tomar. Mesmo atordoada com tantas informações, a mãe conseguiu ver o tamanho da felicidade de sua filha e disse que a apoiaria nessa nova fase de sua vida, pois o mais importante era vê-la realizada.

Alguns meses se passaram, Paolla e Ângelo estavam felizes, ele achou uma loucura, sua agora namorada, mudar de curso, mas acabou apoiando.

– Você está feliz? – perguntou ele.

– Muito, você nem imagina – disse Paolla.

– Então está tudo certo, boa sorte – respondeu Ângelo, dando um beijo em Paolla.

A busca pelo conhecimento pertinente

Paolla desceu do carro e foi andando em direção à faculdade escolhida para cursar Artes. No primeiro dia de aula, estava tomada por um misto de emoções, apesar de muito feliz, estava muito ansiosa, mesmo assim tinha certeza que havia feito a escolha certa desta vez. Ao entrar na sala de aula sentiu pela primeira vez que tudo iria dar certo, que encontrou o seu lugar no mundo.

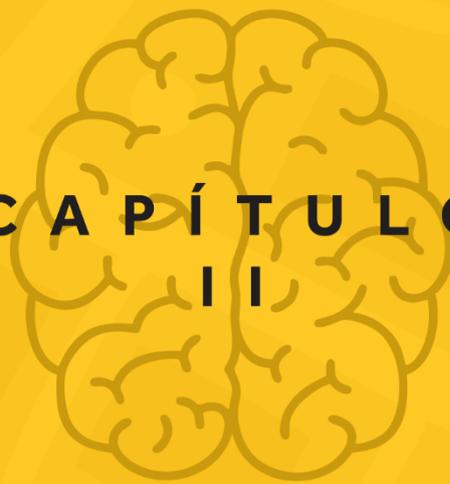
No novo curso, tudo era diferente. Seus colegas, professores, tudo a encantava, com o passar dos dias, cada aula a deixava mais feliz e mais empolgada. Tudo naquele novo universo fazia com que seu interesse em estudar e aprender crescesse. Tinham disciplinas como Arte e Tecnologia, Corpo e Movimento, Desenho, História, Arte Antiga, Contemporânea, Medieval, Moderna, Escultura, Pintura, Desenho, entre tantas outras coisas. Isso fez com que ela se questionasse como tinha demorado tanto tempo para tomar a decisão de mudar de curso.

Era a primeira aula de desenho. O professor entrou na sala com um grande sorriso no rosto, pediu que todos se levantassem e fizeram alguns movimentos de dança para relaxar antes de começarem. Isso fez com que diminuísse a ansiedade dos alunos. Depois explicou alguns conceitos e pediu para que os alunos fizessem alguns exercícios. Colocou uma música ao fundo e os deixou à vontade.

Paolla transbordava felicidade, ansiedade, tantas coisas ao mesmo tempo. Passou a compreender melhor seus sentimentos e pensamentos, entendendo que ambos estão, ininterruptamente, conectados. Começou a escrever notas sobre o que o professor discursava, e ficou muito surpresa, pois tudo fazia sentido, estava tudo muito claro. Tinha compreendido o que o professor havia explicado e, as atividades propostas estavam todas sendo desenvolvidas. Agora sim, entendia que o conhecimento era pertinente quando vinha acompanhado de motivação e, finalmente, sentia prazer em estudar e fazer parte daquele universo intelectual.

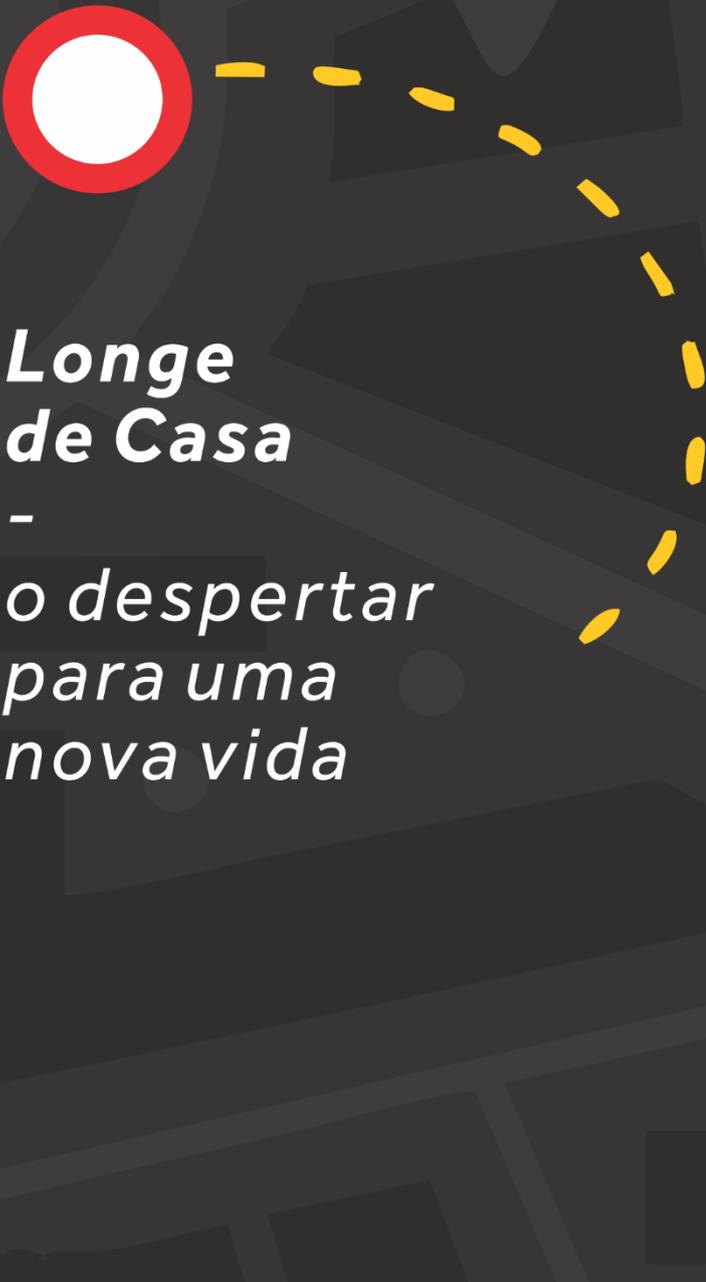


CAPÍTULO II





*Carolina Simões Pereira
Andreia Correia de Souza Cioffi
Michelly Kim de Oliveira Rosa Guimarães*



**Longe
de Casa**
-
*o despertar
para uma
nova vida*

Sábado

Aos recém dezoito anos, com poucos meses cursando a faculdade de Arqueologia, fiz amizade com Renata, Bárbara e Elisa. Há quem diga que relações humanas são iniciadas por afinidades. Entretanto, estou aqui para provar o contrário: no auge deste início de curso, fui vencida pela insistência de Renata, minha amiga, para que fossemos a uma festa da universidade. A começar hoje, sábado, me arrumei por uma hora, ainda me sentindo tímida.

– Letícia, precisa pensar que nós nunca fomos a uma festa assim. Somos jovens – dizia ela, balançando os braços, animada.

– Eu também estou animada. Bárbara, outra amiga de sala, concluiu. – Imagine, passamos o dia nos arrumando, nos divertindo. Você tem vinte – riu. – Está mais parecida com uma idosa ranzinza.

– Acontece que estou preocupada com as tarefas e provas de final do semestre. – Revirei os olhos, impaciente, sentindo os cílios postiços pesarem.

– Pare de preocupação. Não tem nada de criminoso em sair e se divertir uma vez no semestre. – Renata possuía o dom de apaziguar qualquer situação. Segurou minha mão, me encarando em frente ao espelho.

– Você está linda. Esses olhos cor de mel e esse cabelo preto cacheado estão chamando atenção de qualquer um. Sorriu, demonstrando que sabia que, no fundo, talvez eu possuísse alguma insegurança quanto a mim mesma, e colocou a pulseira de entrada em meu pulso.

– Vamos?

Sáimos da frente de sua casa – que mais parecia um pequeno quarto com divisões e um banheiro, e entramos no carro, um celta prateado que Renata ganhara de seus pais, uma vez que viera para a cidade apenas pela graduação e ficaria sozinha todo esse tempo. No rádio, tocava uma música de batidas, tão repetitivas, que se tornavam dançantes. Em poucos segundos, eu me movia suavemente de um lado para o outro, quase sem perceber, fui tomada pelo ritmo e pelo espírito festeiro.

Em poucas quadras, chegamos. Renata estacionara o carro em uma esquina anterior, como forma de precaução, e logo eu notava a cena: muitas pessoas na fila, esperando ansiosamente para entrar, movimentando o corpo quase que em dança, respondendo à música que transpassa facilmente qualquer parede existente. Minhas mãos começaram a suar. Entramos na fila. Isso me deu tempo para observar o local, curiosamente. Era uma casa normal, ou uma república, como dizia o impresso. As paredes pintadas em um tom salmão, com alguns desenhos e frases escritas à mão. Os portões, que barravam fisicamente a entrada de pessoas não permitidas, eram brancos com alguns detalhes nas grades.

Entreguei o ingresso ao homem careca, vestido formalmente. Em seu crachá, o símbolo de uma empresa que atuava na segurança dos eventos universitários em geral, era visível e acompanhava seu nome.

Ao adentrar a casa, a maioria das pessoas dançava ou transitava dançando pelo pequeno espaço. Muitas pessoas que eu conheci durante os poucos meses de faculdade, outras que eu nunca percebi a existência.

– Até que enfim chegaram. Estava me sentindo sozinha – Elisa disse, impaciente e sorrindo. – Venham, vamos dançar – disse, rapidamente, segurando minha mão e puxando para um local repleto de luzes coloridas.

Ao contrário do que tinha imaginado, a festa estava muito boa. Dançamos, nós quatro, sem receio de olhares tortos, até porque éramos parte de toda aquela multidão.

De repente, senti alguém esbarrar no meu ombro. Como não era alta e nem tinha tanto peso, senti meu corpo se movendo um pouco ao lado, desequilibrando-me.

– Perdão! – exclamou, preocupado. – Se machucou?

– Não, não... está tudo bem – sorri, desajeitada, mas simpática.

– Acho que conheço você – disse o rapaz.

Eu o encarei, olhando um pouco para cima devido sua altura, semicerrando os olhos como quem se entregava, tímida, por não reconhecer reciprocamente.

– Você cursa Arqueologia? – disse, um pouco mais alto.

– Sim! – ri, nervosa, por nunca ter visto aquele rapaz antes. – E você?

– Curso Ciências Contábeis, fica perto do seu instituto. Devo ter te visto algumas vezes – sorriu, agora tímido.

Comecei a perceber que aquilo não era bem uma coincidência. Mas, também percebi que alguém, além de mim, também era ruim nos flertes. As poucas luzes atrapalhavam a visão, embora continuássemos a conversar.

Durante a festa inteira ficamos juntos, conversando. Minhas amigas me olhavam como quem esperasse algo a mais, mas eu não estava interessada.

Mas quem diria. Esse rapaz, que me observava pelos corredores da universidade, que esbarrara propositalmente em mim durante a festa para iniciar um assunto qualquer, iria se tornar meu namorado alguns meses depois.

E depois de anos, seria o meu marido.

Laranja. Tudo de novo, todos os dias

Agora sou mãe, casada, e tenho 33 anos. Como mulher, sigo a minha rotina, segundo a sociedade, repleta de lições que são quase imutáveis – exceto aos finais de semana. Crescemos com ensinamentos de casa, que algumas incumbências são nossas, assim como crescemos acreditando que possuímos mais facilidade para certas tarefas que particularmente acredito que homens não seriam tão capazes de realizá-las quanto nós somos.

A rotina de Eduardo, meu marido, é tão pesada quanto a minha, no que se refere ao trabalho. Ao chegar em casa, Eduardo está extremamente cansado, sem disposição para qualquer outra atividade. Assim como eu.

Como disse, Eduardo e eu nos conhecemos em uma dessas festas que ocorrem durante os anos na faculdade. Eduardo cursava Ciências Contábeis, e eu, Arqueologia. Nós adorávamos falar sobre o que aprendíamos diariamente, ou sobre as frustrações, angústias e felicidades que esses anos proporcionaram. Hoje, ele presta serviços de contabilidade e eu sou professora na Universidade em que estudamos. Nós nos formamos, casamos alguns anos depois e logo engravidei.

Nicolas é nosso filho. É uma criança muito inteligente e disposta, com apenas quatro anos. Ainda que seja por sua hiperatividade e extrema energia, mesmo que seu déficit de atenção às vezes o atrapalhe na aprendizagem, ele consegue ser habilidoso com o que lhe é pedido. Nicolas é um pequeno artista não descoberto. Rabisca, desenha e pinta qualquer superfície – não as paredes, depois de longas conversas – que acredita ser apoio para sua arte abstrata que às vezes possuía formas.

Porém, Nicolas não fala muito mais do que apenas “laranja”. Suas brincadeiras são gritarias de palavras que nem eu mesma, como mãe, às vezes entendo. Eduardo e eu o levamos em uma consulta e parece que está tudo bem. Iniciei consultas com fonoaudióloga há pouco tempo, e o coloquei para desenvolver outras atividades, para que ficasse mais calmo à noite.

Depois de uma semana cheia de afazeres, repleta de mudanças, reuniões, aulas e afins, combinei, com amigas antigas dos tempos da faculdade, de nos encontrarmos para tomar um café e conversarmos sobre o tempo que se passara desde nossa formatura. Combinamos nosso encontro em uma galeria antiga, em que a lanchonete – geralmente bem frequentada – traz consigo uma decoração mais rústica.

Ao entrar no local, avistei Bárbara, Renata e Elisa, que me encaravam felizes com minha chegada. Bárbara, antes loira, agora estava ruiva e bronzeada. Parecia ter feito algum procedimento estético em seu nariz. Renata e Elisa eram as mesmas de sempre, sem muitas mudanças físicas. Depois da rápida inspeção, percebi que se levantaram, me cumprimentando com beijos no rosto e depois voltamos à mesa.

– E aí, agora estamos completas – sorriu Renata. – Como estamos?

Após essa pergunta, desenvolvemos uma interminável conversa sobre tudo o que estávamos planejando, nossas rotinas atarefadas, nossas conquistas.

– Precisava contar a vocês que consegui passar na seleção do doutorado em Arqueologia, recebi o resultado esta semana, depois de muito esforço. E então, vou precisar me mudar, mas ainda estou um pouco indecisa, receosa... Vou para o Peru. Minha vida está uma tremenda confusão – desabafei. – A viagem será no final do mês. Vamos ficar lá por dois anos, depois retorno para continuar minha pesquisa aqui no Brasil.

Todas me olhavam boquiabertas, provavelmente por estar recebendo a notícia da mudança em cima da hora. Continuei:

– O que está me preocupando é o Nicolas. Eduardo o ajuda mais do que eu no desenvolvimento das atividades, porque eles iniciaram juntos a escola de idiomas, para aprenderem espanhol. Nicolas já está com quatro anos e não pronuncia muito bem as palavras. Está sempre vidrado em laranjas.

A conversa seguiu por algumas horas, e tudo girava em torno de atualizar umas às outras sobre nossas vidas. O que cada uma tinha em comum, além da formação profissional, era a longa jornada dupla de trabalho, em que temos nossos empregos e nossas casas e que, às vezes, 24 horas no dia não eram tão suficientes para que saíssemos com a sensação de ter superado todas as demandas de um dia produtivo.

Ao chegar em casa, me deparo com novas coisas a serem feitas: organizar tudo o que Nicolas, agora adormecido junto a Eduardo em nosso sofá, deixara bagunçado.

Cansada, resolvi tomar um banho quente e me deitar para dormir. Amanhã arrumaria tudo isso.

A rotina aos domingos era um pouco mais preguiçosa. O almoço está sempre pronto umas horas depois do que o habitual, depois de toda a casa estar organizada.

Ainda pela manhã, chequei meus *e-mails*, dei entrada em alguns documentos, vi alguns requisitos referentes à mudança.

– Não sei como você consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo. Não se cansa? – disse Eduardo, rompendo o silêncio, me dando um beijo no rosto que mais parecia um “bom dia”.

– Mulheres claramente conseguem prestar atenção em várias coisas ao mesmo tempo. – respondi sorrindo, estendendo-lhe a bochecha, segurando sua mão. – Mas qualquer pessoa consegue. Basta esforçar a mente!

– Eu, com certeza, nem em outra vida, conseguiria ter essa habilidade. É quase um superpoder – ri. – Nicolas ontem comeu três laranjas após o jantar. Acho que foi um recorde. Segundo ele, laranjas são laranjas. É definitivamente uma língua nova.

Ri, preocupada. Eduardo notou a preocupação em meu sorriso amarelo e me afagou os braços.

– Calma. Eu até acho que ele aprende as coisas, mas prefere ficar mais calado, correndo de um lado para o outro – sorriu, condescendente. – Ele com certeza entende melhor. As tarefas de espanhol são mais fáceis para ele... Vejo que ele aprende mais facilmente do que eu.

– Mas, não fala bem nosso idioma – respondi.

– Laranjas são sua língua – sorriu. – Tenha calma, ele ainda é pequeno, não há nada de errado com ele.

Continuei o que estava fazendo, até fitar Nicolas vindo em minha direção. Os cabelos cacheados e pretos, os olhos negros e a pele parda são traços herdados de Eduardo. Passou a mão em meus cabelos e me fez um carinho na bochecha, me observando.

– Mamãe?

– Oi, filho. – O olhei, esperançosa de que dissesse uma frase diferente de...

– Laranja? – sorriu, tímido.

– Claro – respondi, acostumada. Levantei-me da cadeira e fui rumo à cozinha. – Você sabe fazer café? – disse surpresa, encarando Eduardo colocando a água quente no pó de café, enquanto escolhia a laranja de Nicolas, que ria debochadamente.

– Com você tão atarefada, vi uma receita na internet – sorriu Eduardo. – Além disso, a universidade me ensinou muita coisa, além de cálculos e macarrão instantâneo com salsicha. Mais uma laranja, Nic? – perguntou.

Nicolas balançou a cabeça para cima e para baixo, veementemente. Afinal, laranjas são seu mundo.

– Amor, tenho tantas coisas para fazer. Sinto como se estivesse sendo engolida.

Eduardo colocou a louça na pia, me afagou novamente nos braços, agora me envolvendo. Sua altura permitia que minha cabeça chegasse ao seu peito, que me devolvia a sensação de segurança.

– Não precisa dar conta de tudo o tempo todo. Serão só uns dias turbulentos, logo conheceremos o Peru. Eu poderia me oferecer para te ajudar com algumas coisas da faculdade, mas tem coisas que só mulher possui a capacidade de desenvolver. Essencialmente como você sempre diz – sorriu.

– Eu sei – concordei.

Voltei ao quarto. A mesa do computador e a cadeira pareciam muito frias, como se me dissessem para descansar e retornar depois. Decidi fazer uma pausa, uma vez que passei a manhã inteira organizando documentos e estressada com prazos. Talvez eu precisasse cuidar um pouco melhor de mim, ou fazer coisas que me deixassem um pouco menos ansiosa. Decidi jogar uma água no rosto, e enquanto fazia isso, percebia como estava cheia de olheiras e criando marcas de expressão.

Um tempo depois do almoço, tirei um momento para me exercitar. Decidi correr, era em torno das cinco e meia da tarde quando coloquei meus tênis e saí para a caminhada seguida de uma corrida.

Enquanto fechava o portão, observava de longe Nicolas correndo de Eduardo pela sala. Os dois eram praticamente melhores amigos.

Ao voltar da corrida, Nicolas estava fazendo suas tarefas de espanhol. Sentei-me no chão, ao lado de sua mesa e o observei. Ele continuou pintando, me observando por vezes pelo canto do olho, até que parou e me fitou, sorrindo, mas claramente incomodado. Eu acariciei seus cabelos, levantei e fui tomar um banho quente, revigorante por sinal.

Durante o resto da noite, jantamos, eu organizei a cozinha e a bagunça que restara do dia, enquanto Eduardo também se esforçava no espanhol. Ouvei ele dizer a Nicolas de longe:

– Como você entendeu tudo isso? Eu não entendi nada! – disse Eduardo, surpreso e inquieto. – Talvez você tenha uma chavinha aí que roda diferente. Ou porque eu já estou mais lento por ser adulto.

– Ou porque ele passa a maior parte do tempo fazendo essas tarefas, enquanto você, nos tempos livres, só quer saber de filmes e ficar deitado – debochei, de longe.

– Engraçadinha – riu, retribuindo o deboche. – Mas é verdade! Crianças com certeza aprendem mais rápido do que adultos esses idiomas novos. O cérebro está mais novo. – Justificou ele.

– Não é verdade. Há uns dois meses estava lendo a edição da revista *Psiquê* que abordava justamente essa parte de cognição – falei, por fim. Percebia que Eduardo, por ser cinco anos mais velho do que eu, acreditava que já não teria mais a mesma capacidade para aprender novas coisas, sobretudo, idiomas. Nicolas com tarefas infantis possuía um avanço maior do que o dele, mas isso se justifica por sua persistência diária em aprender mais. Em consequência do cotidiano corrido e atarefado, Eduardo não dispunha de tanta vontade quanto a do nosso pequeno, que passava o dia comendo laranjas e pintando novos formatos na escolinha. – Estava bem claro que a diferença é apenas a maior consistência no aprendizado. Crianças aprendem mais pela persistência de aprender, pela necessidade de ser aceito em meio aos coleguinhas. Você, adulto, quer aprender porque vai passar um período no Peru.

– Está me convencendo – disse, atento. – Continue.

– Quando comecei aprender o espanhol, precisei me libertar de certas amarras. Eu o comparava com a língua brasileira, e, posteriormente, ao inglês. E isso me atrasou muito, porque o espanhol ultrapassa um pouco essas barreiras. Algumas palavras que conhecemos como feminina ou masculina, muitas vezes no espanhol até parece feminina, mas quando você vai ver, é masculina no português. Como “o leite”, por exemplo. Ele me olhava como quem estivesse experimentando uma série de explosões cerebrais. – Não se rotule pela idade, querido. Você conhece seu potencial, pode alcançar o que quiser – o beijei na testa. Não sei o porquê de não ter falado isso antes para ele. Talvez porque no fundo estivesse esperando o momento certo em que ele, de algum modo, confessasse seu sentimento de incapacidade frente ao aprendizado de uma nova língua, ao se comparar com Nicolas, um menino hiperativo que precisa estar a

todo momento sendo estimulado com coisas com as quais se sinta desafiado – neste momento era uma língua nova.

Dias se passaram. Mas tudo são... Laranjas?

Estamos, agora, perto da nossa mudança. Meu desespero se acentuou, uma vez que sinto como se estivesse segurando um mundo de decisões. Estou pensando, agora, em desistir de tudo. Parece loucura. Mas é meu sonho.

– Nem pensar. – Eduardo semicerrou os olhos, me fitando. – Não vai desistir agora. É seu sonho, planejamos isso por muito tempo. O que está errado? Converse comigo, estou aqui.

Comecei a choramingar. Nunca algo me pareceu tão vago, tão frágil. Incoerente.

– Estou com medo. Não estou dando conta de tudo, tem o Nicolas para cuidar e quase não estou dando atenção, tem essa viagem para organizar, coisas para encaixotar, casa para alugar, móveis para comprar, móveis para vender, pendências para resolver na universidade...– coloquei as mãos na cabeça, deixando-as escorregarem pelos cabelos e pelo rosto, acompanhadas de um suspiro cansado.

– Você não é mulher maravilha, entenda isso. – Eduardo segurou minhas mãos. – A partir de hoje, eu me comprometo a fazer as coisas da casa e cuidar dessas pendências relacionadas à moradia. Mas você precisa me deixar participar de tudo. Nossa viagem é em um dia, amor. Você não pode desistir de algo que é um sonho seu há tanto tempo. Só você sabe quanto tempo sonhou com essa viagem ao Peru. Nós nos organizamos financeiramente, deixamos de ter coisas novas, um carro melhor, para que pudéssemos ir ao Peru para seu tão sonhado estudo. Você é forte. É capaz de tudo isso, só precisa entender que é uma só, e que as coisas se resolvem, às vezes, em passadas pequenas.

Ele continuou falando por alguns momentos, me dando forças. Eu só tinha a tarefa de escutá-lo, pois sabia que ele também se esforçou, durante todos esses meses e ano, por mim. Após essa conversa, observei a casa revirada, embora tudo me parecesse tão distante. Resolvi ir ao mercado para comprar laranjas para Nicolas e fazer algumas compras a fim de que tivéssemos uma refeição especial de despedida do nosso lar que, agora, seria lar de outra pessoa durante os anos em que passaríamos fora.

Tomei um banho e me vesti. Ao terminar, peguei as chaves do carro em cima do que seria uma mesa de cabeceira, agora embutida dentro de uma caixa de papelão. Ao passar pela sala, me deparei com Nicolas deitado no chão, de bruços. Seus cotovelos apoiados no chão denunciavam a postura de quem estava desenhando e colorindo seus próprios desenhos. Parou. Me fitou. Sorriu, e antes que pudesse abrir a boca, eu disse:

– Mamãe está indo ao mercado. Trará laranjas para você – sorri de volta, observando sua felicidade.

Dirigi até ao mercado e fiz uma compra substancial. De lá, fui até a casa de minha mãe para entregar parte das compras. Fiz uma visita a ela, como quase todos os dias. Acho que ela sentirá muito a minha ausência, mas sentia que, mesmo em silêncio, ela me abençoava.

Após a visita, decidi ir até a casa de Renata, para revê-la. Ao chegar, ela estava me esperando na entrada, próxima ao portão branco. Com um sorriso no rosto, me convidando a entrar, apontava para as cadeiras de fio escuras, com uma garrafa de café e xícaras, além de biscoitos de queijo. Enquanto saboreava o café, lembrando dos tempos da academia, conversávamos. Dessa forma, seguimos por alguns bons minutos sobre diversos assuntos, não mais centrados nos afazeres, o que me aliviou o peso nos ombros. Por fim, me contou que estava grávida de seis semanas. A surpresa foi tamanha que, em um primeiro momento, não acreditei. Depois, fizemos festa, pulando de felicidade, animadas.

Decidi ir embora quando me lembrei das compras que estavam no carro, provavelmente abafadas. Despedi-me de Renata com um longo abraço e um imenso desejo de que logo nos reencontrássemos, afagando sua barriga, enquanto sorria para ela, que sorria de volta, exalando um sentimento de orgulho, por nós duas.

Ao fazer o caminho de volta para casa, minha percepção parecia estranha. O sinal verde, de quem poderia avançar. Observei as pessoas nas ruas, coloridas, não mais somente laranjas. O céu estava repleto de nuvens, e o sol escondido atrás delas, como quem quisesse aliviar o calor. Sinal verde, novamente. Geralmente costumava passar mais tempo parada do que no caminho, em si, de volta para casa.

Acho que fiquei fora cerca de duas horas e meia ou três. Em frente de casa, a água escorria pela rua. Logo notei as figuras, uma alta e uma baixa, friccionando os pisos rapidamente.

– Mamãe. – Nicolas veio, somente de bermudas, todo molhado, até a mim. Me abraçou, chegando ao meu quadril. – Queríamos fazer surpresa. Mas você chegou antes da hora. – Eu o fitei. Parecia outra criança. Vasculhei a memória e cheguei à conclusão de que não me lembro de ter tido outro parto neste meio tempo. Ao fundo, Eduardo gargalhava. – O que foi, mamãe?

– Você fala.

– É claro – riu, destoando o riso em um deboche infantil.

– Você limpou a casa toda – olhei em volta. – Sem mim – encarei Eduardo, ainda boquiaberta.

– Fiz errado com você esse tempo todo. Como disse, você não é mulher maravilha. É um ser humano, como eu, que quer e merece ter momentos de descanso. E prometi que as coisas mudariam, a partir de hoje. Só não quero que desista.

Nicolas trouxe até mim a pintura que estava se dedicando desde que saí de casa. Não eram rabiscos, e sim uma pintura da nossa família, em bonecos de palatinhos, segurando as mãos, em um dia feliz e ensolarado. Sorri, pensando que deveria pagar algumas aulas para o que ele realmente gostava de fazer: desenhar e pintar. Usar tinta.

Após descarregarmos as compras do carro, continuei encarando Nicolas, talvez um pouco perplexa. Para me surpreender, ainda conversou em espanhol. O que me deixou, ainda mais, em um sentimento de inevitável êxtase, em um nível máximo advindo do maior sentimento de surpresa que já senti.

Malas prontas, sonho a caminho. E o mundo? Colorido

Eduardo e Nicolas fizeram um trabalho grandioso. Ambos sabiam se conectar ao novo idioma cada vez mais, o que me deixava mais tranquila ao pensar nos períodos em que os dois passariam sozinhos.

Observei o aeroporto, extremamente moderno. Tudo estava muito iluminado e sinalizado, com paredes de vidro que denunciavam as inúmeras pessoas que se movimentavam, umas apressadas, outras talvez confusas. Umas se revelavam turistas, devido a suas incompreensíveis línguas, outras eram residentes retornando aos seus lares. Ao descer do avião, trouxe comigo um sentimento de aperto no peito, traduzido em uma aventura, uma nova história a ser vivida.

Pegamos nossas malas e chamamos um motorista: iríamos para nossa nova casa. O dia estava mais fechado, eram cerca de duas da tarde e fazia dezenove graus. Ao contrário do que estava acostumada, por aqui o vento bagunça os cabelos e esfria o corpo de uma extremidade à outra.

Nossa nova casa fica em Lima, capital do Peru, e a faculdade em que realizarei o doutorado estava ali, embora eu precisasse ir até Machu Picchu algumas vezes para desenvolver a pesquisa no local – por volta de 500 quilômetros de distância da minha casa. No que se dizia respeito à locomoção, já estava tudo bem arquitetado, o que era uma preocupação a menos.

O caminho do aeroporto até nossa casa foi marcado pelo silêncio curioso. Nicolas, Eduardo e eu estávamos com os olhos grudados na janela, tentando guardar cada novo pedaço que se passa a 50 quilômetros por hora. O motorista foi muito gentil, e logo nos informou sobre restaurantes, academias, bares, supermercados e bancos que fossem mais próximos a nós. As ruas, em geral, eram muito limpas e muito movimentadas. Tudo era do jeito que eu aparentemente gostava: o céu cinzento, o frio e a beleza local. Algumas ruas, por alguns bairros periféricos, eram semelhantes às ruas de São Paulo, não tão organizadas como as principais. Essas ruas pareciam ter uma tonalidade acinzentada mais forte do que o natural. Algumas casas e prédios eram pichados, desertos.

Enquanto o motorista falava, Nicolas apreciava atenciosamente o caminho, e claro, com uma laranja nas mãos.

– Mamãe, podemos morar aqui para sempre? – pontuou, sério.

Ao que parecia, Nicolas e Eduardo já estavam encantados com a cidade de Lima, o que não era muito difícil de acontecer.

Chegamos até nossa casa no bairro Miraflores. Os proprietários de quem alugaríamos o local já estavam à nossa espera.

– Sejam bem-vindos! – disse Juan. – Vamos começar nosso *tour*?

– Obrigado! Muito obrigado pela disponibilidade de nos atender neste horário. Achamos a cidade muito bonita. O bairro é seguro? – perguntou Eduardo.

– Nossa Lima é linda. Este bairro não só é seguro como possui lugares para saírem à noite – respondeu Juan, gentilmente, enquanto abria a porta da frente.

Juan nos apresentou a casa toda, o que parecia ser uma casa tranquila e segura. Estava limpa, como quem esperava os novos moradores. Colocamos nossas malas na sala, e nos despedimos do motorista.

A casa possui dois quartos, dois banheiros, uma cozinha e sala conjugados e uma pequena lavanderia. As portas da frente e de trás possuíam grades que se fechavam antes delas, e se enfeitavam com flores e plantas. O interior da casa estava pintado de cores claras em tons pastéis, inspirando aconchego. Assinamos o contrato e fizemos um pagamento prévio.

Quando estávamos sozinhos, Eduardo e eu fizemos as trocas de roupas de cama substituindo-as pelas nossas. Providenciamos também uma lista de locais que vendem móveis para, no outro dia, terminar de mobiliar a casa. Havia duas camas com mesinhas de cabeceiras, balcões e bancos, uma mesa de madeira para quatro pessoas, e mais um armário na cozinha. Precisaríamos comprar geladeira e fogão.

O resto do dia decidimos dar uma volta pelo bairro para conhecermos e procurarmos um lugar para comer. Ao retornarmos para casa, pelo cansaço, tomamos um banho e nos deitamos. Eduardo me observou durante uns segundos.

– O que de tão interessante há neste teto? – deitou-se de forma a olhar para cima, me acompanhando, cruzando as mãos sobre a cintura.

– Não sei. Estou angustiada. E se...

– Tudo dará certo. Já está dando. Estamos aqui, agora, conforme seu sonho desde que nos conhecemos. – Virou e inclinou-se, dando um beijo leve em meu ombro. – É tudo novo. Mas você é a mesma. Você pode ser o que quiser – sorriu, transbordando o apoio de sempre. Deitou a cabeça em meu travesseiro, próximo a mim, me abraçando pela cintura.

A fala calma me trouxe tranquilidade. Logo, trouxe o sono pesado de quem precisava descansar.

Enfrentando o novo

Dias se passaram e tudo já estava resolvido. Os documentos do doutorado estavam regularizados, bem como a casa mobiliada, Eduardo estava à procura de um emprego e Nicolas de posse de suas laranjas,

materiais escolares e matriculado para aprender a pintar telas. Tudo estava harmônico. O que poderia faltar?

Vesti-me da forma mais elegante e apropriada ao primeiro dia. Ao descer do carro e me despedir do motorista de aplicativo, avistei a universidade e, na minha percepção que acompanhava a minha taquicardia, tudo estava acelerado.

Adentrei a universidade, procurando pelos blocos. Os ares e a aparência interior lembravam muito as universidades brasileiras. Posicionei meu corpo, de forma automática e medrosa, em frente à porta. Aquilo era tudo o que eu sonhara. Ao abrir, surpresa: a maioria dos pesquisadores, doutorandos e doutores, eram homens. No canto esquerdo, havia uma roda de três mulheres. Os doutores conversavam descontraidamente, enquanto as doutoras estavam mais comedidas, desconfiadas. Tensas, talvez, assim como eu.

Assenti, firme, sem demonstrar qualquer medo, como quem cumprimentava, enquanto colocava minha pasta – com minha documentação e projeto de pesquisa – sobre uma mesa, próxima às mulheres.

Aquele foi o primeiro encontro para nos conhecermos melhor. Logo conheci meu orientador. Um senhor de meia idade, embora já apresentasse cabelos grisalhos e uma aparência ranzinza. Seus olhos eram verdes escuros, amendoados e me observavam, mal-humorados, semicerrados, como quem me engoliria após qualquer passo em falso que eu pudesse dar.

– O que você pretende com isto? – perguntou-me, intimidador.

– Mapear todo o local e fazer um estudo aprofundado, como está no objetivo do projeto – falei, com firmeza e autoconfiança.

Para minha surpresa, Luíz Garcia riu, debochando.

– Você? – apontou para mim, descrente.

– Sim – falei, sem perceber que a voz saíra trêmula. Incrédula, esperei para que ele terminasse seu pensamento.

– Olha – checkou meu nome nos documentos – Letícia, eu não sei se você reparou na sala de aula em que estava há uma hora. Mas há muito mais homens por aqui do que mulheres. Isso é claramente porque a Arqueologia é masculina. – Constatou, apontando às folhas do meu projeto – E muito me admira você querer desenvolver um trabalho desses, de dimensão espacial. É claramente, hoje, difundido pela ciência, que mulheres e homens possuem capacidades cerebrais diferentes, e isso precisa ser lembrado para haver uma melhor colocação.

Enfureci-me, ainda mais incrédula. Embora sentisse o coração e o corpo queimando, e a respiração estivesse levemente descompassada, devido ao sangue correndo acelerado pelas veias, me mantive na postura de confiança. Eu confiava em mim, apesar de qualquer argumento. Confiava completamente na minha habilidade e pesquisa durante todos esses anos. Mas algo estava abalado aqui dentro. Talvez fosse

a incerteza do local, ou a quebra de expectativa pelo tão sonhado doutorado por aqui. Algo estava trincando, e eu poderia sentir. O machismo era claro. Pensei em desistir, juntar as coisas e ir embora. Pensei em Nicolas, e em sua felicidade, e como também poderia crescer. Ouvi Garcia dizer algo, mas não entendi, tudo parecia uma névoa.

– Ora, não se intimide com o que estou dizendo. Estou alertando por talvez estar trabalhando tanto em algo que não trará consistência. Vou te dar até amanhã para repensar. Ainda há tempo para desistir deste projeto.

Sem dizer nada além de um audível “obrigada” em que não havia sinceridade, levantei-me, guardei os documentos na pasta e fui para casa.

– Como assim? – Eduardo disse, quando cheguei em casa e despejei todo o ocorrido, demonstrando o dobro de incredulidade. – Ele não pode te dizer o que fazer ou não fazer. Você não vai desistir.

Lidando com os preconceitos...

No dia seguinte, compareci à sala de Garcia que, quando me avistou, arqueou as sobrancelhas.

– Já possui uma resposta?

– Sim. Estou aqui por um sonho, há muito tempo construído. Podemos começar meu trabalho?

Observei um sorriso irônico no canto de sua boca. Pediu-me para que eu sentasse à sua frente, e começamos a traçar planos de trabalho e um cronograma de viagens até Macchu Picchu. Até então, tudo tensionado, mas coerente. Ignorei por vezes o que ele dizia, entrelinhas, que eu não seria capaz de fazer um trabalho de homem. Eu, que sempre acreditei nisso, me proibia de acreditar de forma tão concreta: dentro da minha profissão.

Dias transcorreram após todo este início carregado de machismo velado pela ciência em que Garcia acreditara, além de sua dureza.

Acordei cedo, despedi-me de Eduardo com um beijo leve, que também se levantou para seu dia de trabalho corrido. Nicolas ainda estava dormindo, preguiçoso, após pedir mais cinco minutos de descanso.

Fiz uma viagem de Lima a Águas Calientes, um vilarejo próximo ao destino final, em um ônibus alugado para os demais colegas. Decidimos descansar para, no outro dia pela manhã, pegar vans para fazermos todo trajeto até a Cidade Perdida dos Incas.

Alguns orientadores aproveitaram a oportunidade para acompanhar seus orientandos. O meu, ao contrário, preferiu me esperar no local para a coleta de dados.

Em meu quarto, após tomar um banho quente e refletir sobre a saudade de Eduardo e Nicolas, sobre o que estariam fazendo naquele momento, sobre o dia e sobre os três dias intensos que se seguiram a partir do dia seguinte, caí em um sono pesado, semelhante ao primeiro dia cansativo em que cheguei em Lima.

Entendendo minhas falhas...

Cedo, senti o mau humor, apesar da felicidade pela viagem. Nunca fui muito boa em acordar tão cedo. Mandei fotos do local, antes de entrar na van, para que Eduardo e Nicolas pudessem me acompanhar um pouco mais de perto.

Dali, seguiu-se trinta minutos até o parque. Enquanto seguia a viagem, ouvia músicas e lia um artigo, tomando um café quente. Helena, uma das mulheres, cutucou meu ombro, com uma feição um pouco mais amigável do que a minha. Pausei a música, e a encarei, retirando os fones de ouvido. Seus cabelos loiros e cacheados se movimentavam, soltos, com cada curva que a van fazia.

Conversamos por todo o trajeto, o que parece ter servido de uma calmaria para ambas. No fundo, sabíamos a importância de nos darmos apoio.

– Você mexe no celular ao mesmo tempo em que escuta música, olha o artigo, toma o café. Como consegue? – Helena questionou, curiosa.

– Meu superpoder – ri. – Mas no final, é como se eu desse conta de tudo e de nada, ao mesmo tempo...

– Sim! E funciona dessa forma mesmo – riu – Não bem dessa forma, mas essa crença de que damos conta de várias coisas ao mesmo tempo é errada...

– Sério? Mas eu sempre consegui focar tão bem... – falei, não acreditando muito bem em suas palavras, dando ênfase e orgulho ao meu múltiplo foco.

– Sim, o que acontece é apenas uma ativação cerebral para as diferentes tarefas. Você está lendo seu artigo, mas não está prestando atenção na música. Se parar para escutar a música de fato, não entenderá a mensagem que chegou ao seu celular ou algo do artigo. Pode até ler, mas não terá atenção.

Uma cortina se abriu para mim. Entendi o porquê das falhas em algumas leituras e escritas. Sempre acreditei que era possível, embora ficassem menos fixadas na mente. Helena falava, enquanto eu observava os movimentos da van, e claramente aquilo fazia sentido.

– Eu achei que fôssemos sim, multitarefas, se posso chamar assim. Ainda mais nós, mulheres.

– Com certeza não há diferença nos gêneros. O que acontece mesmo é apenas essa mudança brusca no foco do que você está fazendo. E com o tempo a gente se sente mais cansado, desfocado, porque isso exige muito da mente.

Eu a olhava absorvendo cada uma de suas palavras. Helena revelou que possuía um afínco ao estudo, assim como eu, para coisas relacionadas ao cérebro e seu funcionamento, embora eu não possuísse tanto tempo para estudar essa ciência.

Cada palavra que saía de sua boca claramente era uma novidade, embora percebesse essa não integralidade de atenção em cada tarefa feita ali, várias no mesmo momento. Sem esforço, lembrei-me das inúmeras vezes em que Eduardo apontou que não conseguia se dedicar tanto a várias coisas, como eu. Lembrei também de como as tarefas de Nicolas saíam em qualidades não tão boas quando ele decidia fazê-las e ver desenhos ao mesmo tempo.

Seguimos nossa pequena viagem conversando sobre os mais diversos assuntos, isso ao menos me distraía das inúmeras curvas bruscas que nossa van realizava.

Helena possuía um perfil curioso e proativo. Contara que, além de ser Arqueóloga, possuía outras formações e que arte era sua paixão. Quase não acreditei quando me disse que a Arqueologia também a fazia conhecer novos lugares, lugares estes que ela eternizava e compartilhava, ao pintá-los em telas. Conteí a ela sobre Nicolas e sua paixão pela pintura, e ela me informou que poderia dar aulas a ele em tempos livres, para amenizar suas ansiedades e agitações.

Enquanto tagarelávamos, o sol se esforçava em deixar o céu ao menos mais claro. Percebemos uma redução nos movimentos da van, e logo notamos multidões de pessoas ansiosas esperando para a entrada.

Este seria nosso primeiro contato, mais propriamente para conhecer e reconhecer o local, como uma visita técnica. Logo o reconheci: cabelos lisos e grisalhos, face ranzinza e aparentemente mais impaciente que o normal. Como quem claramente se incomoda ao me ver, me cumprimentou apenas balançando a cabeça e gesticulando para que eu o acompanhasse.

– Você já havia conhecido algo assim? – perguntou, parecendo se esforçar para ser minimamente gentil.

– Ainda não – dei um sorriso, na tentativa de quebrar o gelo das primeiras impressões. – Mas estou curiosa.

García sorriu ironicamente. Ele parecia possuir o dom de tentar me menosprezar sem precisar ao menos mostrar os dentes. Mas eu estava ciente – e determinada – que ele ainda mudaria de ideia quanto à capacidade feminina de se destacar.

– Você trouxe água, repelente, coisas para comer? – perguntou-me – A partir daqui, vai ser muito sobe e desce... São quatro horas de duração do passeio.

– Trouxe sim. Vim preparada – sorri gentilmente. Ao que parecia, García era brusco, mas nada imutável.

Iniciamos nossas subidas. Confesso que o sedentarismo por algumas vezes me lembrou da necessidade de fazer umas caminhadas ou, quem sabe, matricular-me na academia. Em quinze minutos já podia sentir minhas pernas torneadas – e muito cansadas.

A vista era linda. Envolve muita história, muito além da Arqueologia. Muito além de qualquer pesquisa, a sensação era incrível. O ar era mais úmido, e não fazia tanto frio. Tirei inúmeras fotos que com certeza, depois, eu as enquadraria. Como o nome bem diz, parecia mesmo uma cidade muito antiga. Tudo construído de forma muito planejada. As nuvens tornavam o cenário ainda mais instigante. Respirei fundo e sabia que, após aquela imagem toda, não desistiria.

Antes de qualquer história, envolve muito mistério. Mas a energia transmitida naquele local é, sem dúvidas, impressionante. Observei a cidade que fora construída com tantos detalhes. Os degraus eram esculpidos até as construções, que foram erguidas com pedras em uma precisão magnífica. O local todo ornava. A cidade, construída com pedras, combinava bem com as montanhas que a rodeavam, com o verde da grama que se estendia por todo local.

Ao terminar o passeio, nos reunimos novamente e decidimos ir até a cidadezinha fora do parque para almoçar e conhecer mais o local. Lá, havia muitas lojinhas de souvenir. Imaginei Nicolas enlouquecendo com as camisetas de lhamas – animal muito comum por ali desde a época dos Incas, combinando com Eduardo, e assim, as comprei. Fizemos esses percursos durante os três dias, e ao final deles, algumas ideias novas já faziam parte do meu repertório – que eu particularmente acho muito criativo.

Destes três dias, delimito meu objeto de estudo, e anotei as diversas ideias que tive. Tirei muitas fotos e as armazenei junto com outros documentos que encontrei sobre o local. Helena e eu nos tornamos mais próximas durante os momentos de descanso, e dentre nossas conversas, eu aliviava as tensões com assuntos diferentes e algumas risadas. Mais do que minha intensa vontade de ir embora para ficar distante de García, estava ansiosa para abraçar Nicolas e Eduardo e descansar em casa.

O aconchego do lar...

Ao chegar e deixar minha mala no chão, senti os pequenos e gordinhos bracinhos de Nicolas se esforçando para envolver minhas pernas.

– Mamãe, que saudade. A comida do papai é muito ruim. Até perdi meu buchinho – Olhou para mim, rindo. – Mas ele se esforçou. Embora a fala de Nicolas ainda não esteja completamente desenvolvida, hoje já é compreensível, principalmente para nós, pais, que convivemos com ele diariamente. As idas à fonoaudióloga estão apresentando resultado.

– Oi amor – me cumprimentou Eduardo, rindo de Nicolas e me abraçando forte, dando-me um beijo rápido. – Fiz macarrão à bolonhesa todos esses dias. O comilão está até com as bochechas redondas. Você acredita que ele comeu três laranjas durante a tarde durante esses três dias?

– Ah, guloso! – fiz cócegas em Nicolas, que ria orgulhoso de sua capacidade de parecer insaciável para laranjas.

Eduardo e eu fizemos o jantar. Nicolas parecia inquieto, como sempre. Pulou pela casa inteira durante este tempo, e por felicidade de nos ver juntos novamente, disse que comemoraria comendo o máximo de laranjas possíveis, não deixando para os próximos dias – ou até, para nós.

– Papai fez um macarrão horrível esses dias todos. Eu não acho comida ruim, mamãe, você sabe, mas a dele estava péssima. – Cochichou. – Acho que comi um saco de laranjas inteiros para ver se enchia depois dos almoços e jantares.

– Isso é desculpa para essa sua gula. Você comeu muito, está até com a barriga estufada! – ri da situação, embora estivesse preocupada com seus exageros.

– É desculpa mesmo para a gula. – Eduardo enfatizou, arqueando as sobrancelhas. – Mas foram três dias que pareciam ter mais de vinte e quatro horas cada um. Esse menino tem uma energia infinita. Nem parece que somos os pais – riu, lembrando da nossa juventude senil.

Depois de uma intensa conversa sobre o cotidiano dos dois, Eduardo colocara Nicolas para dormir, sentando-se ao meu lado no sofá, enquanto eu aquecia minhas mãos em uma xícara de chá de camomila.

– O que você quer me contar? O orientador novamente te colocou para baixo?

Meus olhos marejaram. Ao final dos três dias, surpreendentemente a minha relação com García parecia ter estabilizado um pouco mais, após eu demonstrar meu conhecimento amplo sobre que estamos redigindo e meu conhecimento de área. Mas ainda assim, mesmo que a relação estivesse um pouco mais amistosa, me sentia insegura. Cheguei a me questionar se de fato a minha profissão era para mim.

Mencionei tudo o que senti e vivi. Abri-me como um livro, expondo as fraquezas e inseguranças de forma que nunca fiz. Eduardo ficará furioso. Questionou-me sobre permitir, sem tanto retrucar, as coisas que García dizia.

– Mas você não acredita nisso sobre você, não é?

– Não!

– Amor, você pode ser o que quiser. Esse negócio de ser homem ou ser mulher, isso é desculpa para ser machista. Você não precisa tolerar isso. – disse, segurando minhas mãos.

– Eu sei. Só não quero perder as oportunidades. Vou provar a ele que essas diferenças que ele tanto diz, e nas quais eu tanto acreditava, não são reais. Não me sinto menos capacitada.

– E não é!

– Eu sei. Só preciso de tempo para me ajustar. Uma hora ele vai perceber que eu sou a melhor – sorri, dispondo um sorriso cansado na face. Fechei os olhos quando Eduardo afagou meu rosto, acariciando-o, transmitindo seu apoio pelo toque. Eu o abracei, por sempre me sentir segura. Meu coração não estava mais tão pesado. Estava feliz por estar em casa. Depois deste tempo, peguei no sono sem ao menos perceber.

Sábado... Desfazendo os nós

Recebi uma chamada de García. Queria que nos encontrássemos para iniciarmos algumas discussões. Encontramo-nos, discutimos e caminhamos de forma muito semelhante. Ele me encarava, surpreso. Por vezes, algum elogio sutil saía de sua boca, antes mesmo que ele percebesse.

García me estendeu novamente o que havíamos traçado como plano de trabalho. Parecia convencido, por um momento, de minhas palavras. Mas ainda assim continuei.

– Desde o primeiro dia que nos conhecemos, estou buscando uma série de provas de que nossos cérebros são iguais. E sabe o que acho interessante? Eles são diferentes.

Encarou-me, com um sorriso sarcástico no canto da boca, em um claro “todos nós sabemos disso”.

– Diferentes em tamanho. Em função neuronal, não. Isso significa que consigo apreender novos conhecimentos da mesma forma que o senhor. Talvez o senhor não esteja tão interessado assim em provar que eu não posso ser uma Arqueóloga reconhecida. Talvez seja só por eu ser mulher.

– Não é. – Ele me olhou, parecendo estar envergonhado. Talvez porque ninguém nunca o retrucava.

– Desculpe. Não queria menosprezá-la. Podemos começar de novo? Afinal, já percebi que será a minha pedra no sapato durante esses anos – riu, envergonhado. – Como foi para você quando escolheu a graduação?

Esta conversa nos rendeu uma aproximação.

Eduardo fez parte deste processo todo. Suas frases eram sempre de quem acalentava todo o coração. “Você pode ser o que quiser. Sua inteligência é invejável.” Ele, por sua vez, domina ainda mais o espanhol. Quando a fluência começou a transpassá-lo, iniciamos viagens juntos.

Nicolas se apaixonava cada vez mais pelo Peru, dizendo que poderia morar ali para sempre. Agora é muito apegado à Helena, que passou a ser amiga da família. Por conta de sua insistência e do amor de Helena pela pintura, aos seus cinco anos, decidira me surpreender me dando o presente: Uma pintura da cidadela dos Incas. Seus traços, perfeccionistas, me encheram de orgulho e esperança de vê-lo se tornando um pintor, um grande artista.

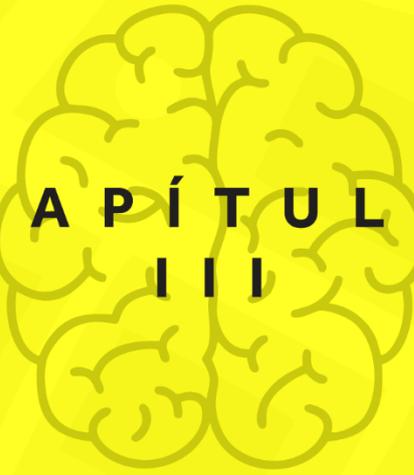
Por outro lado, durante esse tempo, nosso trabalho, meu e de García, já estava todo estruturado e rendendo artigos interessantes para publicações. Conheci o Peru como nunca pensei em conhecer. E sabia que ao final dessa experiência toda, eu sairia dali extremamente mais apropriada de mim.

Quando nos deparamos com o novo, o estranho, tendemos a nos recolher. Ou talvez, nos jogar. Quando tudo se torna laranja, não somos capazes de ver os mínimos detalhes, apreciando somente a monocromia. Quando achamos que somos incapazes, talvez isso nos fragilize. São os nós, das nossas histórias, que precisam ser afrouxados ou desfeitos, à medida que observamos a necessidade deles.

O importante é sempre confiar e sermos quem quisermos ser.



CAPÍTULO III





*Isadora Maria de Jesus Feitosa
Thays Berto Gindri
Mara Regina Rosa Ribeiro*



**Ojogo
virou**

....

Domingo era o dia que a família reservava para seus passeios. Dentro do carro, olhando pela janela, Caio observava as tantas belezas desta grande cidade brasileira à beira-mar, o Rio de Janeiro, maior destino turístico internacional no Brasil, da América Latina e de todo o Hemisfério Sul. O local escolhido naquele dia foi a praia de Copacabana, localizada na zona sul da cidade, considerada a mais famosa do mundo. O mar, normalmente apresenta-se calmo, a temperatura da água é gelada, a praia é coberta por uma areia branquinha, fina... que sensação incrível andar sobre ela, sem falar do lindo pôr do sol, todo final de tarde.

Caio teve uma infância cercada de carinho, seus pais e amigos muito presentes. Hoje com 13 anos, possui uma beleza que chama a atenção, alto para sua idade, pardo, cabelos lisos, olhos de um preto profundo e brilhante, um menino feliz, carismático, e por influência do ambiente em que fora criado, conseguia ver o lado bom da vida.

Mora em uma casa espaçosa, com decoração marcante, que pode ser identificada em cada objeto, pois reflete o gosto de sua mãe pela arte, especialmente relacionada à cidade onde mora, o Rio de Janeiro. Na sala, havia um grande quadro com os contornos bem definidos do Pão de Açúcar e da Baía de Guanabara ao fundo, no centro havia um lustre com cristais em formas que lembravam araras permeadas por lâmpadas, no rol de entrada da casa, ficavam duas esculturas feitas em barro, com aproximadamente dois metros, de tucanos coloridos.

A casa é cercada por muitas árvores e plantas, tudo muito organizado com a jardinagem em dia. Possui, dentre outros cômodos, um amplo salão de festa, academia de ginástica, sauna e sala de jogos. Localizada na Gávea, um sofisticado bairro nobre da Zona Sul, à margem oeste da lagoa Rodrigo de Freitas, tem localização privilegiada, com vista para o monte Corcovado e acesso à praia do Leblon, a sul, o jardim botânico, a norte, e a floresta da Tijuca, à oeste.

Caio era rodeado de muitos amigos, sendo os mais próximos Benjamin e Maria Eduarda. Benjamin, ruivo, com muitas sardas, embora não chame atenção por sua aparência, emana uma luz interior, que faz com que todos da turma queiram estar por perto, é um dos alunos mais brilhantes da turma. Ele e Caio têm as melhores notas da sala.

Maria Eduarda também tem 13 anos, porém seu olhar mostra uma maturidade incomum para a idade, característica que também se aplica à sua beleza. É alta e de beleza incomum, cabelos cacheados e pele parda, mas seus olhos destoam de todo o resto, têm um azul que rouba a cena e prende a atenção. Apesar da pouca idade, é uma menina decidida, sua presença é facilmente notada, de modo que não passa despercebida por ninguém.

O trio é inseparável, porém Caio e Maria Eduarda, cada vez mais apegados, têm algo que ainda não pode ser definido, mas sabem que é algo especial.

Os pais de Caio, Ana e João, sempre estiveram presentes na vida do filho, apesar de trabalharem muito. Sua mãe, Ana, tem 34 anos, uma linda mulher, morena, de cabelos longos, artesã; possui uma loja

no shopping da Gávea, que fica a alguns minutos da sua casa, o local tem cultura, lazer e gastronomia, com muitas lojas, teatros e cinema. “Bicho Carioca” é um estabelecimento sofisticado, com decoração moderna em gesso com tons de bege e branco e prateleiras de vidro feitas sob medida para o local.

Ana produz e vende esculturas de barro com formato de animais típicos do Rio. Os preferidos são o tucano-de-bico-preto, gavião, papagaíno e a jacupemba. A inspiração veio das frequentes visitas, quando criança, ao Jardim Botânico, localizado na Tijuca. Com artes bastante coloridas, a loja é uma das mais conhecidas da cidade, preferida de turistas, que levam as peças para todo o mundo, como lembrança de suas viagens.

João tem 45 anos, moreno, cabelo bem curto, tem semblante fechado, talvez uma característica herdada dos anos atuando como juiz, pois trabalha na área criminal. Profissional muito respeitado em seu meio, prestígio que também carrega no cargo de professor universitário na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

É comum Caio chamar amigos para visitarem sua casa, brincar de correr e esconder, privilégio de morar em uma casa com muito espaço, considerando a cidade do Rio de Janeiro, mesmo em bairros nobres, ser muito violenta.

Em casa, Caio era uma criança tranquila, o relacionamento com os pais é ótimo, assim como o rendimento e comportamento na escola. É muito querido entre os professores e o sentimento é recíproco. Ele costuma se envolver em todas as atividades escolares. Há um professor, que é seu favorito – de ciências, Celso, cheio de ideias, ama fazer projetos, desvendar mitos, incentivar os alunos nas descobertas– e existe uma conexão entre eles.

Ana continuamente lhe ensina a importância de ajudar as pessoas. Ele, apesar da pouca idade, sempre busca ajudar quem estiver precisando de auxílio.

A escola onde estuda, tem um prédio de 3 andares, amplos jardins, lagos e passarelas. Tem muitas áreas externas para os alunos correrem, brincarem e socializarem. Além das salas de aula espaçosas, também há uma variedade de salas para fins especiais, como um estúdio de arte, uma biblioteca, um laboratório de ciências e um salão coberto para esportes, além das quadras externas, e há programação semanal de aulas de esportes.

O laboratório de ciências era o preferido de Caio, onde Celso leciona algumas de suas aulas. Era o primeiro a chegar e gostava de ajudar a organizar a sala, conversavam muito.

Era hora do recreio, Caio estava sentado com Benjamin, enquanto Maria Eduarda havia saído para comprar coxinhas na cafeteria, localizada centralmente no prédio. De repente, um burburinho chamou a atenção da dupla. Três meninos do primeiro ano estavam em volta de um garoto do oitavo ano, que parecia apavorado, era muito magro e usava óculos, cujas lentes eram muito grossas, estilo “fundo de garrafa”.

– Sua menininha quatro olhos! – disse o garoto mais corpulento do trio.

– Olha essa mochila, toda colorida, coisa de mulherzinha! – disse o outro, que ria, enquanto empurrava o garoto, que já estava com seus olhos marejados.

Vendo a cena, Caio deixou sua mochila com Benjamin e se aproximou do grupo, mesmo o amigo segurando seu braço e o advertindo para não se meter na briga.

– Vocês se acham muito fortes né? – disse Caio ao se colocar entre o menino, que nesse momento já chorava copiosamente, e os três agressores. – Quero ver se toda essa valentia vai continuar com uma denúncia para o diretor, com seus nomes e testemunhas!

Os três se entreolharam e mesmo com certa relutância, resolveram se afastar, sabendo das sérias consequências que uma denúncia traria. Caio segurou a mão do garoto, encolhido contra a parede, que agradeceu pela ajuda e saiu caminhando lentamente pelo pátio.

– Você não consegue ficar na sua né, vai acabar tendo problemas, com esse seu costume! – exclamou Maria Eduarda, que tinha chegado há alguns minutos no local, com três coxinhas na mão, e com sorriso no rosto, demonstrando simpatia.

– Podia ser você – respondeu Caio, pegando a coxinha e dando uma mordida, sem dar muita importância ao comentário da amiga.

O presente dos sonhos

Então, enfim chegou o grande dia, seu aniversário. Quando Caio acordou, Ana e João fizeram um lindo café da manhã, e ele sabia que naquela hora ele ganharia algum presente, como era de costume. Depois de comer, Ana pediu para ele a ajudasse a levar algumas peças para o shopping. Entraram no carro e passaram o resto da manhã organizando as peças na loja. Quando chegaram em casa, Ana disse:

– Vá até seu quarto, filho, tem uma surpresa para você.

O entusiasmo tomou conta de Caio, que correu e abraçou a mãe.

– Foi papai quem escolheu – disse Ana, sorrindo.

Imediatamente, Caio subiu as escadas, quando chegou ao quarto e abriu a porta, seus olhos brilharam. Enquanto estavam fora, uma empresa especializada em instalação de computadores, montou todo o aparelho, com uma mesa para computador, suporte para CPU móvel, com tampo adesivado, toda preta com detalhes vermelhos nas laterais, uma cadeira ergonômica, reclinável, de couro, com giro de 360 graus, preta, com detalhes vermelhos iguais à mesa. O computador era lindo, o monitor tinha a tela curva com 35' polegadas, de altura ajustável, mouse 3D, sem fio, óptico, programável, com 15 botões, o fone era projetado para oferecer uma redução de ruído, sem fio e com *bluetooth*. Era o sonho de qualquer garoto. Ele olhou para os pais com um largo sorriso, estava maravilhado com o presente. Sentou-se na cadeira, passou a mão em todos os acessórios que acabara de ganhar.

– Obrigada, amei meu presente – disse Caio, que teve pouco tempo para explorar o presente, pois tinham muitas coisas para organizar da festa.

A festa foi linda, em um clube alugado no mesmo bairro. O tema era “os vingadores”, a mesa estava forrada com toalhas com o símbolo do Capitão América, o bolo era um lindo vermelho reluzente, assim como a armadura do homem de ferro, com muitas velas para a hora dos parabéns. Tinha vários brigadeiros e beijinhos em cima da mesa e muitas outras variedades de doces, tinha muita comida. A festa estava perfeita, ele e seus amigos aproveitaram bastante.

A tão grande e esperada hora dos parabéns chegou, Caio esbanjava felicidade, difícil encontrar palavras para descrever tamanha alegria e contentamento. Cantaram os parabéns e antes de assoprar as velas ele fez um pedido, fechou os olhos e apagou as velas.

A festa chegava ao fim e apenas os amigos mais próximos ainda estavam no local. Sentados em um sofá em uma área afastada do movimento de pessoas, estavam Caio e Maria Eduarda. Ela usava um lindo vestido vermelho, escolhido especialmente para a ocasião, tinha os longos cabelos cacheados presos em uma trança.

Conversavam sobre várias coisas, e naquele momento, falavam sobre uma prova que haviam feito no dia anterior.

– Eu acho que eu fui bem, mas achei bem difícil – afirmou Maria Eduarda.

– Eu acho que eu fui bem, não achei difícil não – arriscou Caio.

– Você sempre sabe de tudo – responde Maria Eduarda, já meio irritada.

– Tudo bem, vamos esperar o resultado! – respondeu Caio, para encerrar a discussão.

Então houve um silêncio e um clima um tanto quanto constrangedor, Caio começou a mexer no bolso como se estivesse procurando alguma coisa, Maria Eduarda segurava um copo de suco. Quando um amigo, da mesma turma da dupla, veio se despedir, ao sair acabou esbarrando na menina e derramando o conteúdo do copo em seu vestido, ele ficou desconcertado:

– Me desculpa Maria. Lamentou o garoto, afastando-se do local.

– Tudo bem, não foi nada – respondeu.

Caio, sem jeito, tentou ajudar a secar a roupa da amiga, ficando muito próximo, os dois se olharam e se aproximaram. Maria Eduarda fechou os olhos, então Caio com as mãos trêmulas, deu-lhe um beijo rápido e logo se afastou, sem saber o que dizer após o ocorrido. O garoto não sabia ao certo o que estava sentindo, um misto de vergonha e felicidade, sentia como se os pés não tocassem o chão.

– Ah! vocês estão aí, estava procurando já faz um tempão, vocês não sabem o que aconteceu... começou Benjamim. – Tá tudo bem? Viram um fantasma? – disse inocentemente, sem saber o que estava acontecendo.

– Nada não. Respondeu, Maria Eduarda, rapidamente.

O grupo saiu do local em direção ao salão principal, Caio ainda atordoado, não disse uma palavra.

O (des)encantamento

Quando Caio chegou em casa foi correndo para o quarto, ainda estava em êxtase com tudo que aconteceu na festa. Olhou para o lado, viu a mesa com todos os equipamentos que havia ganhado de presente pela manhã. Ligou o aparelho e pesquisou jogos na página da internet, era a primeira vez que navegava, sem a presença dos pais, quando ouviu uma batida na porta.

– Oi, gostou do presente meu filho? – perguntou João.

– Amei, é um dos melhores computadores do mercado, e esses acessórios, são demais, ninguém tem um desses na escola – respondeu Caio muito empolgado.

Os dois ficaram pesquisando jogos, encontraram alguns muito interessantes, jogaram e se divertiram bastante, só se ouvia risadas. Mas logo o pai de Caio se deu conta da hora, e fala: ficou tarde, chegou a hora de dormirmos, amanhã você tem aula rapaz.

Na escola, durante o intervalo, Caio conversava com um grupo de meninos.

– É o melhor jogo! – disse um garoto do primeiro ano.

– Sim, ontem um jogador de outro país conseguiu eliminar três equipes da Alemanha – disse um menino baixinho do oitavo ano.

– Verdade! Esse Dark é muito ‘irado’, tirou um monte de gente do jogo – completou outro garoto.

E a conversa continuou, cada um falando de suas conquistas no jogo. Maria Eduarda se aproximou do grupo e também começou a contar sobre uma espada que havia comprado no ambiente online do jogo, embora não fosse seu passatempo favorito, já conhecia o jogo de que eles estavam falando. Caio, de cabeça baixa, não conseguiu trocar uma palavra, ainda sem saber o que fazer, depois do beijo da noite anterior. Ela agia normalmente, como se aquilo não a tivesse afetado.

Quando chegou em casa, Caio não almoçou, subiu para o quarto e foi direto para o computador. Fez seu cadastro no site do “*The world of Eres*”. O jogo era online, o mais avançado em termos de tecnologia, com realidade virtual. A partir do momento que o participante entra no site, ele se torna um integrante desse universo, com jogadores de todo o mundo.

O cenário onde se passa o jogo remete a outro planeta e dele, fazem parte criaturas fictícias como dragões, cavalos voadores, Hipogrifos – ser metade cavalo, metade grifo (animal mitológico com cabeça e asas de águia e corpo de leão), Quimeras (figura mística caracterizada por uma aparência híbrida de dois ou mais animais, além de sua capacidade de lançar fogo pelas narinas), entre muitas outras, e cada fase que se avança mais surpresas vão surgindo. Os ambientes giram em torno de florestas e descampados, com cavernas e castelos.

Os jogadores podem escolher seu avatar, um homem ou uma mulher, com qualquer característica imaginável (cor de cabelo, altura, tipo físico) que irá se tornar um personagem naquele universo, podendo interagir com qualquer outro participante, conversando através de seu avatar. Pode-se ter acesso a muitos acessórios, como trajes, armaduras e armas – com um arsenal com mais de dois mil tipos de facas, espadas, clavas, lanças, machados, arco e flecha, assim como armas de fogo.

Porém, cada item tem um valor, que é calculado em moedas de ouro virtual. O jogador adquire essas moedas através das conquistas no jogo, que pode ser jogado individualmente ou entre equipes. O jogador recebe todas as moedas e acessórios pertencentes àqueles que mata e elimina do jogo. Quanto maior o número de moedas, maior o poder de adquirir armas e poderes especiais. Logo, a ideia central do jogo é eliminar o maior número de jogadores, principalmente aqueles que possuem mais tempo de jogo e conseqüentemente mais moedas e acessórios.

Pode-se acessar um *ranking* mundial com os jogadores mais poderosos, com maior número de moedas e acessórios virtuais. Porém, para ser incluído é necessário um número mínimo de moedas, que a grande maioria não consegue atingir, pois cada vez que o jogador é eliminado volta para o início do jogo. Há também o comércio virtual entre os participantes, assim como a venda real de ouro virtual, uma prática considerada crime em muitos países.

– Caio, vamos o almoço está pronto – disse João.

– Já vou! – respondeu Caio, sem considerar de fato descer pra comer, pois estava muito concentrado no jogo.

– Caio, o almoço está na mesa – chamou João novamente, estranhando o fato de Caio não ter descido de seu quarto ainda.

Relutante, Caio saiu de seu quarto e se sentou à mesa, pouco conversou durante a refeição e voltou para seu quarto. Apesar de estranhar o comportamento do filho, os pais não interferem, pois entenderam que era empolgação com o computador novo.

– Daqui a alguns dias isso passa – ponderou Ana, vendo o olhar de reprovação do marido.

– Acho que demoramos muito pra comprar um computador para ele, tentamos adiar esse contato o máximo possível, mas não sei se isso foi positivo – considerou João.

– Acho que será bom para o desenvolvimento dele, estava lendo em um site que navegar na internet deixa a gente mais inteligente, então isso vai ser bom pra ele.

– Tudo bem, vamos ver como vai ser – respondeu João.

De volta ao quarto, Caio escolheu o avatar, um homem loiro com 2m de altura, corpo bastante musculoso, que usava uma roupa azul e botas pretas. Assim que entrou no jogo, teve um rendimento extraordinário para um iniciante, o que foi impulsionado pela qualidade dos equipamentos, que fazem uma grande diferença na agilidade dos movimentos dentro do jogo.

Após a primeira semana jogando, Caio não havia sido eliminado nenhuma vez e já tinha conseguido uma quantidade de vitórias extraordinária para um iniciante. Já estava inclusive chamando a atenção de jogadores mais experientes.

Já eram duas da manhã, Caio estava em uma floresta densa, na qual havia entrado para fugir de três jogadores que restaram de uma equipe de seis, eliminados por ele, havia gastado toda sua munição e estava sozinho, foi quando viu um movimento vindo da área onde estava o grupo. Ele tentou correr, mas foi cercado. Achou que seria eliminado, porém aqueles que estavam à sua volta eram outros jogadores.

– Muito prazer, me chamo Dark – disse um jogador, cujo avatar media quase 3 m de altura, com armadura preta e sua cabeça era uma caveira, com capelina preta (armadura que protege e cabeça).

– Calma, não viemos te atacar, você está evoluindo muito, já está jogando muito bem. Tenho te acompanhado e realmente para um iniciante é surpreendente. Essa é minha equipe – disse o personagem do jogo, apontando para outros quatro, todos com armaduras e capelinas pretas, mas nenhum tão imponente como Dark.

– Muito prazer, me chamo Seti (nome escolhido por Caio para seu avatar), pois é... tenho praticado muito.

– Quer fazer parte do nosso time? – perguntou Dark.

– Eu? Ah... Claro quero sim – respondeu Caio, muito surpreso com o convite. Dark aparecia no *ranking* como o jogador mais poderoso.

Algumas semanas se passaram desde que Caio começou a fazer parte do time de Dark. E seus amigos da escola, que também estavam no jogo, comentavam pelos corredores. Caio aprendeu muito com seus novos amigos virtuais e a equipe ficou ainda mais forte, conseguiram eliminar equipes adversárias inteiras, boa parte das moedas ficava com Dark, o restante, o grupo dividia.

Era domingo à tarde, havia uma grande quantidade de jogadores *online*. Caio já estava há umas oito horas sentado em sua mesa. Estavam em um ambiente desconhecido, dentro de uma caverna, com estalactites que brilhavam no escuro. Eliminaram todos os jogadores que se arriscaram por ali.

– Em que cidade você mora, Seti? – perguntou Dark, em uma conversa só entre os dois.

– Moro no Rio de Janeiro – respondeu Caio.

– Que legal, eu também. Vamos sair pra curtir, qualquer hora dessas – convidou Dark.

– Ah, não sei. Meus pais não me deixam sair assim, meu pai é juiz, então tem um monte de restrições – ponderou Caio.

– Hum muito legal, mas me passa seu telefone, pra gente se conhecer melhor.

Assim trocaram telefone e começaram a conversar fora do jogo.

Na manhã seguinte, Maria Eduarda, meio sem jeito, se aproxima de Caio.

– Oi, tudo bem? Eu queria conversar com você, já tem uns dias que a gente não se fala, olha se foi pelo que aconteceu na festa, não quero estragar nossa amizade por isso.

– Ah, não, não tem nada a ver com isso Maria, eu... eu... fiquei até tarde jogando ontem, tô meio cansado, podemos conversar outra hora? – respondeu Caio.

– Claro... tudo bem – diz Maria Eduarda, ainda sem entender aquele comportamento, vendo o amigo se afastar sem dar muita importância para a conversa.

Caio entra na sala e se senta no fundo, bem longe do lugar de costume com seus amigos, Benjamim e Maria Eduarda, que se entreolharam sem entender o ocorrido.

– Bom dia turma, fechem os livros, vamos começar a avaliação – disse Celso, o professor de ciências.

Estarrecido, Caio olha o professor vindo em sua direção, e só naquele momento se lembra da avaliação. Ao olhar para o papel em sua frente, percebeu que não sabia a resposta de nenhuma questão. Era o conteúdo que havia sido estudado nas três últimas semanas, e nessas aulas, Caio estava dormindo ou estudando pelo celular alguma tática do jogo.

Chegando em casa, Caio se dirige direto para seu quarto, liga o computador e vai se encontrar com sua equipe. Seu pensamento fixo era manter a colocação que havia conquistado. Ele entra na galeria de armas e escolhe uma espada com poder de atingir um jogador a uma grande distância, e além de penetrar qualquer tipo de armadura, fornece para o jogador que a possui uma redoma de proteção contra-ataques simultâneos. Essa estava entre as dez armas mais caras do jogo. E ele já tinha moedas suficientes para adquirir o item, poucos jogadores tinham conseguido acessá-la.

Quando entrou no jogo e se encontrou com a equipe, Dark se aproximou:

– Tenho um presente pra você, por sua evolução e pela ajuda que tem dado ao nosso time – disse Dark. Nesse momento, surgiu ao lado do avatar de Caio um enorme hipogrifo preto com detalhes prateados, muito parecido com o animal que o próprio Dark possuía.

– Agora lutaremos lado a lado, você será meu braço direito.

Caio estava em êxtase, muito animado para entrar em combate, somente jogadores bem colocados possuíam uma criatura daquelas com muitos poderes, para acompanhar o avatar na luta, o que conferia ao jogador uma grande vantagem.

Então, escuta batidas na porta:

– Caio, pode me ajudar a segurar uma escultura – pede Ana.

– Não, agora estou ocupado – responde Caio, rispidamente.

Ana fica tão espantada com a resposta, que nem responde, e sai pelo corredor andando, sem saber o que dizer, sem entender o que está se passando com o filho.

No dia seguinte, no final da última aula, ministrada por Celso, todos já haviam terminado as atividades e apenas conversavam, Caio estava sozinho, debruçado na mesa e havia pegado no sono.

– Caio! – chama Celso, encostando levemente em seu ombro.

Caio levanta a cabeça, ainda tentando lembrar onde estava.

– Oi – respondeu ele, rapidamente.

– Teremos nossa feira de ciências mês que vem e você costuma participar da organização, esse ano não te vi preparar nada, vamos sentar depois da aula para pensarmos em algumas coisas que poderemos preparar.

– Não vai dar professor, tenho uns compromissos depois da aula, chame outra pessoa, o Benjamin vai lhe ajudar, tenho certeza. Após a resposta, Caio já foi se levantando para finalizar a conversa, sem dar possibilidade de discutirem o assunto.

Na escola, todos os professores já conversavam sobre o comportamento de Caio. Tinha ido mal em todas as provas daquela semana, não comparecia mais para ajudar com monitoria no laboratório de ciências, pouco conversava com os amigos e, pela primeira vez, os pais foram chamados à escola, onde houve uma conversa com a coordenadora, e alertaram os pais sobre todos os fatos, que estavam piorando, especialmente nas últimas semanas.

Ana e João já tinham percebido a mudança de comportamento do filho, porém não tinham ideia da dimensão que a situação havia alcançado.

– O que faremos com o Caio? – perguntou Ana, muito abalada com as informações que acabara de receber.

– Acho que teremos que dar algum tipo de castigo, vamos ter que pensar em alguma coisa, tirar o computador talvez – respondeu João, pensativo.

– Se não tiver outro jeito, faremos isso – respondeu Ana.

O “passeio” ao Cristo Redentor

Mais algumas semanas se passaram, a amizade com Dark estava bastante animada, conversavam dentro e fora do jogo. Caio falava tudo sobre sua vida e sua rotina, porém o amigo misterioso, não falava muito sobre quem era e o que fazia.

– E aí Caio? Tem uns amigos que vão dar uma volta no Cristo Redentor, tá a fim de ir também? – perguntou Dark.

– Ah cara, não sei se meus pais vão deixar, eles estão bastante chateados, porque tirei umas notas baixas, uma coisa nada a ver, sabe?

– Traz os amigos também, assim é mais fácil seus pais deixarem você vir – retruca Dark.

– Ah, vou falar com o pessoal aqui, se meus pais ficarem enchendo o saco, eu falo que vou fazer alguma coisa na escola – responde Caio, decidido.

Caio então mandou mensagem para Benjamin e Maria Eduarda, convidando os amigos. Eles gostaram da ideia.

– Onde será esse encontro? E esse cara aí, qual é a dele? – perguntou Maria Eduarda.

– Será no Cristo Redentor, Dark é um cara muito legal, de confiança! Ele está no ranking entre os melhores do mundo – respondeu Caio, animado e confiante.

– Melhores do mundo dentro de um jogo, não se esqueça disso, nada daquilo é real Caio – respondeu Maria Eduarda.

Ansioso esperando os pais chegarem do serviço, Caio não parava. Descia e subia as escadas, porque não tinha certeza que eles o deixariam sair. Quando chegaram, Caio mal esperou que entrassem em casa, já foi correndo falar com eles. Explicou que tinha conhecido uma pessoa pela internet, que eles viraram amigos. Então João perguntou:

– Filho você nunca o viu, como ele pode ser seu amigo?

– Pai tem um tempo que tenho conversado com ele, é uma pessoa boa! – disse Caio, impaciente.

– Não sei se é uma boa ideia – respondeu Ana.

– Eu também acho que não é seguro, não conhecemos esse amigo, o Rio é uma cidade muito perigosa – respondeu o pai, para encerrar o assunto.

– Eu não posso fazer nada, eu odeio vocês! – respondeu Caio, revoltado.

Os pais se olharam estarelecidos com a atitude do filho, que nunca havia agido daquela forma.

Caio subiu a escada com raiva, e mandou mensagem para Maria e Benjamin, dizendo que os pais o deixaram ir e que ia combinar com Dark.

– A gente pega um táxi e se encontra lá – disse Caio, confirmando o encontro com os amigos.

No dia seguinte, Caio desceu as escadas e encontrou com os pais que estavam na sala.

– Vou à escola fazer um trabalho, já que não posso fazer mais nada além de estudar! – disse Caio.

Os pais acreditaram que ele iria apenas na escola, deram uma quantia em dinheiro para o táxi e demais despesas. Eles não tinham ideia dos planos do filho.

Mais tarde, Caio mandou mensagem para Dark:

– Meus pais não deixaram, mas eu vou assim mesmo, fica tranquilo!

– Isso cara, vem mesmo, seus pais estão sempre implicando com tudo. Vai ser ‘da hora’ você vai ver! – respondeu o amigo.

Caio mandou mensagem para Maria e Benjamin, falando sobre o local e o horário. O trio se encontrou no ponto de embarque do trem que leva até o Cristo. Uma rua com pouco movimento em dias de semana, como naquele dia. Chegando lá, ficaram esperando Dark, após comprar os bilhetes de acesso

ao trem em uma cabine pequena com uma janela de vidro. Há também um local onde se pode comprar através de terminais eletrônicos, porém optaram por pagar com dinheiro.

– E aí esse seu amigo, será que vai demorar? – perguntou Maria Eduarda, já impaciente.

– É Caio, esse cara tá demorando muito. Benjamin também impaciente e já com um pouco de medo, por estar saindo sozinho sem a presença dos pais.

– Nossa, é difícil aguentar vocês dois, são muito medrosos.

Alguns minutos depois se aproximou do grupo um homem muito bonito, alto, com pele clara, cabelo preto bem curto, olhos castanhos, usando óculos escuros, vestindo calça jeans, camiseta estampada e tênis, aparentando ter aproximadamente 24 anos. Foi direto ao encontro de Caio, já o conhecia bem, pois acompanhava o perfil do garoto nas redes sociais. Caio não fazia ideia da aparência de Dark, pois ele não publicava fotos.

– Oi, Caio? – perguntou Dark.

– Sim, quem é você? Estou aguardando um amigo – respondeu Caio, inseguro.

O homem abriu um pequeno sorriso, malicioso, de canto de boca, e continuou a olhar para Caio, que demorou alguns minutos para entender quem ele era.

– Muito prazer! Então você é o famoso Caio! Brincou o homem.

– Sim, eu mesmo! Você parece bem mais velho do que eu imaginava! – apontou Caio.

– Só um pouco mais, é porque aqueles são dados do jogo! – disse Dark.

– Você disse que tinha 14 anos – contestou Caio.

– Olha relaxa, não sei por que está tão incomodado com minha idade, somos amigos não somos?

– argumentou o homem.

– Mas como é seu nome verdadeiro? – perguntou Caio.

– Me chama de Dark mesmo – respondeu ele, misterioso.

Ainda desconfiado do recém conhecido amigo, Caio se voltou para os amigos, que também ficaram receosos.

– Esses são meus amigos, Maria Eduarda e Benjamin – disse Caio.

O homem apertou a mão dos dois amigos, examinando Maria Eduarda cuidadosamente, que não percebeu os olhares atentos que recebia. Embora tenha havido desconfianças iniciais, o grupo se dirigiu ao trem e sentaram próximos, não havia um fluxo muito grande de pessoas circulando pelo local naquele dia, por se tratar de uma quarta-feira. O trem que fazia o transporte até o ponto turístico, que é um dos mais conhecidos do mundo, é pequeno com apenas dois vagões, com capacidade para 345 passageiros e amplas janelas de vidro.

A subida até o monumento levou em torno de 20 minutos. Nos primeiros metros do percurso o trem passa por uma área com residências à direita e um muro alto à esquerda, depois adentra em área de

mata densa e verde, com árvores altas típicas da mata atlântica, que pertence ao Parque Nacional da Tijuca, cortado pelos trilhos do pequeno trem. Atravessa três pontes, passa por algumas construções isoladas no percurso. Durante o trajeto, é possível cruzar com outro trem em direção contrária, sendo preciso fazer uma pequena pausa para que haja adaptação dos trilhos.

Conversaram por bastante tempo, registraram tudo com várias fotos, com aquela paisagem maravilhosa, que faz jus a toda a publicidade. Poucos metros antes de chegar a destino, o trem passa pela beirada do morro, o que permite ter uma vista ampla, e neste momento pode-se ter uma ideia da altitude que chega a mais de 700m do nível do mar.

Chegaram ao topo do morro, então passaram por uma área de desembarque, e começaram a subir os lances de escadas, que possibilitam que se chegue na parte de trás do monumento, um monumento gigantesco de trinta metros, construído nas décadas de 20 e 30, com camadas externas de pedra-sabão.

Na parte da frente há uma escadaria descendo, que acaba em uma área redonda cercada por grades. A vista dali é uma das mais surpreendentes do mundo. Com uma visão de 360 graus do Rio de Janeiro, pode-se observar muitos dos cartões postais da cidade, a lagoa Rodrigo de Freitas, morro Dois Irmãos, a Pedra da Gávea.

Em área inferior da estátua há um restaurante com várias mesas no local, onde o grupo se sentou. Apesar de todo o grupo já ter estado no local em ocasiões anteriores, era opinião comum entre eles que cada visita no local, traz um novo encantamento. Divertiram-se muito. Conversaram sobre a escola e sobre suas rotinas, porém Dark, não mencionou muita coisa sobre si. Era um homem muito interessante, ouviu todas as histórias dos garotos com muita atenção, a ponto de envolvê-los, e gerar confiança. Ao final do passeio já o tratavam como amigo de infância.

Então Dark propôs que eles fossem dar um passeio a um outro lugar. Caio como estava empolgado com o amigo novo não viu problema algum, na hora concordou. Seus amigos ficaram meio receosos, porém depois de toda a conversa do dia, acabaram concordando. Perguntaram onde e como iriam.

Dark falou que se tratava de uma surpresa. Desceram pelo mesmo trem, ao chegar ao ponto de desembarque, o homem levou os garotos até um estacionamento próximo. Lá estava seu carro, um veículo novo, de um valor considerável. Isso fez com que Maria se questionasse qual seria a ocupação de seu novo amigo, mas sem pensar muito, embarcaram.

No carro, foram conversando sobre várias coisas, estavam distraídos e não se deram conta do destino. Quando perceberam que estavam no meio de uma favela, assustados, não sabiam o que fazer. Rapidamente perguntaram a Dark o que estavam fazendo ali.

– Queria apresentar pra vocês a favela, vou levar vocês para conhecer minha casa. Respondeu Dark de forma muito tranquila.

Mas eles sabiam que aquele lugar era perigoso, e perceberam que algo estava muito estranho.

– Dark, preciso ir embora, meus pais devem estar preocupados, já está anoitecendo – pediu Caio, tentando não demonstrar medo.

– Relaxa cara, vai ser rápido, depois levo vocês pra casa – respondeu Dark.

Os amigos se entreolharam, sem muitas alternativas, seguiram o caminho.

Chegaram em uma casa, com um grande portão de ferro, que se abriu por controle remoto. Ao entrar no local, Dark pediu que os meninos entrassem na casa, pois iria pegar algo para beber. Ao entrar pela porta, havia apenas um cômodo, não havia nada dentro do local, somente algumas caixas e um colchão de solteiro velho, parecia um tipo de depósito. Em um gesto rápido o homem puxou uma arma de dentro do carro, e apontou para os garotos que ficaram sem ação.

– Entreguem todos os celulares e entrem no quarto! – falou Dark, com o sorriso familiar de canto de boca.

O trio não teve outra alternativa senão fazer o que foi mandado. Entraram em um cômodo escuro, e ouviram a porta se trancar por fora.

– Sim, já estou com o garoto, ele está com mais dois moleques – falou Dark ao telefone. – É, não teve como evitar, sozinho ele não vinha. A gente se livra dos outros e pronto. O pai dele vai pagar uma grana preta, ganhamos na loteria.

Dentro do pequeno cômodo, Benjamin já chorava de forma incontrolável:

– A gente não devia ter vindo, eu sabia, estamos ferrados, vamos morrer aqui.

– Calma, vamos dar um jeito de sair daqui – disse Maria, tentando acalmar o amigo.

Caio não conseguia falar uma palavra, com um misto de emoções, caía a ficha de como havia se deixado envolver, pelo universo de um jogo e por uma pessoa que não conhecia. Muitas coisas vinham em sua mente, principalmente seus pais, que nem sabiam onde ele estava nesse momento.

Dez horas depois...

Enquanto isso, a casa de Caio estava muito agitada, alguns policiais entravam e saíam, conversando com colegas através de seus *Walk Talk*, um professor e a diretora do colégio também se encontravam no local. Ana chora enquanto fala ao telefone, e João conversa com um dos policiais. Até aquele momento nenhuma notícia havia chegado sobre o paradeiro dos três amigos. Já era tarde da noite, Ana não via o filho desde o início do dia.

– O que vamos fazer? O que pode ter acontecido? – perguntava Ana a João. Que não possuía as respostas e encontrava-se sem chão naquele momento.

– Uma das amigas da Maria Eduarda falou que ela comentou algo sobre o Cristo Redentor, ontem durante a aula – disse após desligar o telefone.

João já conseguia imaginar o que havia ocorrido, nesse momento buscou o notebook do filho, na tentativa de encontrar alguma pista, pois sabia que tinha alguma relação com o amigo novo, que ele havia comentado.

E agora, o que será de nós?

Após cerca de três horas sentados no chão de um quarto escuro, os garotos estavam apavorados, quando escutaram a porta se abrindo:

– Vamos, levantam-se, vou levá-los para o lugar onde vão passar alguns dias “bem agradáveis” – disse Dark, segurando a porta do lado de fora do cômodo, com ar de quem estava se divertindo muito com a situação.

Eles se levantaram e começaram a andar, mas não chegaram a sair do quarto onde estavam presos. Houve um barulho muito alto vindo da direção do portão, que se abriu de forma abrupta. Ouviu-se então barulho de tiros e cinco homens entraram na garagem da casa. Um homem alto, se aproximou de Dark e apontou uma arma para sua cabeça, os outros homens todos com fuzis nas mãos ficaram em torno da dupla.

Nesse momento, o trio permaneceu dentro do quarto em silêncio, e observaram a cena através de uma pequena janela com os vidros cheios de poeira.

Por um momento muito rápido, Caio fitou os olhos daquele que havia sido seu amigo por vários dias, e viu ali um terror, mesmo com sua pouca idade e com a inocência da vida que vivera até ali, entendeu e vislumbrou que o perigo era iminente.

– Agora a gente vai receber o dinheiro, o chefe não vai esperar mais, você sabe o que acontece com quem fica devendo? – falou o homem alto, que segurava Dark pelo braço.

– Eu vou pagar hoje ainda, eu estou com um garoto que vale ouro, espera... me escuta... eles... – disse Dark com a voz cheia de medo. Quando olhou novamente para a porta do cômodo, viu que eles não estavam mais ali. Tentou gritar, mas já era tarde demais.

Os homens que cercavam Dark, não se deram conta que haviam três adolescentes dentro do cômodo, que ficava a alguns metros de onde eles estavam. Quando percebeu que a atenção do grupo de homens se concentrava em Dark, Maria segurou os amigos pelo braço, e correram até o portão que estava com um vão entreaberto. Ao chegar à rua, correram muito, e quando estavam se aproximando da esquina do quarteirão, conseguiram ouvir um estalo muito alto vindo da casa de onde tinham acabado de sair.

Eles viram um beco escuro com uns sessenta centímetros e se esconderam ali. Poucos minutos depois, viram o carro que estava na frente da casa passar em alta velocidade. Ficaram no local por alguns minutos, quase que sem respirar. Quando tudo estava silenciado no local, tomaram coragem para sair do

beco escuro onde estavam. Andaram por alguns metros e avistaram um barzinho com duas mesas de metal na frente. Era um local pequeno com duas prateleiras com várias bebidas empoeiradas. Em cima do balcão tinha uma estufa com alguns salgados velhos. Não havia clientes no local.

Aproximaram-se, ainda muito agitados e com medo. Dentro havia um senhor de cabelos brancos, aparentando uns sessenta anos, com um semblante cansado. Estava baixando as portas de metal acima do balcão. Quando então avistou três adolescentes muito assustados. Sem dizer uma única palavra abriu a parte de baixo da porta cortada ao meio na lateral daquele pequeno salão. Os três entraram no local e se sentaram no chão atrás do salão. Pela primeira vez, em horas, conseguiram respirar e se sentiram seguros.

– O senhor pode emprestar um telefone – pediu Caio ao senhor que os abrigava.

– Vocês não são daqui, tenho certeza – disse o senhor, olhando Caio da cabeça aos pés.

– Não, a gente não é daqui, eu quero ir embora pelo amor de Deus empresta um telefone – pediu Benjamim, chorando.

O senhor foi até uma gaveta onde tinha algumas moedas e poucas notas de dinheiro, e mais sujeira do que qualquer outra coisa. Pegou um aparelho de celular bem pequeno com as teclas apagadas e entregou para Caio.

Imediatamente, Caio ligou para seus pais e explicou onde estavam e o que havia acontecido. Disse que estavam em segurança, que fossem buscá-los sem polícia, para não chamar atenção, que depois prestariam depoimento e contariam todo o ocorrido.

De volta à liberdade: aprendendo com os erros

Chegando ao local, João e Ana não podiam conter a ansiedade. Caio saiu do bar e foi correndo ao encontro dos pais, houve então um forte e demorado abraço. João agradeceu o senhor que prestou auxílio a seu filho e seus amigos. Entraram no carro, e no caminho até a casa foram contando tudo que tinha acontecido. João deixou Maria Eduarda e Benjamin em suas casas, pois já havia contado aos pais que os filhos estavam em segurança. Ao chegarem em casa, já era madrugada, quase amanhecendo o dia.

– Caio, agora você precisa de um banho, comer uma boa refeição e descansar. Amanhã conversamos com calma – disse João, com um olhar cansado, mas que refletia todo alívio de ter encontrado seu filho a salvo.

Caio não questionou o pai e se dirigiu ao quarto e, depois de comer, deitou-se na cama e dormiu, quase que instantaneamente. Na manhã seguinte, desceu as escadas e sentou-se à mesa para tomar café com os pais como não fazia há muito tempo. Houve um silêncio demorado, e Caio permaneceu de cabeça baixa e muito arrependido pelo que tinha feito.

– Me desculpem por tudo – disse Caio, com a voz embargada.

– Você tem ideia do risco que correu? – perguntou João, com um tom que representava muito mais preocupação do que bronca. – Você é tudo que a gente tem, não sei o que faríamos se te perdêssemos.

– Não tenho reconhecido você, com tanta agressividade, tem ido mal em todas as avaliações da escola, corre o risco de perder o ano, não sei mais o que fazer. Você colocou seus amigos em risco, não podemos mais confiar no que diz – afirmou Ana, muito magoada.

– Tudo isso depois que ganhou o computador, o acesso à internet não ajudou em nada em seu rendimento na escola. Depois que se envolveu com esse jogo violento, seu comportamento mudou totalmente, e fez com que tudo isso acontecesse – completou João.

– Eu sei de tudo isso, e prometo que não vai mais acontecer – respondeu Caio, sem levantar a cabeça.

– A partir de hoje seu computador vai ficar na minha sala e você só irá acessar comigo ou com sua mãe por perto.

– Tudo bem pai. Me desculpe.

Após terminar seu café, Caio estava subindo para seu quarto, quando uma notícia no jornal chamou sua atenção.

“Após uma denúncia, a polícia encontrou nesta madrugada, na casa onde morava, o corpo de Luís Henrique de 22 anos, conhecido como Dark. Segundo informações, o crime foi um acerto de contas entre traficantes. Luís Henrique era filho de um grande empresário do Rio, que em entrevista lamentou a morte do filho, e disse que não o via há 2 anos. Dark sempre gostou de jogos online, e se afastou da família após seu envolvimento com tráfico de drogas, aliciamento de menores e sequestro. Estava sendo investigado por venda ilegal do que é conhecido entre internautas que acessam jogos online como “ouro virtual”, prática considerada criminosa. Voltaremos com novas notícias a qualquer momento.”

Ao chegar à escola, Caio foi procurar seus amigos, Maria Eduarda e Benjamin.

– Queria pedir desculpas, não quis colocar vocês em risco – disse Caio, arrependido.

– Tudo bem amigo, a gente sabe que você também não tinha noção do perigo que estávamos correndo, mas já passou. Estamos salvos. Mas que fique de lição – consolou Benjamin.

– Só quero meu amigo de volta. Sentimos sua falta! – sorriu Maria Eduarda.

Seguiram para a aula de ciências. Caio sentiu um grande alívio por poder estar de volta com os amigos, principalmente por Maria Eduarda, que se sentou novamente ao seu lado.

– Bom dia turma. Hoje começamos o último bimestre, e tem gente que vai ter que correr, se não quiser perder o ano – disse Celso, olhando discretamente para Caio.

Ao final da aula, Caio se aproximou de Celso.

– Professor, será que eu posso ajudar em alguma coisa na feira de ciências, eu sei que não participei da organização, mas se houver algo que eu possa fazer... – disse Caio, com o olhar baixo.

– Tem sim Caio, fico feliz por ter você de volta. A reunião para acertar os últimos detalhes será hoje à tarde, e a Maria Eduarda vai participar – respondeu o professor com um jeito brincalhão.

A feira de ciências ocorreu na semana seguinte, Caio chegou cedo na escola e foi encontrar seu professor Celso, que já estava no local. Passaram por uma sala com várias peças eletrônicas, onde os alunos do último ano haviam construído um robô, que caminhava e ainda emitia algumas palavras. Em outra sala, havia muitos cilindros com líquidos coloridos, onde os participantes poderiam visualizar várias reações químicas. Em cada sala de aula havia um ambiente diferente.

Na sua sala, seus amigos, Maria Eduarda e Benjamin, haviam montado uma estação de rádio, que podia ser sintonizada no raio de 1 km e fizeram programações com músicas e informações para aquele dia.

– Nossa professor! Quanta coisa legal esse ano – disse Caio em tom de desapontamento.

– Sim, é uma pena que você não vá apresentar nada, suas experiências são sempre destaque na feira – respondeu Celso. Mas o importante é que você está aqui e isso já conta. Nos próximos você apresenta.

– É, perdi tanta coisa, agora vou correr atrás de tudo que ficou pra trás, falando nisso a Maria Eduarda chegou, dá licença professor – respondeu Caio, com um grande sorriso.

Caio saiu andando rapidamente até encontrar com Maria Eduarda, que estava particularmente mais bonita naquele dia, com seus longos cabelos soltos, os cachos dançavam conforme ela andava. Caio ficou um tempo somente admirando aquele movimento.

– Você pode ajudar a gente com a programação da rádio, disse Benjamin, que chegou correndo com alguns equipamentos na mão.

– Claro, ajudo no que vocês precisarem – respondeu Caio, animado.

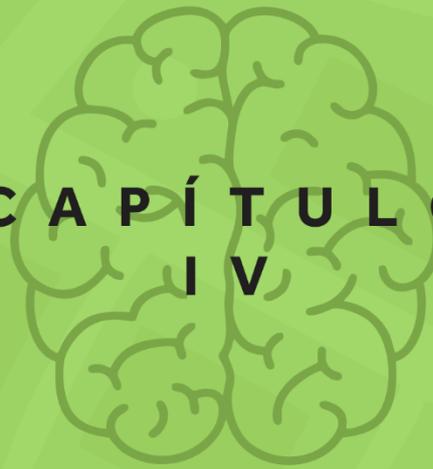
Assim passou o dia, o trio novamente unido, apesar da correria da feira, se divertindo muito.

Caio refletiu muito sobre tudo que aconteceu e conseguiu entender o grande risco que ele e seus amigos correram. Como sempre fazia, começou a pensar de que maneira poderia ajudar outros adolescentes que pudessem passar pela mesma situação.

Conversou com seu pai sobre o assunto e pensaram por vários meses de que forma essa ajuda poderia ser efetivada. Após muitas pesquisas na internet, conversas com professores e especialistas, resolveram criar uma página nas redes sociais e um aplicativo de celular direcionado a pais de adolescentes, com o intuito de alertar sobre sinais de envolvimento exacerbado com jogos online, e também fóruns para debates sobre o assunto.



CAPÍTULO IV





*Isabella Maria de Jesus Feitosa
Adriana Freitas de Almeida Finger
Daiana Alves Vendramel da Costa
Karyme Lucila Jabra
Gímerson Erick Ferreira*

**De memórias
de traumas
a
memórias
de pirâmides**

Cena traumática

Num final de domingo, o barulho da casa começava a aumentar, o som dos brinquedos não abafava mais as vozes que vinham do quarto ao lado. Gritos, sons de objetos ao chão e choro. A curiosidade por entender o que ocorria aumentou junto com aquele conjunto de estímulos, então, saiu do quarto assustada, o coração acelerado, enquanto pé por pé ia tomando coragem para dar o próximo passo. Nas mãos o coelho de pelúcia, seu fiel companheiro. Finalmente, havia chegado à porta, abriu-a, avistou a cena que ficaria para sempre registrada em sua memória: sua mãe chorando sentada no chão, ao lado da cama, e seu pai andando de um lado para o outro, vociferando, e se aproximando perigosamente de sua mãe, como se fosse chutá-la a qualquer momento. O choque foi tão grande que a paralisou, num breve hiato entre um grito e outro de seu pai, sua mãe mirou diretamente para onde estava, a viu e rapidamente levantou-se, pegou-a no colo e levou para o quarto.

Já se passaram 15 anos desde aquele dia tão marcante, mesmo assim, o cheiro suado de sua mãe, a sensação dos braços dela a apertando, tanto, e de tal forma que parecia querer guardá-la dentro do peito, eram vivas. Tão vivas quanto o sol abrasador e o calor efervescente de Cuiabá, sua cidade natal.

Aquela não foi a única cena que presenciou ao longo da vida, Helena já tinha completado 19 anos de idade, sua mãe Ana Maria, 40, e seu pai Antônio 50. Apesar das inúmeras brigas e desentendimentos, eles continuavam juntos, havia períodos em que este tipo de situação parava de acontecer, mas alguns gatilhos desencadeavam novos episódios, especialmente quando Antônio tinha problemas no trabalho.

Helena tem dezenove anos, é magra, alta, morena, de olhos escuros e cabelos longos, insegura, dramática e um tanto mimada. Mora em Cuiabá com seus pais numa casa grande, com bastante espaço para a família e sua pequena Luna, uma cachorra da raça Shih Tzu, recém-adquirida, presente de seu pai no último Natal.

De toda a casa, seu quarto é o lugar que mais gosta, esparramar-se pela cama, entre os travesseiros, enquanto lê seus romances prediletos é algo que faz com bastante frequência, isso quando não lê sobre a escrivãzinha, com o abajur aceso para fingir estar dormindo, e conseguir ludibriar sua mãe para poder ler por mais alguns instantes. Vaidosa, não abriu mão de um espelho iluminado a led para fazer maquiagem. Depois que começou a usar *make* durante a adolescência para disfarçar as espinhas, nunca mais parou. Só sai de casa depois de passar pelo menos quatro itens básicos: pó, *blush*, rímel e batom. Tudo isso após aplicar o protetor solar, é claro!

Além da Luna, que tem menos de um ano e, como todo filhote, adora sair por aí roendo cabos de aparelhos eletrônicos e os sapatos espalhados pela casa, Helena pode contar sempre com a companhia e apoio da sua avó materna, Maria, a quem ela recorria quando começavam as discussões em casa. A avó Maria é seu apoio nas piores horas. Para sorte de Helena, sua avó mora a duas quadras de sua casa, num

prédio bem antigo, cujo elevador, apertado, sempre dá um solavanco antes de parar no andar correto. Seu pai, Antônio, cedeu um apartamento de sua família para sua sogra residir próxima de sua esposa, pois, para Antônio, era melhor deixar de ganhar um aluguel, do que ter a sogra vivendo junto deles.

Ana Maria tem baixa autoestima, sofre de depressão e ansiedade, desenvolvidas após as constantes agressões domésticas desferidas a ela. Trabalha como corretora na imobiliária da família do esposo, uma empresa que atua há mais de 15 anos no mercado. Antônio, pai de Helena, assume a direção da imobiliária, é o filho mais velho, entre seus irmãos, e desde cedo foi sendo preparado para administrar os negócios da família. Na relação com Ana Maria, costumava ser muito amoroso e dedicado, porém depois de um período de crise financeira, que abalou seu estilo de vida e de toda sua família, começou a ingerir bebidas alcoólicas, no intuito de relaxar e esquecer os problemas, mas aos poucos o consumo foi aumentando, o que culminou no alcoolismo, e afetou seu comportamento, que passou a ser arrogante, agressivo, manipulador e repreensor, tendo como válvula de escape as agressões dirigidas à sua esposa.

A tia “louca” e a prima invejosa

Toda família tem sua ovelha negra, ou como dizem os memes: psicodélica. Para Helena, a tia Clara é sua maior alegria familiar, a tia predileta dos dois lados da família. Como poderia ser tão divertida sendo irmã do seu pai? Ela se perguntava muitas vezes.

A tia Clara era conhecida por ser bem louquinha, mas de coração muito bom. É baixinha, gordinha e loira. Sua característica mais marcante é a extroversão. Sempre divertida, alegre, e maluquinha, como Helena gosta de se referir a ela. Esse traço “maluco” é o que Helena mais gosta. Impulsiva, quando Clara tem uma ideia, não pensa nos prós e contras: vai logo e faz.

Há alguns anos atrás, quando Helena tinha 3 anos de idade e havia ‘aprontado’, sua mãe a deixara de castigo, sua primeira ideia foi de pedir à mãe para ligar para tia Clara, que por sua vez convenceu a irmã deixar Helena ir para sua casa. Lá chegando, Clara disse à Helena:

– Já que você me ligou para te salvar do castigo hoje, vamos fazer algo divertido juntas. Onde você gostaria de passear, hein, minha fadinha?

Ao finalizar a frase, tia Clara abaixou-se e encheu Helena de beijos e cócegas. Após Helena gargalhar muito, tomou fôlego e respondeu:

– Quero ir ver os animais no zoológico, você me leva tia?

– Claro que levo! Seu pedido é uma ordem. Sua alegria é a minha alegria.

Seguiram para o passeio, mas a alegria duraria pouco. Clara, empolgada, vendo os animais e comendo pipoca, soltou por instantes a mão de Helena, que ficou zanzando entre as alas e acabou por fazer amizade com uma menina que estava acompanhada de seus pais, com quem se distraiu. Seguiu

admirando o jacaré, a anta, os macacos, até que depois de mais de uma hora, sua tia a encontrou, comendo algodão doce e tagarelando com a coleguinha. Clara se aproximou e chamou a atenção de Helena, dizendo que ficou com muito medo de a terem levado embora ou sequestrado. Ainda assustada, pediu que promettesse nunca mais se afastar daquela maneira. Este era um dos muitos segredos entre Clara e sua fadinha, o passeio no qual Helena se perdeu. Ana Maria nunca soube do ocorrido.

Enquanto Clara amava sua sobrinha e a enchia de mimos, Bárbara não nutria os mesmos sentimentos por Helena. Bárbara é filha de Clara, uma moça muito bonita, de olhos claros, cabelos escuros, estatura média. Reconhecida como uma pessoa de personalidade ‘difícil’. Cultivava comportamentos que a faziam parecer antipática e tediosa. A diferença de idade entre elas era de três anos.

Para Bárbara, Helena estava tomando seu lugar, e roubava a atenção que sua mãe deveria lhe direcionar. Ela achava que sua mãe amava mais Helena do que a ela.

Essa sensação de raiva e ressentimento que Helena provocava em Bárbara resultou num sentimento de inveja. Ela não conseguia ficar feliz com nada que fizesse Helena sorrir e, cada vez que sua mãe dedicava algo à Helena, sentia o peito “apertar e doer”. O ciúme era quase tão grande quanto a inveja que sentia.

A impressão que se tinha era de que Bárbara nunca estava satisfeita, tudo que era para ela, tinha que ser mais e melhor. Ela fingia ser doce e amável nas atitudes, mas por dentro, era uma ‘bruxinha’. Sempre tentava arruinar Helena para ver ela “por baixo”. Certa vez, quando ainda eram pequenas, todos foram passear na casa de sua avó Maria, ela tinha um jardim incrível e até parecia de outro mundo. As rosas eram as flores que sua avó mais amava.

Como parte de um plano malicioso, Bárbara cortou todas as rosas, jogou fora e colocou a culpa em Helena. Ninguém nunca descobriu a autora real daquela maldade, e, no final, Helena ficou como culpada. Apesar de nunca ter entendido o porquê, sua avó Maria havia mudado tanto com ela, Helena nunca desconfiou da prima, pois a considerava como irmã, e jamais lhe passou pela cabeça que Bárbara havia dito para a avó que Helena tinha podado todas as roseiras na intenção de ajudar, mas que tinha estragado todas elas.

Gosto por livros e poesias

A leitura sempre fez parte da vida de Helena. Sua mãe sempre lhe comprava gibis, principalmente os da Turma da Mônica. Com o passar dos anos, foi se interessando por poesia e romance. O último livro mexeu muito com ela: “Quem é você Alasca?” de John Green, um romance publicado em 2005, altamente recomendado pela vendedora da livraria à Helena.

Algumas partes daquele livro pareciam ter sido escritas para ela. O personagem principal, Miles Halter, poderia ser a própria Helena, apesar da diferença de gênero. Miles é um adolescente cansado de sua vida pacata que decidiu cursar o último ano do ensino médio em um colégio interno. Nada o impedia, pois não tinha amigos, nem mesmo possuía lembranças de alguma noite divertida. Então rumou para o mesmo colégio que seu pai frequentou. Como interno, guardou experiências significativas: trotes, amigos, noites de bebedeiras e cigarros. Todas estas lembranças eram valiosas para ele.

Apesar de se sentir sozinha, como Miles, o aspecto com que Helena mais se identificou foi a necessidade de mudar sua vida. Fazer algo grande, algo transformador. Assim como Miles, Helena não tinha muitos amigos, não saía muito e tinha poucos momentos de diversão. Ela não desejava viver as mesmas coisas que Miles, mas queria muito encontrar seu lugar no mundo. Algo muito desafiador para ela, pois sempre tinha alguém à sua disposição para suprir qualquer necessidade.

Viagem para o México

Tia Clara, indignada com o quanto Helena era dependente de sua família, resolveu presentear-lá com uma viagem. Sua intenção era contribuir para o desenvolvimento de sua autonomia e responsabilidade, e acima de tudo adquirir maturidade. Apesar de ter uma intenção educativa, Clara queria proporcionar à Helena uma experiência boa, por isso escolheu como destino Cancun, no México, um dos lugares mais paradisíacos do mundo.

Assim que Bárbara soube dos planos de sua mãe, ao ouvir a ligação de Clara para a empresa de turismo, adiantou-se em anotar o nome da empresa e roteiro que a mãe havia comprado. Quando ficou sozinha em casa, Bárbara ligou na empresa, passando-se por sua mãe, e alterou o destino da viagem para um lugar que Helena jamais pensaria em conhecer.

Dias antes de comprar as passagens, tia Clara, ligou para Ana Maria, pedindo sua opinião. No começo, Ana não gostou muito da ideia, mas depois se acostumou e achou que seria uma ótima oportunidade para a filha não presenciar as brigas que andavam comuns em sua casa.

Após comprar a passagem, tia Clara estava tão animada com a ideia que nem conseguiu esperar para estar pessoalmente com Helena, ligou para a sobrinha e foi dizendo:

- Oi, fadinha!! Tenho uma ótima notícia para te dar! Mas senta, pra não cair dura!
- Oi, tia! O que é? Fala logo que já fiquei curiosa!
- Você vai ficar 10 dias em Cancun, sozinha!

Helena sentiu o coração gelar, as mãos suar, um misto de alegria por conhecer um lugar tão maravilhoso e ao mesmo tempo um pavor de ir SOZINHA. Ela emudeceu e sua tia perguntou:

- Helena, você tá me ouvindo?

– Si... si... siimm! Tô ouvindo tia Clara... – respondeu Helena quase sem voz.

– Sei que você ainda tem muitas coisas para organizar para a viagem e deve estar toda animada que até perdeu a voz! Mais tarde eu passo aí para te entregar o voucher e uma quantia em dinheiro para você gastar durante a viagem. Lembra que eu tinha te prometido dar um presente? Então! Chegou a hora!

Tia Clara estava tão empolgada que nem percebeu o pavor de Helena na ligação, mas assim que desligou o telefone, Helena esbravejou para sua mãe:

– A tia Clara ficou maluca! Você acredita que ela quer me fazer ir para outro país sozinha? Já pensou nisso mãe?

– Você não gostou, minha filha?

– Claro que não! Vou pedir a ela para pegar o dinheiro dela de volta, não vou viajar sozinha de jeito nenhum!

– Mas Helena, sua tia falou comigo, e eu também achei que seria uma boa oportunidade para você. Pense melhor antes de decidir. Você não tinha comentado que morria de vontade de conhecer Cancun?

– Eu sei que eu tinha dito que era um dos meus sonhos. Mas assim? De uma hora pra outra? Sozinha? Não! Eu pensava em ir numa lua de mel, ou com vocês... Mas ir sozinha? Como vou fazer isso? Tantos dias num lugar em que não conheço ninguém?

Sem deixar Ana Maria dizer mais uma palavra, Helena corre para seu quarto, bate a porta e chora desapontada por não ter a compreensão de sua mãe. Sabiamente, Ana Maria esperou o choro ficar mais manso e depois bateu à porta de Helena, sentou-se ao lado dela na cama e disse que ela precisava disso, para poder crescer, pois não estaria disponível para cuidar da filha durante a sua vida toda, e ela precisava aprender a ser independente. Disse ainda que ficaria muito feliz, caso ela aceitasse a viagem de férias que sua tia havia dado. Entre soluços e um travesseiro molhado, Helena concordou com sua mãe, e a abraçou agradecendo o carinho.

Uma viagem inesperada

Pronta para sua viagem de férias, toda empolgada para ir a Cancun, Helena embarcou levando apenas uma mala e dinheiro suficiente para custear os 10 dias de viagem.

Ao chegar a seu destino, toda contente e alegre, foi surpreendida pela ausência da Paloma, a guia que sua tia havia contratado no pacote para acompanhá-la. Em sua imaginação, já havia construído a imagem de uma bela moça segurando uma plaquinha com seu nome.

Ao procurar informações nas placas de sinalização percebeu que havia desembarcado no Aeroporto Internacional Manuel Crescencio Rejón, e mais adiante encontrou outra placa que sinalizava:

“*Bienvenido a Mérida, Yucatán, México*”. Agora a única coisa que sabia é que não estava em Cancun, onde esperava desembarcar.

Transtornada, sem saber o que fazer, ligou para sua tia Clara que disse não saber o que estava acontecendo, pois havia deixado tudo acordado com a agente de viagens, pediu a Helena para aguardar, pois iria verificar e já daria um retorno.

Enquanto Helena aguardava o retorno da tia, olhou ao redor, tomada por desespero, angústia, e começou a chorar. Ela se sentou sobre sua mala e apertou sua bolsa contra o peito, tentando reduzir a dor que sentia. Quando seu telefone tocou o atendeu, mas considerava melhor não ter atendido, tendo em vista as notícias que sua tia tinha para dar.

– Helena, liguei para a agência e me informaram que eu mesma autorizei a alteração do seu roteiro de viagem, para Mérida, com pacote de city tour e hospedagem, mas não prevê sua ida a Cancun. Estou cobrando mais esclarecimentos, pois não fiz alteração alguma. Também estou péssima, Helena, mas precisamos manter a intencionalidade da viagem, minha fadinha. Infelizmente, a agência não tem nenhum guia disponível para te dar suporte aí. Tem mais uma coisa, o seu retorno para o Brasil será só daqui 20 dias e não 10, como estava previsto. Vou te mandar uma mensagem com o nome do hotel em que você ficará. Avisei também à sua mãe o ocorrido, quando você chegar ao hotel liga pra ela. Vamos nos falando, tente aproveitar a viagem, apesar dessa ‘surpresa’.

Após ouvir sua tia, Helena estava tão anestesiada que demorou quase meia hora para se recompor da notícia e conseguir se mover. Perguntava-se:

– De onde vou tirar dinheiro para me manter por mais dez dias?

Chorando, triste e puxando sua mala pelo aeroporto, foi abordada por Rosa, uma senhora de 70 anos que tinha acabado de chegar de viagem, para sorte de Helena, ela entendia português, e ouviu parte da conversa entre Helena e sua tia, e ficou bastante comovida com a jovem triste, que chorava sozinha no aeroporto.

Rosa se aproximou enquanto Helena estava chorando e repousou sua mão sobre seu ombro, Helena, assustada, virou-se rapidamente e a cumprimentou meneando a cabeça. Ao que Rosa perguntou numa tentativa de se comunicar:

– *¿Qué pasa, cariño?*

Helena, entendeu e pôs-se a explicar o que havia acontecido. Após ouvi-la, Rosa ofereceu-lhe abrigo e lhe disse, de um jeito enrolado, que morava sozinha e poderia ceder um quarto para ela ficar e assim não precisaria pagar o hotel em mais dez dias de estadia. Helena, embora receosa, não tinha outra opção, sozinha em outro país, resolveu aceitar a gentileza de Rosa, entraram no táxi e seguiram viagem, sem conseguir conversar muito, ainda anestesiada com toda a situação. Ao chegarem na casa, Helena foi acomodada no quarto de hóspedes e de lá não quis sair nem mesmo para comer, fez uma ligação para sua

mãe, dando detalhes do ocorrido e contando sobre Rosa. Tentou transmitir à mãe certa tranquilidade, dizendo que ficaria tudo bem, que manteria contato a todo instante.

Como não tinha o costume de acordar cedo, e ainda estava cansada da viagem, chegou à cozinha na hora do almoço. Como não havia comido nada na noite anterior, seu estômago estava roncando. Rosa serviu-lhe um prato e avidamente Helena encheu o garfo e o levou à boca, mas quando sentiu o sabor daquela comida, não sabia o que fazer. Sua educação a dizia para mastigar devagar e engolir, mas sua língua ardendo em chamas, devido à quantidade de pimenta e outros condimentos, a pedia para cuspir tudo! Nunca havia provado algo tão picante até aquele momento.

Rosa tinha um restaurante de comida típica, no centro de Mérida, no estado de Yucatán. Quando encontrou Helena, estava precisando de uma ajudante em sua loja, que assumisse a função de caixa e gerente geral. Helena por sua vez, tinha aprendido algumas coisas quando ia à empresa de seu pai e pediu a Rosa que a deixasse trabalhar para ela, como forma de pagar sua estadia e alimentação. Até aquele momento, Helena nunca havia pensado que trabalhar seria tão difícil e cansativo. No começo, ela achou que ficaria somente sentada, recebendo os pagamentos, mas como também tinha acumulado o apoio à Rosa na gerência geral do local, isto representava um grande desafio, visto que precisava ajudar a organizar a distribuição dos clientes nas mesas e dar suporte à cozinha na liberação dos pratos. Esta função a fazia caminhar quilômetros dentro do restaurante. A fadiga foi tão intensa que ao chegar à casa de Rosa só teve forças para um banho e se jogou para dormir, sem nem mesmo organizar sua roupa para o dia seguinte.

No final de semana, toda a família de Rosa foi visitá-la. Filhos e netos, todos entendiam português e falavam bem “arrastado” e cheio de sotaque, mas conseguiam se comunicar com Helena, pois o falecido marido de Rosa era brasileiro. Foi nessa ocasião que Helena conheceu Juana, neta de Rosa, que tinha sua idade. Conversaram o dia inteiro. Juana lhe contou muitas histórias e a convidou para acompanhá-la numa resenha. A relação entre ambas era fácil e divertida. Pela primeira vez, Helena experimentara o sentimento de amizade.

Ao chegarem à resenha, Helena chamou muita atenção por sua forma de se vestir: tênis branco de tecido, calça jeans escura contornando o corpo, um *cropped* de alcinha preto e uma jaqueta de couro preta. Para a cultura local, não era algo comum deixar a barriga à mostra. Juana foi dançar com um amigo e pediu a Helena que a esperasse sentada num banco, no canto da festa. Enquanto Juana dançava, Helena foi pegar um suco, e enquanto ela se servia, foi surpreendida por um garoto que veio dançando de costas, em sua direção, e com o impacto derrama mais da metade do suco em sua roupa. Indignada Helena joga o que restou do suco mirando o “desengonçado”, que era culpado por ela estar toda molhada. Depois de reagir arremessando o suco no destrambelhado, Helena virou-se de costas para procurar Juana e lhe pediu para que a levasse para casa. Mal sabia ela o quanto esse garoto seria presente em sua vida.

A aversão à resenha e ao resultado dela fizeram com que Helena fosse trabalhar no restaurante bastante emburrada, enquanto estava fazendo a soma do caixa, olha para cima e para sua surpresa, o tal destrambelhado estava lá. Ela tenta desviar o olhar, mas não adianta, percebe os passos dele vindo em sua direção.

– Oi! Você já se secou? – pergunta ele, ironicamente.

Irritada com a petulância, Helena responde:

– O que você está fazendo aqui? Deus, o que eu fiz pra merecer isso?

– Vim comer e aproveitar para visitar minha avó.

– Que avó? Já conheci todos os netos de Dona Rosa e duvido muito que você seja neto de uma senhora tão educada e bondosa!

– Lamento sua decepção, mas é a verdade. Se eu soubesse que minha avó iria contratar alguém jamais permitiria que ela contratasse uma pessoa tão grosseira e desequilibrada como você!

Enquanto discutiam eles perceberam Rosa se aproximando e cessaram a conversa, fingindo que nada havia acontecido. Então Rosa disse:

– Helena já conheceu meu neto?

– Infelizmente!

– O que?

– Ah dona Rosa, eu disse felizmente.

Então Diego diz repleto de deboche:

– Foi um prazer enorme conhecê-la, Helena, mas preciso ir – e abraça sua avó, saindo.

Rosa, observando Helena, percebe um certo cansaço em sua feição, afinal, o trabalho tem exigido muito dela, resolve então lhe dar um fim de semana de folga, para se divertir e arejar a cabeça.

Juana programou um passeio para o final de semana até a Praia do Progresso, umas das mais visitadas na região. Realizado o *check-in* do hotel elas correram rápido para a praia. Helena, moradora de uma cidade interiorana, ficou deslumbrada com a orla marítima e a água calma, em tom de verde esmeralda.

Após alguns mergulhos nesse mar, que parecia só existir em filmes, elas escolheram um restaurante próximo para almoçar, onde pediram tacos e tequilas. Helena nunca tinha ingerido bebida alcoólica e, por isso, não soube dosar a quantidade. O exagero a deixou embriagada. Juana, atenta à situação, propôs que voltassem ao hotel, onde se recuperariam.

O que Helena não sabia, até aquele momento, é que tal hotel pertencia a Diego, o desastrado primo de Juana. Lá chegando, Helena e Juana tomam banho e dormem a tarde toda. Juana acordou antes de Helena e resolve visitar uma amiga que morava por ali, mas ao sair do quarto, esqueceu que já tinha colocado um dos cartões magnéticos na bolsa e levou também o de Helena, deixando-a presa no quarto, pois ali também era necessário para abrir a porta por dentro.

Após acordar, Helena toma outro banho para despertar, e ao tentar encontrar o cartão magnético para sair, ela percebe que está presa e liga na recepção para solicitar a abertura de sua porta, mas o telefone de seu quarto não funciona. Helena começa a lembrar de tudo que deu errado na viagem e do quanto está cansada. Naquele momento, ela pensou que preferia estar em casa, mesmo com as brigas rotineiras, e começa a chorar copiosamente. Em seu desalento ela soluça e bate na porta dizendo:

– Por favor, me ajudem! Estou presa aqui!

Diego, fazendo algumas funções de gerência do hotel, estava circulando no andar em que Helena estava. Ele escutou o chamado e buscou um cartão para abrir a porta. Assim que abriu deu de cara com Helena, que o reconhece e, sem forças ou clima para provocações, agradece. Ao ver o seu estado, Diego se preocupa:

– O que aconteceu?

– Eu estou sentindo muita falta de casa.

Pela primeira vez, os dois olham um para o outro sem fúria.

Na manhã seguinte, ao assumir suas funções, Helena percebeu que teria um dia bastante exaustivo: o restaurante estava lotado e, como estavam com um garçom a menos, além de ficar responsável pelo caixa, ela também iria servir as mesas. Ela pensou que seria fácil realizar esta função, mas logo percebeu o desafio de memorizar tanta informação simultaneamente. Para atender as mesas era preciso saber muitos itens de cor, tais como: a posição das mesas, o rosto dos clientes, os pedidos e a sua ordem.

– Meu Deus! É muita coisa! – pensou.

Nesse momento lembrou-se de quando precisou decorar a tabuada na infância, e do quanto achava aquilo uma perda de tempo, mas aquele desafio estava lhe provando o quanto é importante memorizar coisas para executar um bom trabalho.

Diante do desafio proposto, Helena começou a organizar suas atribuições para dar conta do serviço. Afinal, ela não queria desapontar Rosa. A primeira coisa que fez foi anotar os pedidos, como já era feito pelos garçons, e percebeu que no caminho ia esquecendo a ordem dos pedidos, inclusive como faria para distribuir os pratos quando trouxesse os pedidos da cozinha. Resolveu criar um método próprio para atender, pois tinha ficado envergonhada de trocar os pratos de uma das mesas à qual servia.

Pronto! A estratégia estava elaborada, mentalmente, agora estava se direcionando para atender a sua segunda mesa do dia, e tinha prometido para si mesma que esta seria perfeita!

– ¡Buenos días! ¿Hablan portugués?

Em geral os clientes lhe respondiam negativamente, mas isso não a desanimava. Ela seguia repetindo aos clientes as frases que já tinha decorado.

Seu método envolvia: cumprimentar as pessoas da mesa, se apresentar, perguntar o nome de todos e desenhar os seus lugares no bloco de pedidos, colocar a inicial de seus nomes, além disso, também pedia

que cada um fizesse o seu próprio pedido, para ajudá-la a memorizar o rosto e associar ao pedido de cada um. Após anotar os pratos solicitados, colocava a inicial de cada um da mesa à frente do prato escolhido, para evitar trocas. Antes de sair da mesa, se dirigia por nome à cada pessoa e confirmava os pratos, e como queriam os pontos das carnes.

Após aplicar todas as etapas, percebeu que ouvir a voz, ler o pedido, olhar para as pessoas, fazer um desenho esquemático e confirmar a informação funcionava perfeitamente. Deu tudo certo! Exatamente como desejava. A mesa foi atendida corretamente e lhe rendeu uma ótima gorjeta no final.

No final da noite, ao deixar dona Rosa em casa, Diego foi falar com Helena:

– Você me deve um favor!

– Como?

– Não se lembra de que eu a libertei do cativeiro? Calma, eu tenho uma proposta de como ele deve ser pago. Preciso que você se passe por minha namorada no casamento da minha irmã mais nova, a Malu. É que a minha mãe está obcecada em me casar. Bem, tenho parte da culpa, após declarar numa entrevista sobre o hotel num jornal que eu não pretendo me casar. Minha mãe acha inadmissível um filho solteiro. E eu já estou farto da minha mãe convidar mocinhas casadeiras para que eu as conheça de surpresa quando vou à sua casa! Nada melhor do que levar você à festa: terei sossego por um tempo!

– Jamais me prestarei a tal papel! Acha que vou me arriscar fingindo intimidade?

– Não precisa nem pegar na minha mão, apenas me acompanhar. Ademais, você vai gostar de ir à uma festa de casamento no México. São as melhores em todo o mundo!

– Se é assim, eu aceito. Mas só porque estou curiosa sobre os costumes e a cultura local. Há mais uma condição: só aceito, se você for o meu guia cultural até o final de minha estadia no México.

– Então temos um pacto. Vou ligar para minha mãe e dizer que ela já não precisa arrumar mais uma pretendente. Ah, minha mãe se chama Blanca, uma informação que se supõe que a minha namorada saiba.

Após uma rápida conversa com sua mãe Diego veio inteirar Helena das novidades:

– Ótimo, ela comprou a história! Mas fez questão de receber nós dois na sua casa amanhã cedo para tomar café da manhã!

Nestas circunstâncias, não restou outra possibilidade a não ser Helena visitar a casa da “sogra”.

Na sexta-feira, eles saíram cedo da casa de Dona Rosa e partiram para Umán, cidade a 18 quilômetros de Mérida, com destino à casa de Blanca. O casamento seria no sábado, na mesma cidade. Ao chegarem, Blanca os aguardava com uma mesa farta de café da manhã. Ela recebeu Helena com um abraço mais apertado do que a convenção social recomenda e um sorriso largo no rosto. Diego e Helena seguiram caminhando até a mesa de braços dados para dar mais veracidade à encenação.

Tudo ia muito bem até a tia Geraldine chegar. Ela era louca como tia Clara, mas de comportamento diferente. Geraldine era conhecida por ser fofoqueira e especuladora. Queria de todos os modos ter certeza de que Diego estava namorando. Ela começou a crivar o casal de perguntas, aquelas básicas:

– Como vocês se conheceram? Há quanto tempo namoram?

Ambos se entreolharam e, ao perceber o perigo de ser apanhado, Diego diz:

– Helena, são que horas?

– Dez horas.

– Ah! Temos um compromisso! Precisamos ir, Helena, estamos atrasados!

Diego pegou a mão de Helena e saíram apressados. Dirigiram-se à garagem e ele pegou o primeiro veículo que viu à sua frente: uma Vespa. Ele pilotou a pequena moto até o Convento São Francisco de Assis para que Helena conhecesse esta atração.

Após terminarem o passeio, eles conversaram por horas e chegaram à conclusão de que deveriam criar uma história para o casal “*Fake News*” que haviam formado, principalmente para dar conta da curiosidade da tia Geraldine.

Diego quis apresentar um lugar especial para Helena, onde ia quando criança. Ali, para ele, é como se estivesse em outro mundo. Era um lugar belíssimo e contemplativo chamado Hacienda Xtepen, uma propriedade que se tornou um hotel de luxo. Como conhecia o gerente, ele conseguiu autorização para que eles passassem o dia. As varandas, o pátio, as fontes, as árvores centenárias e todo aquele mobiliário luxuoso deixaram Helena boquiaberta. Diego segurava sua mão enquanto ia lhe apresentando os espaços. Ela, tão absorta pelos detalhes, dos lustres às colunas de estilo barroco, nem notou a mão de Diego na sua.

Após almoçarem eles perceberam que já haviam percorrido todos os pontos da propriedade. Diego direciona Helena de volta à Vespa. Ao entregar a ela o capacete, fixa seu olhar nela, se aproxima, Helena paralisa, seu coração dispara, quando inicia a balbuciar algo é interrompida por um beijo de Diego, que a envolve em seus braços com carinho e pressiona seu peito contra o dela, ambos percebem os corações em disparada.

Logo abaixo, daquele verde centenário do pátio frontal da fazenda, se entreolham cheios de ternura e se abraçam demoradamente. Não precisavam dizer nada um ao outro. Os movimentos coordenados de seus corpos, como uma dança coreografada, a respiração ora acelerada, ora lenta e os suspiros que deixaram escapar já tinham manifestado o que era preciso.

Ao final do passeio, retornaram à casa de Blanca, onde foram surpreendidos pela notícia de que o local do casamento sofrera um incêndio e toda a decoração tinha virado cinzas. Malu, chorosa, desespera-se sem saber por onde começar. Ela só via a opção de pegar a lista de convidados e ligar um a um cancelando o casamento. Helena, então olha ao seu redor e repara nos detalhes à sua volta: a casa de Blanca

era linda: um jardim imenso, com grama parecendo um tapete e vários vasos de flores espalhados. Era um ambiente perfeito para uma festa de casamento. Pensando em tudo, resolve sugerir:

– Por que, ao invés de cancelar o casamento, não o transferem para cá?

– Eu sugeri desde o início que minha filha se casasse aqui, mas Malu quer uma festa mais moderna.

O que você acha, filha? – pergunta Blanca à Malu.

– Ah, mãe! Não era o que eu tinha planejado, e nem se trata de ser ou não mais moderno... eu só queria fazer tudo do meu jeito! Que fosse um momento só meu. Mas acho que é a melhor alternativa. Não quero ter que cancelar. Vou tentar falar com os fornecedores.

– Eu te ajudo, Malu! – se adiantou Helena.

Passaram o final de tarde todo organizando os ajustes para o dia seguinte, o grande dia da Malu.

Naquela noite, tia Geraldine colocou à prova toda a articulação feita por Helena e Diego. Eles passaram a noite conversando sobre as diferenças culturais entre Brasil e México e se divertiram jogando cartas com a família de Diego. Enquanto interagiam com todos à volta, os olhares que trocavam insinuavam a vontade de ficar a sós. O namoro que deveria ser apenas uma farsa estava se concretizando. Blanca chamou Diego para conversarem na varanda. Apesar de desejar muito ficar perto dele mais uma vez, Helena estava exausta, pediu licença e foi dormir.

No dia seguinte, o movimento começou logo cedo na casa de Blanca, e todos colocaram a mão na massa. Helena era praticamente uma gestora de casamentos, seguia fazendo listas e auxiliando Blanca e as equipes para organizar o espaço da cerimônia e para a festa.

A cerimônia foi celebrada por um padre amigo da família há muitos anos. Àquela altura, de tanto ouvir as pessoas à sua volta, Helena já conseguia entender quase tudo, raras vezes precisava perguntar a Diego o significado de alguma palavra. Ele seguia ao seu lado, agora distribuindo afagos e beijos sem nenhuma economia. Durante a festa, se misturaram aos cento e oitenta convidados e circularam cumprimentando e conversando com todos. Quando finalmente puderam ficar a sós, Diego segurou as mãos de Helena e disse:

– Sei que parece clichê o que vou dizer, mas nunca me senti assim com ninguém. Me sinto confuso perto de você. É como se eu tivesse perdido todas as minhas referências.

Enquanto ouvia essas palavras, Helena mergulhava nos olhos de Diego, esforçando-se para absorver cada palavra. Ela nunca havia ouvido uma declaração que lhe parecesse tão sincera, nem algo que lhe tocasse tanto o coração. Quando Diego falou da distância, seus olhos se encheram de lágrimas, que nem conseguiram escorrer sobre seu rosto, pois Diego as aparou com seu lenço, antes que conseguissem borrar sua maquiagem.

– Tudo o que você disse me tocou muito, nunca imaginei que viveria tanta coisa em tão pouco tempo. Muito menos que iria te encontrar. A distância me preocupa também, mas encontraremos alguma solução.

Emocionado, Diego lhe responde:

– Certamente iremos, não quero mais ficar longe de você.

Ambos seguiram para descansar, afinal o dia tinha sido puxado e Diego precisava cumprir sua parte no acordo, ser guia de Helena e levá-la para conhecer o Parque Arqueológico Chichén Itzá. Antes de subirem para os seus quartos se abraçaram e beijaram longamente.

No domingo, já na atração turística, descobriram que o roteiro do local era dividido em várias partes. Primeiro visitaram um curandeiro que fazia limpeza em duas pessoas com uma pedra chamada Obsidiana, que, segundo as crenças locais, era uma pedra protetora, serve de escudo contra a negatividade, revitaliza o propósito das almas e ajuda a resolver problemas do passado. Antes de continuar, pararam para almoçar em um restaurante de comida, música e dança típicas. Seguiram para conhecer o cenote sagrado. Diego explicou que, anteriormente, aquele lugar era utilizado para rituais religiosos onde oferendas e sacrifícios humanos eram atiradas para os deuses do povo maia. O cenote é um poço natural com águas cristalinas, rodeado por uma parede de pedra e árvores, lá eles tomaram banho e se refrescaram. No final do dia conheceram a pirâmide de Chichén Itzá ou pirâmide de Kulkucán, um templo erguido em homenagem ao deus Kukulcán.

No folheto entregue à Helena na entrada do parque constavam as seguintes informações sobre a pirâmide, que Diego traduziu, com toda paciência, para ajudá-la a entender mais sobre o local. Em síntese, o folheto explicava:

– O significado do nome – Chi significa “bocas”, chen significa “poços”, e Itzá é o nome de uma tribo maia que lá se estabeleceu. A pirâmide possui 30 metros de altura, e recebe cerca de 1,5 milhões de visitantes por ano. É considerada Patrimônio Cultural da Humanidade, declarado pela UNESCO desde 1988;

– O número de degraus da pirâmide é de 365, pois é formada por várias plataformas quadradas, superpostas, com 4 lados, cada um composto por 91 degraus, que somados a um degrau único na entrada do templo somam o número de dias do movimento de translação da terra ao redor do sol;

– O maior fenômeno da pirâmide acontece nos dias dos equinócios, 21 de março e 21 de setembro, quando começam as estações de primavera e outono respectivamente, e milhares de turistas vão a Chichen Itzá para presenciar a aparição da serpente emplumada, Kukulcán, o Deus maior dos maias, na lateral da pirâmide. Este fenômeno se manifesta graças aos detalhes triangulares nos degraus da pirâmide, que quando refletidos pela luz do sol, nos dias dos equinócios, possibilitam a formação do desenho de uma serpente.

Helena lamentava não estar na época do ano em que o fenômeno provocado pelo reflexo na estrutura iria lhe permitir enxergar a serpente, mas não desanimou, fez muitas poses em frente ao monumento e ambos esperaram o pôr do sol.

No fim da noite, após chegar à Mérida, quando já tinham se despedido, Diego volta ao seu carro para buscar o presente que havia comprado para Helena no parque, uma esfera, para que lhe desse boas energias. Na porta da casa de Rosa, Helena se despede, seu coração se enche de tristeza, pois lembrou-se que estava próximo o dia de sua partida.

Na segunda-feira, um dia antes de Helena ir embora, Diego chegou à conclusão de que a amava e decidiu lhe pedir em namoro. Ele mandou uma mensagem dizendo que passaria no final do dia para pegá-la. Helena, feliz, foi se arrumar para esperá-lo.

Ao chegar a um lugar isolado, uma espécie de mirante local, Helena avistou um caminho de velas acesas, uma tenda com o chão todo coberto por rosas vermelhas. Sente o coração disparar e pensa estar vivendo um sonho, com os olhos brilhando de felicidade abraçou Diego. O jantar foi meticulosamente planejado, composto pelos detalhes que os marcaram quando se conheceram. Diego pensou em tudo. O prato principal era a comida preferida de Helena, e a bebida foi a mesma que havia derramado na festa em que se viram pela primeira vez. Logo após o jantar, ele a chama para apreciar o céu, debaixo das estrelas. Diego pede Helena em namoro, ela aceita e eles passam a definir como será o futuro de ambos.

Após muita conversa, Helena decide que o melhor para ela é morar no México, está muito feliz, vivendo o melhor momento de sua vida, planeja voltar para casa e ver a questão da transferência da faculdade, bem como ouvir a opinião de sua família. Diego, feliz com a decisão de Helena, decide ir com ela para conhecer sua família. Ao deixar Helena na casa de Rosa combinaram que ele compraria uma passagem no dia seguinte e que iria ao Brasil com ela.

Ana Maria, muito entusiasmada no aeroporto à espera da filha, não contava com a surpresa de que ela voltaria para casa com um namorado, ao vê-la saindo da área de desembarque segurando a mão de Diego ficou admirada com a imagem que viu. Helena ao ver a mãe, sentiu o coração pular de alegria. Após tanto tempo a distância o que mais desejava era abraçá-la.

Em casa, depois de contar tudo que dona Rosa fez por ela, suas aventuras e sobre como conheceu Diego, com riqueza de detalhes, ela foi interrompida pela mãe:

– Como você se lembra de tanta coisa assim, sua memória é infinita?

– Não, mãe! Na verdade, a memória humana não é igual a um *pen drive*! Não temos limite de memória. Podemos viver muitas experiências e, ainda assim, lembrar-nos de todas elas. Nós podemos aprender e guardar novas informações sempre. Eu jamais esquecerei tudo o que vivi nos últimos vinte dias!

Depois das notícias descontraídas, contou sobre sua decisão de continuar seus estudos em Mérida. Ana Maria não conseguiu esconder sua tristeza por ficar longe da filha mais uma vez, mas também estava feliz, por Helena ter se encontrado. Ao contar tudo a Antônio, a reação dele foi catastrófica. Como de costume, ele repreende Helena e mais uma vez agride Ana Maria.

Só que agora, depois de se sentir mais segura, e estar mais resolutiva, Helena reuniu Diego e Ana Maria e juntos chegaram à conclusão de que sua mãe voltaria com eles e viveria no México. A filha empoderada deu à Ana Maria a motivação que faltava para separar-se de Antônio e aventurar-se com ela no México, começando uma nova vida. Assim, organizou seus pertences e foi hospedar-se num hotel até que os trâmites jurídicos fossem resolvidos.

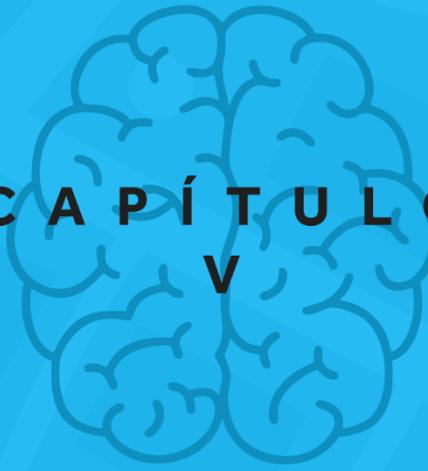
Tia Clara, curiosíssima para saber da viagem de Helena, marcou um almoço em sua casa para saber as novidades. Bárbara surpreendeu-se ao avistar a prima com o namorado de seus sonhos: alto, pardo, de cabelos castanhos claros, magro, e de corpo definido, simpático e inteligente. Ela ficou irada e pensava: “Como meu plano pode ter dado errado?”. Durante o almoço, tia Clara diz que solicitou uma investigação interna na empresa de turismo para averiguar o que havia ocorrido, mas que ainda não tinha recebido nenhuma resposta.

Em pouco mais de uma semana Helena resolveu tudo o que precisava para partir para o Mérida e estava decidida a voltar para o Brasil apenas para férias. Sozinho, Antônio se afundou ainda mais no álcool, Bárbara ainda não foi desmascarada e continua sendo a mesma pessoa amarga e invejosa, Tia Clara manteve-se a de sempre, divertida e “maluca”.

No novo país, Ana Maria tornou-se sócia de Rosa, e juntas abriram mais um restaurante, além de também estar namorando, agora tinha um parceiro que a tratava com respeito e carinho. Diego e Helena se casaram logo após ela concluir a faculdade, e a menina que não era capaz de fazer nada sozinha, agora auxilia Diego a coordenar seus hotéis e pousadas espalhados por vários pontos do país. O casal mora perto de Ana Maria e Dona Rosa, todas as sextas-feiras, após o expediente, Helena faz comida brasileira, para matar a saudade, e após o jantar assistem filmes e séries juntos até pegarem no sono, sempre abraçadinhos, trocando olhares, carícias, e sendo companheiros.

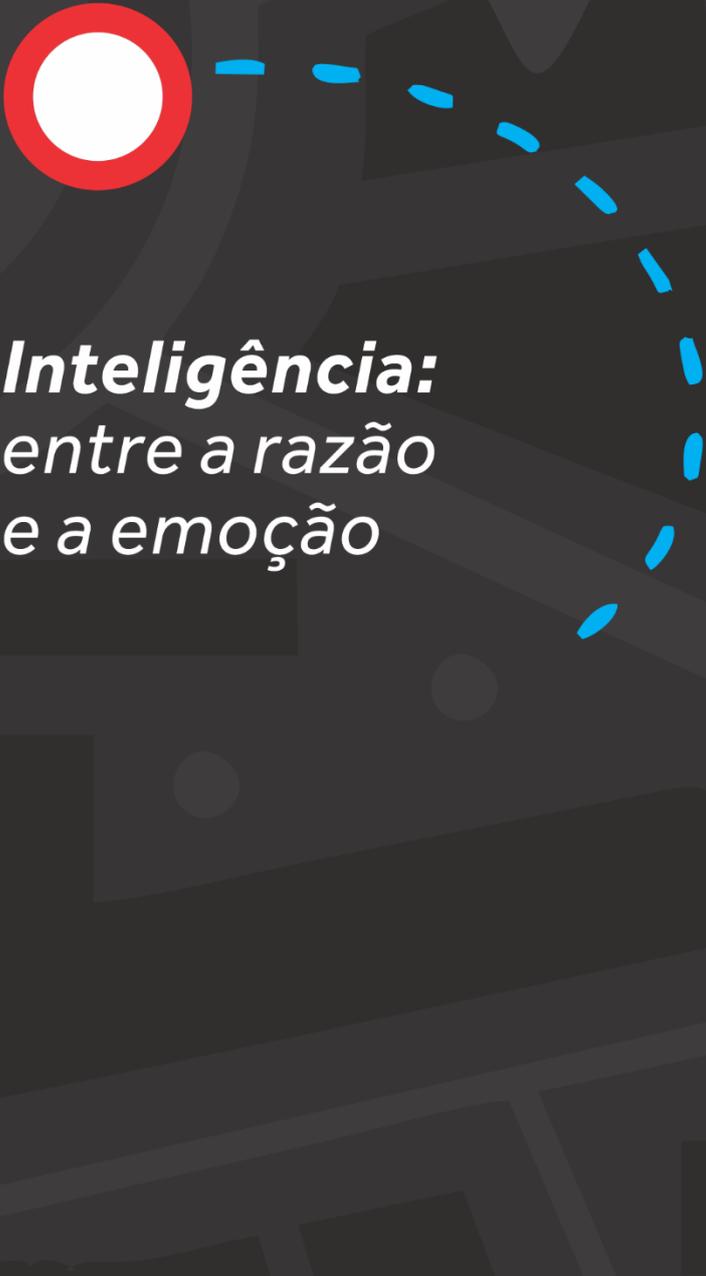


CAPÍTULO V





*Fabielly Vitoria da Cruz Almeida
Adriana Freitas de Almeida Finger
Mara Regina Rosa Ribeiro*



***Inteligência:
entre a razão
e a emoção***

A inteligência de Patrícia

Patrícia era a filha caçula de João e Clarice, estava com 10 anos de idade. Era uma menina muito inteligente, espontânea, articulada e curiosa. Quem convivia com Patrícia se espantava com seu comportamento, tinha um vocabulário fantástico, fazia uso de palavras extremamente complexas para a sua idade. Era apaixonada por livros e séries, e talvez por isso tinha uma capacidade incrível de criar histórias. Uau, como essa garota é criativa.

Todos de sua família a consideravam muito inteligente, e a cada encontro familiar surgia a mesma velha conversa, que Patrícia certamente tinha QI acima da média. Era um caso a ser investigado, principalmente porque todos acreditavam que quanto maior o cérebro, maior a inteligência, e esse não era o caso da menina, que apresentava características físicas proporcionais à sua idade.

Os pais conversaram e decidiram que era hora de investigar o caso da filha, pois temiam que ela viesse a apresentar alguma doença no futuro. Começaram a levar a pequena Patrícia em vários especialistas, e naquela época o que os médicos diziam era que Patrícia era ‘diferente’ das outras crianças, seu comportamento era atípico, mas não chegaram a nenhum diagnóstico ou respostas que acalmassem o coração dos pais. Um dos médicos que a família recorreu foi o Dr. Paulo, com especialidade em neurologia.

Na recepção da clínica, Patrícia observava tudo ao seu redor, havia uma bancada com duas moças sorridentes, vasos de plantas nos dois cantos da sala, cadeiras confortáveis e um suporte com revistas, havia também bebedouro e máquina de café. Os pais de Patrícia reforçam que a menina fique em silêncio e os deixe falar com o doutor. Ela acena que sim com a cabeça.

– Sr. e Sra. Torres, o Dr. Paulo os aguarda na sala 03, por favor. A recepcionista anuncia.

– Bom dia Sr. João e Sra. Clarice. Entrem, por favor. Como estão? O que houve com a pequena Patrícia? – perguntou o Dr. Paulo.

– Acho que estamos com problemas doutor – respondeu prontamente João, pai de Patrícia.

– Conte-me João, o que seriam esses problemas?

– Clarice e eu há tempos temos percebido que Patrícia apresenta um comportamento incompatível para a sua idade. Achamos que está muito inteligente, além do esperado. Quando comparamos com as amigas e colegas de escola da mesma idade, ela está muito à frente. Inclusive todos que convivem com ela – familiares, amigos e professores, percebem o mesmo. Então decidimos trazer minha filha para ver se ela tem algo de ‘errado’.

– Minha filha é muito especial Dr. Paulo, muito educada, companheira, nunca nos deu problemas na escola, pelo contrário, é muito elogiada pelos professores, embora por vezes reclamam que ela interrompe as aulas fazendo colocações sobre os conteúdos. Dizem que ela tem um raciocínio muito rápido. Complementa Clarice.

– Compreendo. Patrícia, nome bonito o seu. Como você se sente? Faz alguma coisa, pratica algum exercício para exercer sua inteligência? Se percebe mais inteligente que as outras crianças do seu convívio? – perguntou Dr. Paulo, mostrando interesse pelo caso.

Patrícia olha receosa para os pais, mas resolve responder o médico.

– Estou bem doutor. Na verdade, desde muito pequena ouço meus pais e todos à minha volta falarem que sou inteligente. Não concordo que isso seja um problema, mas me incomoda o fato de me tratarem como se eu fosse uma extraterrestre. Na minha casa nem tanto, mas na escola alguns alunos mencionam que não sou deste mundo, ou que nasci muito antes e não envelheci. Gosto muito de jogos, quebra-cabeça, xadrez, adivinhação, Quiz, cálculos, e além disso gosto muito de ler, nada demais.

– Pelo que estou vendo aqui você não é uma extraterrestre. Realmente você tem um gosto refinado para uma criança de apenas 10 anos – diz Dr. Paulo, que a olha fixamente nos olhos. – Me diga, como é o seu padrão de sono, alimentação, você se considera uma pessoa ansiosa, que fica contando os segundos para as coisas acontecerem?

– Sempre comi bem, durmo cedo, pois estudo de manhã. Sou um pouco ansiosa, mas qual criança não é?

– Certo. Vamos precisar fazer alguns exames, para que eu possa avaliar clinicamente. Vamos fazer uma ressonância e uma tomografia computadorizada. Não se preocupe Patrícia, os exames não doem nada.

Enquanto se preparam para o exame, doutor Paulo inicia uma conversa sobre meios para aprimorar o desenvolvimento intelectual, na tentativa dos pais se recordarem se usaram algum artifício para aumentar o nível de inteligência da menina.

– Não sei se já ouviram falar que música clássica ajuda no desenvolvimento intelectual, há escolas que usam dessa estratégia para melhorar o nível de inteligência dos alunos. Inclusive meus pais sempre nos fizeram estudar ouvindo música clássica, e acredito que isso contribuiu para que eu me tornasse médico.

– Não senhor, Patrícia sempre ouviu música junto com a irmã, mas nenhum estilo específico, são bem ecléticas, por sinal – responde o pai.

– Podem aguardar na recepção, assim que tiver os resultados os chamo.

Alguns minutos de espera e o médico os chamam na sala.

– Ok. Boa notícia, os exames da Patrícia estão todos normais, não há nada de alteração. Sugiro que vocês consultem um amigo meu, neuropsicanalista, tenho certeza que irá ajudá-los, aqui está o contato. Patrícia vai gostar muito de conversar com ele. Foi um prazer conhecê-los. Dr. Paulo encerra a consulta.

Os pais de Patrícia retornam para casa em silêncio, pensativos. No carro só se ouve o som das setas e os pezinhos de Patrícia tocando um no outro. Patrícia resolve quebrar o silêncio fazendo uma pergunta, que mais parecia uma reflexão:

– O que resolveram com a consulta? Será que alguém se preocupa de verdade sobre como eu me sinto sendo apontada como uma pessoa ‘anormal’, pelo simples fato de não concordar com tudo que dizem ou mesmo aceitar uma resposta que não sana minhas dúvidas? Os adultos rotulam as crianças como seres incompletos, incapazes de pensar por si. É por isso que eu sempre peço livros, porque eles me permitem imaginar, criar, interpretar, eu sinto como se pudesse ser quem eu sou, sem precisar me esconder, me calar.

Os pais de Patrícia ficaram boquiabertos com o desabafo da filha, sentindo-se culpados por não terem dado a ela a oportunidade de falar o que sentia.

Três meses depois... Patrícia, uma criança à frente de seu tempo

Os pais de Patrícia estavam indecisos se deveriam dar continuidade à investigação com o neuropsicanalista que o médico indicou. Patrícia estava mais reflexiva e calada, algumas vezes parecia triste. Estavam decididos a esperar mais um mês, até que receberam uma ligação do colégio onde a menina estudava.

– Boa tarde Sra. Torres, como vai? É a Carmem, diretora da escola Santa Marta. Gostaríamos de agendar uma reunião com a senhora e seu esposo, precisamos conversar sobre Patrícia. Podem vir à escola amanhã de manhã, às 9:00?

– Claro, responde prontamente Clarice. Às 9h00 estaremos aí.

Clarice passa o dia todo pensando nisso, afinal ela e o esposo já haviam notado mudanças no comportamento da filha, desde a tal consulta com o Dr. Paulo. Quando o esposo chega do trabalho, ela comenta sobre a ligação da diretora, e enfatiza que sua voz era de preocupação, mas o pai pede calma e que ela aguarde a reunião.

– O jantar está servido amor. Vou chamar as meninas. Não comente sobre a reunião, acho melhor conhecermos os fatos primeiro – diz Clarice.

O pai acena que sim com a cabeça. Seus olhos demonstram preocupação, nota-se ainda uma ruga na testa, do tipo: preciso fazer algo para ajudar minha pequena. Embora por vezes assume uma personalidade orgulhosa, João tem um amor indescritível pela filha, aliás é a única no mundo que consegue arrancar com facilidade sorrisos do pai. Que saudades tenho das conversas malucas, gargalhadas e histórias sem fim. Quero a minha filhota de volta, suplica o pai, em silêncio.

Todos sentam à mesa, o jantar tem um cheiro e sabor magníficos. Clarice está mais calada. O pai busca manter a pose de ‘chefe da família’; Manuela elogia a comida e fala um pouco sobre os trabalhos da escola, enquanto Patrícia está observando a comida no prato, e menciona que tem tarefas a fazer.

Instantes depois terminam o jantar e Patrícia sobe para o seu quarto, logo em seguida chega Clarice.

– Posso ajudá-la filha? O que você está estudando?

– Ciências mãe. Corpo humano e seus sistemas. Preciso terminar o resumo, facilita a compreensão do todo, além de ajudar a responder as perguntas. –

– Eu também gostava de fazer resumo, ajuda muito na hora de estudar para a prova. Deixe-me ver como está se saindo... Clarice percebe o quanto a filha é metódica, seu caderno é impecável, no livro há algumas atividades em branco, mas ela prefere não questionar, pelo menos naquele momento.

– Muito bem filha, vou deixar você terminar. Se precisar me chame. Dá um beijo de boa noite na filha.

Amanheceu. Clarice prepara o café e finge ser um dia como outro qualquer. Após o café as meninas seguem para a escola, e Clarice se prepara para a reunião, aguardando o esposo que vai passar para pegá-la.

– Fique calma amor. Vai ficar tudo bem, fala João, tentando transparecer tranquilidade.

Estacionam em frente ao colégio e seguem para a diretoria. São exatas 9 horas. Dona Carmem os aguarda, e cumprimenta Clarice com um abraço caloroso.

– Bom dia, sentem-se. Serei objetiva e clara. Podem me interromper quando quiserem. Faz uma pausa, olhando docilmente para Clarice. Vou falar um pouco do que os professores têm percebido no comportamento da Patrícia. Vocês a conhecem melhor que qualquer um de nós, sabem o quanto ela se destaca dentre as colegas de classe. Porém, há algumas semanas ela tem demonstrado pouco interesse nas aulas, ficando dispersa e menos participativa, inclusive deixando de fazer as atividades de casa. Teve prejuízos nas notas das provas bimestrais, e praticamente entregou uma redação em branco. Não sei se estão com problemas em casa.

– Agradecemos por nos chamar Dona Carmem. Há tempos estamos pensando sobre o processo da Patrícia. A gente fica feliz por ela se destacar, ser inteligente, mas também temos medo que isso de alguma forma venha a prejudicá-la no futuro. Chegamos a pensar que ela pudesse ser diagnosticada com algum problema relacionado à atividade cerebral, até a levamos em um neurologista, há pouco mais de 3 meses, mas os exames estão todos normais.

– O que o médico disse? Pergunta Carmem, surpresa.

– Na verdade, ele apenas nos ouviu, e fez alguns exames. Mas assim como os outros especialistas que levamos, não detectou nenhuma alteração clínica. Indicou um neuropsicanalista. Mas desde a consulta percebemos que Patrícia tem conversado menos, está mais introvertida, diz Clarice.

– Nunca achei que Patrícia tivesse algum problema, ela apenas apresenta uma personalidade mais madura para a idade, além de um raciocínio rápido e muita desenvoltura nas atividades. É extremamente inteligente. Como sabem, trabalhamos com uma equipe multiprofissional, muito capacitada, vamos

acompanhar a Patrícia mais de perto, terá consultas com a psicoterapeuta, acredito que isso acalmará os seus corações. Nesse momento precisamos dar espaço à Patrícia e ouvi-la. Diz Carmem.

– A nossa menina desde muito nova apresenta um nível de inteligência muito avançado, comparado às outras crianças da mesma idade. O que explicaria essa diferença? Tamanho de cérebro? Hiperestimulação? Ela pode ter algum comprometimento no seu aprendizado no futuro, porque usou uma porcentagem do cérebro maior que o usual? Isso nos preocupa, diz João.

– Vamos ajudá-los a encontrar respostas, Sr. João. Tudo que envolve o cérebro é ainda muito complexo, por isso a necessidade de trabalharmos em equipe e nos dedicarmos a essa área, compreender o processo de como se aprende e desmistificar falsas crenças, ainda tão presentes em nosso meio. Precisamos primeiramente nos preocupar com o bem-estar de Patrícia, ela precisa ser ouvida, respeitada, acolhida. Todos os esforços que estão fazendo irão de algum modo refletir em seu comportamento. Patrícia cresceu ouvindo das pessoas que ela era uma criança atípica, com o passar do tempo ela pode ir criando mecanismos de defesa, como isolamento, introspecção, e isso pode acarretar grandes prejuízos, por isso precisamos ser cuidadosos. Estou certa de que tudo ficará bem. Caso vejamos necessidade, podemos consultar o neuropsicanalista. Termina Carmem, levantando da cadeira e estendendo a mão aos pais.

– Agradecemos pela preocupação e cuidado – diz Clarice, cumprimentando-a.

Clarice está mais calma, volta para casa com outro semblante. João retoma seu trabalho. O dia promete ser tranquilo. Clarice decide fazer a comida predileta de Patrícia, lasanha. Manú, irmã mais velha de Patrícia, combina com os pais de pegá-la no colégio.

Manú e Patrícia estão retornando para casa. Patrícia tem um carinho imenso pela irmã, fica em êxtase quando Manú a busca no colégio. Manú vem tagarelando sobre um filme que o pessoal da escola diz ser incrível, as duas combinam de assistir. Manú aproveita para apoiar a irmã.

– Pati, sei que você está triste por causa da insistência do papai e da mamãe em investigar sua ‘superinteligência’. Vou falar o que penso sobre isso: Você só é inteligente e ponto. Não deixe que isso tire a sua alegria, roube a sua curiosidade em saber mais sobre as coisas. Eles só estão sendo pais, buscando compreender melhor como lidar com isso. Você pode ajudá-los nesse processo, expondo a eles o que sente. O diálogo sempre deve ser a saída maninha. Nunca deixe de falar o que pensa. Sou sua fã e estarei aqui, sempre, conte comigo.

Poucos instantes depois Patrícia está sorrindo, feliz pelo apoio da irmã. Conta empolgada sobre o preparo para a feira de ciências, um evento importante da escola. Parece que a ideia da Manú deu certo. Patrícia está de volta, saltitante e ansiosa para assistirem o filme juntas.

A irmã de Patrícia – Manú, e a incerteza do futuro

É hora do almoço. Manuela está sentada à mesa, perdida em seus pensamentos, mal tocou a comida, sua mãe se aproxima tentando uma conversa.

– Oi querida, ainda não terminou esse almoço. Precisamos conversar sobre a faculdade. Logo virá o ENEM e você vive fugindo desse assunto.

– Manuela estava de cabeça baixa, dava para ouvir o som de sua respiração. Ficou por um instante em silêncio, levantou os olhos para a sua mãe e respondeu.

– Agora não mãe. Estou atrasada para terminar um trabalho da escola. Vou precisar ir à biblioteca, devo voltar tarde.

– Manu, estamos quase no fim do ano, não quero que perca a oportunidade de fazer o ENEM. Vamos conversar quando você voltar. Volte para casa com cuidado. Encerrou a conversa dando um beijo na cabeça da filha.

Manuela tem 17 anos, é determinada, sonhadora, confiante, dessas que mesmo diante do medo enfrenta tudo de cabeça erguida, peito aberto, coração valente. Por vezes é esmagada por insultos, descréditos, ameaças, planos que nem sempre dão certo, mas nunca deixa de acreditar nos seus propósitos. Entre risos e lágrimas ela se reinventa todos os dias. Desde o nascimento de Patrícia ela se viu obrigada a se virar sozinha, não que tenha sido ‘abandonada’, mas aos poucos percebia que a atenção de seus pais era quase integral à irmã.

Manuela cursa o terceiro ano do ensino médio, estuda numa escola pública tradicional de sua cidade, reconhecida mundialmente pelo desempenho dos alunos no ENEM, o perfil dos alunos vocês já sabem, os famosos ‘nerds’. Inclusive a escola participa do Projeto Oportunidade para Todos, que tem por objetivo contemplar alunos de escolas públicas a realizar intercâmbios para instituições de nível superior de todo o mundo.

Manu está vivendo uma fase difícil, concluindo o ensino médio e precisa fazer grandes escolhas, do tipo: ‘o que você vai ser quando crescer?’ Esse tipo de escolha, por vezes, causa certo desespero, primeiro porque é preciso lidar com sentimentos, como dúvida, incerteza, medo e frustração. Decidir é se responsabilizar pelo resultado, e nem sempre as coisas saem como planejadas.

Manuela chega à biblioteca e encontra seu grupo de trabalho. Estão empolgadas conversando sobre o concurso de bolsas da escola, que acontecerá no próximo mês.

– Gente, já imaginaram, 1 ano de aventuras. Longe de nossa rotina, mesmices, tudo novo: pessoas, aulas, culinária, música..., que sonho. Já pensou se eu sou contemplada? – brinca Camila.

– O aluno contemplado ano passado foi para uma universidade do Japão, falou que é surreal, uma experiência única– diz Letícia.

Manu permanece calada, e sua amiga, Mia, logo percebe que a amiga não está bem, mas age com naturalidade para que as outras colegas não percebam. Mia é a melhor amiga da Manu, uma menina de personalidade calma, tão calma que por vezes irrita Manuela, que a considera fria em alguns momentos. Após se cumprimentarem Manu sugere ao grupo:

– Pessoal, vamos separar os temas para a nossa pesquisa. Já elaborei um quadro e separei a parte que cada uma ficará responsável, inclusive já têm descrito todas as etapas para nossa apresentação.

– Como assim, Manu? – reage Michele. Você de novo tomou a decisão sem nos consultar? Estávamos aqui justamente falando sobre uma nova abordagem de apresentação. Estamos terminando o semestre, precisamos fazer algo diferente, inovador. Vi na internet ideias muito legais, apresentação em forma de games, teatro, música, poesia.

– Justamente. Interrompe Manu. Estamos no final do semestre e agora você quer propor mudanças? Eu sempre tomei as decisões, e sempre nos saímos super bem. Mudar os protocolos pode tornar nossa apresentação um desastre.

Por um instante, todas ficaram em silêncio, só se ouvia os passos das pessoas que circulavam entre as estantes de livros... era um silêncio que causava desconforto. Até que Mia resolveu quebrá-lo, tentando contornar a situação:

– Meninas, vamos fazer assim, a Manu mostra o que ela planejou e juntas vemos se dá para implementar alguma estratégia que a Michele propôs. Acho que fica mais democrático, temos que pensar como grupo.

Todas se olham por um instante e Manu acena que sim com a cabeça, buscando na mesa o material que trouxe para apresentar ao grupo. Manu tem uma capacidade incrível de sistematização, é metódica e muito objetiva, sempre age com praticidade, dona de uma autoconfiança invejável. Após apresentar sua proposta ao grupo ela pergunta:

– O que acharam?

– Ficou ótimo Manuela, como sempre, responde Michele. Só acrescentaria alguns recursos tecnológicos para tornar a apresentação mais atraente. Isso de slides já está ‘batido’.

– Qual a sua sugestão então? Que recursos? – pergunta Manu.

– Trouxe uma proposta bem interativa. Criamos um *game* de perguntas e respostas, por meio do *Kaboot*. Dividimos a turma em 4 grupos. A gente pede para eles baixarem o aplicativo um dia antes da aula. Como somos 5, podemos elaborar 10 perguntas com a temática, cada uma fica responsável por duas. Podemos formular a partir do que você já sistematizou. Explica Michele.

– Adorei sua ideia Michele, assim todos da turma participam. No momento de falar as respostas, a gente explica o conteúdo – responde com empolgação Camila.

Todas ficaram entusiasmadas, já pensando na competitividade entre os colegas, mas Manu estava com um sorriso sem graça, dada a dificuldade constante em permitir que o grupo exercite a criatividade e liberdade. Mas ainda assim, concordou com a colega, deixando-se levar pela empolgação do momento.

– Certamente será muito divertido – manifesta-se Manu, sorrindo.

As meninas se despedem, e Mia sai acompanhando Manu, como de costume.

– Adorei sua roupa Mia, você fica linda de azul, deve ser por isso que mais da metade do seu guarda-roupa é azul – comenta Manu, sorrindo.

– Obrigada amiga. O azul me torna mais leve, além de combinar com meus lindos olhos, ironiza Mia, que tem olhos castanhos. Mas me conta, você chegou tristonha na reunião, o que foi?

– Ah amiga, às vezes parece que tem um balão inflando na minha cabeça, e que vai explodir a qualquer instante. Sinto uma pressão, sabe, tenho que decidir sobre coisas que penso que ainda não seja o momento – suspira Manu.

– Na verdade, acho que a maioria de nós se sente assim amiga, mas diferente de você a gente ‘segue o baile’ de acordo com a música, tunt tunt tunt, brinca a amiga. Acho que meu problema é como vejo os adultos. Veja meus pais. Meu pai é advogado, o amo, afinal ele é meu pai, mas nossas brigas são sempre pelos mesmos motivos, ele é arrogante, orgulhoso, não consigo sentir orgulho dele, e isso me deixa triste, sentindo-me culpada, como posso não me orgulhar do meu próprio pai?

– Sim amiga, sempre que você me conta das discussões que tem com ele penso a mesma coisa. Mas você tem que aprender a lidar com isso, porque dificilmente ele irá mudar. Você não tem culpa de nada, as pessoas têm personalidades diferentes, dentro de uma mesma casa. Tente ver pelo lado bom, você pode identificar os pontos positivos e negativos dele, espelhe-se nas coisas boas. Ninguém é 100% sem defeitos – diz Mia.

– Minha mãe é uma fortaleza. Pode estar um ‘caco’ por dentro, mas demonstra-se sempre disposta, zelando pela família. Abdicou-se da profissão por conta da maternidade, primeiro para cuidar de mim, depois da Pati, nunca mais conseguiu voltar. E sabe o que eu vejo? Felicidade. Ela é feliz na condição de mãe, mesmo sendo casada com um homem que não enxerga todas as suas qualidades.

– Mas é por isso que você fala que não tem planos de se casar e ter a vida dos seus pais? – pergunta Mia, intrigada.

– Pode ser. Apesar de saber que o futuro é incerto, não tenho planos de viver uma vida seguindo padrões impostos pela sociedade: nascer, crescer, ter uma profissão, casar, ter filhos, e trabalhar quando der para conciliar. Não sei nem que profissão quero ter. Já pensei em prestar ENEM para direito, medicina,

arquitetura, agronomia, veterinária, nem sei. Responde Manu, franzindo a testa e mordendo os lábios, demonstrando estar num profundo desespero.

– É amiga, até eu, que segundo você, sou a ‘calmaria em pessoa’ me desesperei agora. Logo você, que respira autoconfiança. Pra mim você tem que ser professora, independente do curso que fizer. Você tem o dom de ensinar, sempre que estudamos juntas eu tiro 10, só por isso aturo suas crises existenciais e sou sua amiga, brinca Mia, sorrindo e abraçando a amiga.

– Que bom que tenho você Mia. Ufaaaaa, perdi 100 quilos nessa nossa conversa, que alívio. Obrigada por me aturar, responde Manu, retribuindo o abraço.

As duas se despedem e Manu retorna para casa pensando na conversa que terá com a sua mãe, não quer decepcioná-la, mas ao mesmo tempo considera que omitir o que sente pode ser o mesmo que enganá-la.

Melhor mesmo será dizer a verdade, quem sabe ela consegue me mostrar um caminho menos tortuoso, pensa Manu.

Chegando em casa, vai direto para o banho, desses ‘banhos de cabeça’, que lava a alma e acalma o coração. Manu vai relaxando, controlando sua respiração e ansiedade, parece que seus pensamentos fluem numa leveza, que ora ou outra ela deixa escapar um sorriso entre os lábios, que sensação gostosa. Até que batem à porta.

– Manu, esse banho termina hoje? Estamos te esperando para jantar – diz seu pai, com seu jeito ‘doce’ de dizer: venha jantar querida.

– Terminei pai, me troco e já desço. Podem começar.

Manu chega à sala de jantar com um sorriso doce, vestida com uma camiseta rosa, que há meses não vestia, com a descrição: “InsPIRA, ResPIRA, NãoPIRA”, short jeans e descalça, cabelos soltos, ainda úmidos.

– Como você está linda filha, eu adoro você de rosa. Fiz a sua comida preferida. Sirva-se para não esfriar – diz a mãe, com sua voz doce e calma.

– Está uma delícia mamãe. Obrigada por existir na minha vida Manu, senão não teria oportunidade de desfrutar desse banquete, brinca Patrícia.

Manu senta-se à mesa e serve um prato generoso. Não conversa muito durante o jantar, apenas elogia a comida e agradece a mãe, que a retribui com um sorriso largo e joga-lhe um beijo.

Após todos se servirem, Manu começa a retirar a mesa e ajuda sua mãe a levar as louças para a cozinha. Está cantarolando baixinho, e dançando com os ombros. Sua mãe percebe e brinca:

– Engraçado, fazia tempo que não te via assim, fica ainda mais linda feliz. Parece que teve um bom dia hoje, vai querer me contar?

– Sim mãe, a gente precisa mesmo conversar, vamos terminar com a cozinha e conversamos no quarto. Se quiser pode ir arrumar a Pati para dormir e eu vou terminando aqui. Sugere Manu.

– Obrigada filha, vou aceitar. Te encontro depois.

Manu termina com a cozinha, diz boa noite para seu pai, que está assistindo TV na sala, e sobe para seu quarto. Escova os dentes e aproveita para secar seus cabelos. Pega um livro na estante e segue para a cama. Logo chega sua mãe.

– Que delícia estar aqui com você filha. Nem me lembro a última vez que ficamos assim, deitadas juntas na cama, acho que foi quando você teve febre, há alguns anos. Diz Clarice, com uma voz nostálgica.

– Provavelmente – brinca Manu, sorrindo.

– Estou curiosa para saber como foi hoje. Terminaram o trabalho?

– Ah sim, foi tranquilo, já estamos nos preparando para a última apresentação. Michele teve uma ideia bacana, acho que vai ser divertido. Depois do trabalho conversei com a Mia, me fez bem, parecia que estava carregando um ‘bonde nas costas’, e ela como sempre me acalmou, sei lá, voltei mais leve.

– Amigos sempre nos confortam filha, a Mia é uma menina muito especial. Mas, por que você disse que estava carregando um bonde nas costas? pergunta Clarice, preocupada.

– Estou com 17 anos, mãe. Sempre me achei decidida, confiante, na maioria das vezes tive sucesso nas minhas escolhas. Mas agora sinto que é diferente, serei ADULTA. Preciso escolher uma profissão, decidir o que serei para o resto da vida, isso é muito pesado, porque precisa ser assim?

– Filha, a vida segue padrões, rotinas, normas, não existe uma resposta para esse tipo de pergunta. Simplesmente é a vida. A gente faz escolhas, sem saber se serão certas ou não, isso só o tempo nos mostrará – diz Clarice, um pouco frustrada.

– É exatamente esse o problema mãe, não quero isso para a minha vida. Seguir padrões. Olha pra você. Eu te acho fantástica, inteligente, tem a sua profissão, mas desde seu casamento largou tudo, tornou-se esposa e mãe. Vejo que você é feliz nas suas escolhas, pelo menos é o que demonstra no seu dia a dia. Mas às vezes fico pensando, porque não continuou trabalhando? Porque sempre é a mulher que abandona sua carreira para cuidar da casa? Não era feliz na sua profissão ou você escolheu errado? É feliz hoje? Manu interroga a mãe no sentido de buscar respostas para suas inquietações.

Clarice está perplexa, onde esteve esse tempo todo que não percebeu o quanto sua filha cresceu. Que perguntas eram aquelas? Será que ela teria respostas? Ficou em silêncio por um instante. Abraçou o travesseiro que estava em seu colo e o apertou contra o peito. Suspirando e buscando palavras, mas não as encontrava. De repente uma lágrima escorre em seu rosto, e Manu percebe que a mãe está chorando.

– Desculpa mãe, o que eu fiz? Não precisa responder.

– Está tudo bem filha, eu só não sei o que te responder agora. Essas lágrimas não são de tristeza, apenas, são também de emoções, medo... Nossa, como você cresceu! Suspira Clarice, abraçando Manu fortemente.

– Vai descansar mãe, amanhã será um novo dia. Não fique triste, por favor! Eu te amo.

– Filha, eu quero que saiba de uma coisa, sou muito feliz por tê-las em minha vida, a você e a sua irmã. Sempre estarei aqui, apoiando vocês em qualquer decisão. Como mãe eu preciso te orientar, mas isso não quer dizer impor, eu só quero o melhor para você, nunca se esqueça disso. Clarice dá um beijo apertado na bochecha da filha e diz: eu que te amo. Boa noite.

Manuela fecha os olhos, na tentativa de dormir, mas as lágrimas no rosto de sua mãe a deixam profundamente sentida. Pega o livro na cabeceira da cama, começa a ler, e passados alguns instantes adormece.

Clarice, ao sair do quarto de Manu, vai direto para o banho, prepara-se para dormir quando João pergunta:

– O que foi com a Manu, está tudo bem?

– Sim, está. Na verdade, foi muito boa a nossa conversa. Não imagina como a nossa filha amadureceu. Fiquei boquiaberta com as suas reflexões.

– Coisa de adolescente, não me comovo. Aliás, seja qual for, não alimente ideias absurdas. Agora é o momento de sermos enérgicos, Manu precisa concentrar suas energias nos estudos, o ENEM está próximo.

Clarice faz que sim com a cabeça, mas na verdade discorda completamente da fala do esposo. Tudo que a Manu falou fez muito sentido para ela, que apesar de não ter respondido às indagações da filha, está tendo profundas reflexões sobre as mesmas. Deita-se ao lado do esposo e apaga a luz do abajur, para não ser incomodada em seus pensamentos.

É manhã de sábado. Clarice desperta cedo, prepara um café farto e acorda as meninas. O cheiro de pão fresco e do bolo de laranja invadem a cozinha, aliás, a casa toda. Todos descem para tomar o café da manhã. A hora das refeições são os únicos momentos do dia que de fato se reúnem. Para Clarice, são os momentos mais felizes.

Manu e Pati estão conversando sobre um livro, uma conversa engraçada, pois Patrícia tem uma imaginação muito fértil e quer sempre mudar partes das histórias que lê. Manu explica que embora as ideias da irmã façam sentido, ela precisa aceitar as ideias do autor, que certamente foram pensadas milimetricamente.

– Que delícia esse bolo mamãe, é o meu preferido. Fala Patrícia, lambendo os lábios.

– Você como sempre capricha na cozinha, está tudo uma delícia mãe. Quer ajuda para o almoço? Complementa Manu.

Olha, que sorte eu tenho, vou querer ajuda das duas hoje – brinca a mãe.

Aproveita Manu, porque logo entrará na faculdade, vai acabar a moleza. Dependendo da distância, terá que morar em alojamento, vai lhe restar comer no restaurante universitário – diz o pai, num tom sério, acabando com o clima descontraído.

A fala do pai culminou num silêncio. Até que Patrícia solta uma brincadeira:

– Não se preocupe irmã, logo serei uma pianista famosa, e você poderá morar comigo. Quem sabe ser minha empresária. Que tal?

– Vou adorar. Mas ainda acho que você será muitas outras coisas, inclusive, uma excelente escritora – responde Manu, abraçando a irmã.

Terminam o café e as meninas sobem para estudar, como de costume. Manu avisa a mãe que descerá mais tarde para ajudar com o almoço. No quarto, ela abre sua mochila e retira seus livros e caderno. De dentro do livro cai uma folha, Manu fica por alguns instantes com os olhos fixos no papel. É o folder sobre o intercâmbio para a Índia. Caramba, Índia, não pesquisei nada sobre isso, quem sabe será meu destino no próximo ano, uma fuga com passagem de ida e de volta, seria fascinante... Loucura, pensa Manu, guardando o folder novamente dentro do livro, balançando a cabeça.

São 10h30min, Manu resolve descer para ajudar a mãe na cozinha, mas antes passa no quarto de Patrícia, que está na escrivaninha estudando.

– Oi maninha, falta muito pra terminar? Vamos ajudar a mamãe.

– Estou desanimada hoje, vamos descer e termino depois.

– Patrícia Torres desanimada? Ah não, é caso de SAMU! Manu solta uma risada. Vamos descer, depois do almoço te ajudo na tarefa.

Manu e Patrícia chegam à cozinha, Clarice está com um belo sorriso, cabelos presos e avental. Claro que já separou as tarefas de cada uma das meninas. Patrícia ficará responsável pelo suco, enquanto Manu fará a montagem do prato ‘filé assado com bacon’ e da salada. As meninas lavam as mãos e iniciam o trabalho. A mãe continua no fogão, mas atenta às filhas, percebe o quanto Patrícia é concentrada, e Manu sistemática, lavando folha por folha e escolhendo os tomates que têm tamanhos idênticos.

– Gratidão Senhor, diz Clarice. Esse momento junto de vocês me faz tão feliz. Tenho as filhas mais lindas e as ajudantes mais metódicas que alguém poderia ter.

– Nem vem mãe, aprendemos com você – diz Manu, sorrindo.

– Meu suco ficará divino. Será uma receita exclusiva, vou fazer uma misturinha aqui e quero decorar os copos – diz Patrícia, empolgada.

– Gostei da ideia filha, tem abacaxi, morango e uva na geladeira. Use a criatividade. Se quiser posso ajudar. As taças estão na cristaleira.

O ambiente tem uma energia incrível, as três parecem flutuar, estão leves, entregaram-se àquele momento, como se nada mais importasse. Porque não pode ser assim todos os dias? Que alegria gostosa. Elas conversam, cantam, riem... quase tudo pronto. Os sucos mais parecem drinks, a apresentação está linda. A carne e a salada estão prontas. Clarice começa a colocar a mesa. Fez arroz com cenoura ralada como complemento. Uauuuu, que banquete!

Manu sobe para chamar o pai no escritório, quando se aproxima da porta percebe que o pai está conversando no celular. Pensa em abrir a porta, mas recua, na intenção de ouvir um pouco da conversa. O pai não parece confortável, fala em tom baixo, mas ela identifica que ele está conversando com sua mãe, vovó Judith. Escuta um pouco da conversa e decide, então, bater na porta.

– Oi pai, o almoço está pronto. Está tudo bem? – pergunta Manu, preocupada.

Ele tira o celular do ouvido e responde que sim com a cabeça e avisa que descerá em breve.

Manu fecha a porta e desce, senta-se à mesa e diz que seu pai está terminando um trabalho importante, sugere que se sirvam, para não esfriar. Estão almoçando e conversando sobre as férias, Manu, embora preocupada, tenta disfarçar, demonstrando interesse na conversa. Clarice e Patrícia estão bastante empolgadas. Já se passaram vinte minutos.

João se aproxima, faz um elogio ao banquete e puxa a cadeira. Ao sentar-se, Manu olha no fundo de seus olhos, mas não diz nada. João percebe a preocupação da filha, mas disfarça, se serve e participa da conversa, falando num tom misterioso que já planejou o roteiro das férias. As meninas e a mãe ficam surpresas, e claro, curiosas, mas ele diz que ainda não é o momento de revelar.

– Papai, você sabe que mulher é curiosa e muito esperta, aqui são três contra um homem, deveria saber que está em desvantagem – brinca Patrícia.

– Vejam só, essa garotinha está me desafiando... saiba que não deixei pistas, impossível descobrirem – responde João, num tom competitivo.

Terminam o almoço. As meninas ajudam a mãe a retirar a mesa e sobem para o quarto. Manu ajuda Patrícia com as tarefas, e fica surpresa com o quanto a irmã é inteligente, processa as informações muito rápido, além de pensar de uma forma muito organizada.

– Que orgulho de você, Pati. Vou te pedir uma coisa: faça uso da sua inteligência para ajudar outras pessoas. Acredite no seu potencial. Dá um beijo na irmã e vai para o seu quarto.

No caminho para o quarto, Manu resolve ir até o escritório, bate à porta, seu pai está lendo uns processos, ela pede licença e entra, sentando-se numa poltrona. Mesmo não sendo tão próxima do pai, porque ela convive muito mais com a mãe, Manu resolve iniciar uma conversa, um tanto quanto madura. O pai não tem muita saída, a não ser ouvi-la, inerte.

– Pai, sem querer, querendo, ouvi parte da sua conversa com a vovó, parece-me que as coisas não estão bem, não é? Você nunca fala dos nossos avós, da sua infância, do tempo que viveu com eles. Sempre

achei nossa relação com eles distante, muito estranha, comparada às outras famílias que conheço. Quando criança sempre ouvia a mamãe dizendo que você devia superar as coisas que o vovô te fez, e hoje posso imaginar que devem ter sido coisas graves, pois vejo que ainda não superou. Manu faz uma pausa e depois continua... Não vou mentir, e já te disse isso outras vezes, o seu jeito orgulhoso, vaidoso e às vezes arrogante não me inspira, mas você também tem qualidades, e sempre foi um grande pai para nós. Eu sinto falta de tê-lo mais presente, de sermos amigos, de confiarmos um no outro. Eu cresci, pai, queria que soubesse que pode contar comigo. Manu se levanta e segue até a porta. Seu pai ainda está processando as informações, em choque. Antes que ela saia ele responde:

– Manu, não gosto que invadam minha privacidade, você não devia ter escutado minha conversa, mas sente-se, talvez seja o momento de conversarmos.

Manu fica aliviada, parece que sua atitude teve uma consequência boa, senta-se com um semblante curioso e, ao mesmo tempo, feliz.

– Filha, sua avó ligou para dizer que o vovô Francisco não está bem, ele andou doente nos últimos meses, descobriram que é câncer no pâncreas. Estava em tratamento desde então, mas teve uma piora. Os médicos sugeriram reunir a família, talvez para uma despedida. Seu avô e eu nunca tivemos uma boa relação, mas não achava que isso era algo para dividir com vocês. Sou muito grato a Deus pela família que tenho, que hoje são vocês. Meu pai é um homem muito indiferente, sempre me tratou com desprezo, apostando todas as fichas no tio Joaquim, mesmo sendo o caçula. Fiz direito porque era o que ele queria, assim como várias outras escolhas, mas nunca era o suficiente para que ele tivesse orgulho de mim. Enfim, conheci sua mãe na faculdade, namoramos e casamos, achei que finalmente as coisas poderiam melhorar entre nós, mas ainda assim sempre que ele tinha oportunidade me diminuía, por isso me afastei.

– Mesmo com o nosso nascimento ele não mudou? Ele nunca foi um avô carinhoso, mas eu achava que era por conta da pouca convivência conosco.

– Na verdade, hoje você apontando meus ‘defeitos’, vejo que tenho muito mais do meu pai do que gostaria, o fato de ser muito orgulhoso fez com que eu não reconhecesse isso, talvez eu tenha uma parcela de culpa em ter deixado a situação chegar a este ponto. Mas não quero que você sofra com isso, ele não merece. Sempre quis um neto homem, e disse que eu tinha fracassado. Piorou ainda mais quando Joaquim teve o Rafa, mas isso não me afetou, você e a sua irmã só trouxeram alegria para a nossa família, sua mãe e eu.

– Pai, o desprezo do vovô não me afeta, mas a sua tristeza sim. Você precisa curar essas feridas, não digo esquecer, mas perdoá-lo, antes de sua partida. Pense nisso, a gente pode ir visitá-lo nos próximos dias. Te amo. Manu encerra a conversa dando um beijo na cabeça do pai.

João continua sentado, processando a conversa. Realmente Clarice tinha razão, não perceberam o quanto Manu cresceu, tornou-se uma grande pessoa, gentil, madura, confiante. Resolve ir para o quarto

conversar com Clarice, contando sobre a saúde de seu pai e a conversa com Manu. Clarice fica admirada e feliz pela proximidade dos dois, afinal ela rezou muito para que esse dia chegasse.

– Então, amor, as coisas que Manu falou me fizeram compreender e reconhecer que, talvez, o relacionamento com meu pai tenha caminhado na contramão, por eu, na verdade, ser muito parecido com ele, infelizmente. Meu orgulho não deixou que eu buscasse uma reaproximação.

– Que bom que você pode refletir sobre isso e consertar as coisas, ainda há tempo. Vamos visitá-los, se programe e vamos quanto antes. Se preferir, podemos ir só nós dois, minha irmã fica com as meninas – diz Clarice.

Entre razões e emoções

Segunda-feira, o dia amanheceu lindo. Manu está sentada à mesa, terminando o café da manhã, e pensando – ‘que final de semana intenso, vivenciei situações que jamais imaginava, nas quais pude experimentar os mais diversos sentimentos’. Pensando bem, a vida dos adultos é bem complexa, estão o tempo todo buscando o equilíbrio entre a razão e a emoção na tomada de decisões. Agir no impulso não lhes parece inteligente e aceitável, muitas vezes precisam parar, refletir, e buscar novamente a harmonia, antes de qualquer coisa. – Carambaaaaa! Manu dá um pulo, ao se dar conta de que está atrasada para a aula.

Chegando à escola, Manu encontra Mia, que sempre a espera na entrada do colégio. A amiga logo percebe que Manu está feliz, e aproveita para contar sobre o seu fim de semana, que na verdade não teve muita novidade. Manu fala sobre a conversa com a sua mãe, e sobre o almoço que fizeram juntas, mas omite a parte do pai.

Na sala de aula está o diretor, Sr. Marcos, um homem bastante íntegro, elegante e sério, esperando os alunos se acomodarem para apresentar a proposta do Projeto Oportunidade para Todos, que é um concurso de bolsa integral que a escola promove todo ano, em que são contemplados alunos com maior coeficiente de rendimento. Estes são convocados a fazer uma redação, caso tenham interesse em participar. O Sr. Marcos explica que se trata de um intercâmbio com duração de 01 ano, e que neste ano a instituição definida fica na Índia. Apresenta alguns slides com fotos das instituições e pontos turísticos, bem como algumas características fundamentais do país e, resumidamente, o regimento institucional.

Todos os alunos estão concentrados, hipnotizados com tantas informações, até que o Sr. Marcos revela os nomes dos alunos contemplados para a etapa da redação.

– Neste terceiro ano foram contemplados Camila, Joaquim e Manu. Aguardo vocês no final da aula na minha sala para realizarem as inscrições. A redação acontecerá no próximo domingo. Parabéns.

Manu, embora soubesse das suas notas, está surpresa, não havia pensado muito sobre o assunto, talvez esse seja o momento de agir como adulta, equilibrar razão e emoção, pensa. Na verdade, não conseguiu pensar muito, porque Mia já a estava puxando pelas mãos e abraçando-a, em êxtase.

– Não sei se conseguirá viver sem mim por um ano, mas estou muito feliz por você amiga. Parabéns, sabia que seria contemplada. Boa sorte!

– Calma Mia, ainda farei a redação – responde Manu, retribuindo o abraço.

Todos os colegas se cumprimentam, e claro, assistem às aulas com o pensamento na Índia. Ao final da aula os três vão juntos à sala do diretor para efetivar a inscrição, há mais 6 alunos das outras turmas. Marcos enfatiza que após o resultado o aluno precisará assinar alguns termos, bem como o compromisso com o programa e a permissão dos pais, para tanto, o ideal é que eles já soubessem sobre o intercâmbio, por isso do folder. Manu se lembra que não mencionou nada em casa.

No decorrer da semana, aproveita seu tempo de estudo para dedicar-se a leituras contemporâneas, abrangendo temas como política, economia, saúde, educação, dentre outros. Redigiu algumas redações para treinamento. Percebeu que quanto mais lia, mais argumentos colecionava, além da riqueza do vocabulário.

Sexta-feira, na sala de aula só se fala na Índia, Mia já tinha mapeado mil coisas e tagarelava o tempo todo. Manu não conseguia relaxar, mas estava sorrindo para a amiga. No final da aula, as duas conversam sobre o que discutiram nas semanas anteriores ‘a incerteza do amanhã’. Manu combina com a amiga que irá mentir sobre o domingo, vai dizer aos pais que irá estudar com ela. Mia concorda e encoraja a amiga, depois despede-se, pedindo que a amiga dê notícias, assim que terminar a redação.

Manu vai para casa pensativa, ainda não contou para os seus pais sobre o processo. Talvez seja melhor esperar o resultado, principalmente por conta da saúde de seu avô. Chegando em casa, lava as mãos e se senta para almoçar, decide não estudar mais e combina com a Pati de irem ao cinema e tomar sorvete.

E então chega o dia do sol – Domingo

Amanheceu um dia lindo, o sol estonteante, Manu desperta cedo, veste uma roupa leve e faz um coque em seus cabelos. Desce para tomar café, que sua mãe ainda está preparando, ela diz que comerá qualquer coisa, pois está atrasada, que combinou de estudar com a Mia. No caminho para a escola, Manu pensa: chegou o grande dia, o primeiro desafio de um aluno, vivenciar a experiência de um processo seletivo. Os alunos estão sentados em cadeiras identificadas pelo número de inscrição. Manu cumprimenta os colegas com os olhos e senta, aparentando estar calma. Toca o sino, o diretor anuncia que podem iniciar a redação.

Manu, assim como os demais, está concentrada. O diretor avisa que já se passaram uma hora, para se organizarem com o tempo, visto que precisarão passar o rascunho para a folha oficial. Manu suspira e fica apreensiva, pois ainda não conseguiu desenvolver a conclusão. Nesse momento, ela fecha os olhos e rapidamente escreve algumas frases no rascunho, sendo este o desfecho. Passa sua redação para a folha oficial e entrega ao diretor, deixando a sala.

Manu liga para Mia e avisa que está indo até sua casa. Ao chegar, as duas sobem para o quarto e Manu conta sobre a redação, avisa que a conclusão fez direto na folha de respostas oficial, pois tinha pouco tempo. Conta as ideias desenvolvidas e a amiga fica impressionada com a criatividade e inteligência da amiga.

Uau, você arrasa amiga. Terá grandes chances. Precisa contar para os seus pais. É um momento importante da sua vida, divida com eles.

– Sim. Só queria esperar o resultado, para que não criem expectativas. Vou para casa amiga, estou um pouco cansada, afinal, estudamos muito hoje. As duas caem na risada.

Manu chega em casa, seus pais estão almoçando, ela lava as mãos e se serve. O pai comenta sobre a ida para visitar os avós, dizendo que irá com Clarice.

– Você ficará responsável pela sua irmã. A tia Fátima ficará com vocês até o nosso retorno.

– Claro papai, fico feliz pela sua decisão. Ficaremos bem.

Uma semana depois, um sonho possível?

Os pais de Manu estão viajando, Patrícia está com saudades, mas está muito feliz na companhia da irmã. Tia Fátima é uma pessoa super doce, faz todas as vontades das meninas, além de cozinhar super bem, principalmente sobremesas.

Manu está apreensiva, o resultado do concurso de bolsa está próximo, e seus pais ainda não sabem que ela se inscreveu. Apresentou o trabalho final, seu grupo foi muito elogiado, principalmente pela dinamicidade, que resultou numa interação muito rica entre os colegas. Mia está empolgada com as férias, mas ao mesmo tempo triste em ficar longe da amiga. É o último ano estudando juntas. Mia decidiu fazer arquitetura, enquanto Manu insiste na sua indecisão.

O professor anuncia que todos os alunos se dirijam ao pátio, o diretor irá anunciar o aluno contemplado no concurso. Manu sente um frio na barriga, uma sensação ímpar, e Mia como sempre a acalma, pegando o celular para registrar o momento.

– Bom dia! Cumprimento todos os alunos, professores e assistentes. Hoje é um dia muito especial para todos nós da direção. Sempre gosto de lembrá-los que o sucesso do aprendizado é um esforço coletivo. É uma honra contar com educadores e alunos tão comprometidos. Obrigado a todos!

O diretor faz uma pausa de poucos segundos, mas parece uma eternidade. Manu e Mia estão de mãos dadas. As mãos de Manu estão geladas, é possível escutar as batidas de seu coração. Mia registra tudo. De repente o diretor continua a fala.

– A comissão julgadora foi composta por três integrantes da instituição concedente da bolsa. Neste momento, tenho a honra de convidar um dos integrantes, Dr. Miguel Antunes para fazer o pronunciamento.

Nesse instante ocorre uma salva de palmas. Manu e Camila se olham, enquanto Joaquim está conversando, não parece tão nervoso como as duas.

– Bom dia queridos alunos e professores, primeiramente gostaria de cumprimentar nossos candidatos e ressaltar que foi uma decisão muito difícil para nós da comissão, visto o alto nível das redações. Para tanto, os critérios de avaliação que culminaram na decisão foram: compreensão do tema elencado, bem como a organização e o desenvolvimento das ideias, mas o fator crucial foi a estrutura impecável da argumentação e as propostas para resolução dos problemas abordados. Parabéns Manuela, você é a vencedora do concurso.

Manu está ainda mais nervosa, todos os olhares estão voltados para si, o coração parece que vai sair pela boca, ela sorri, e fica sem reação. Mia abraça fortemente a amiga e avisa que ela precisa ir até o palanque, registrando cada momento. Manu ainda está sem rumo, a amiga a acompanha. Sobe as escadas e vai ao encontro do Dr. Miguel.

Miguel a cumprimenta com um aperto de mão, e lhe entrega um documento. Trata-se de uma pasta com o slogan da instituição na Índia. Manuela sorri e agradece. Preparam-se para uma foto oficial. Manu está muito envergonhada, mas seu sorriso traduz a felicidade de uma grande conquista. Todos a aplaudem!

O diálogo tão esperado

Manu chega em casa e encontra Clarice e Fátima conversando. Clarice ao ver a filha abre um belo sorriso e vem ao seu encontro, cheia de saudades, parece feliz. Conta sobre a viagem, e que para a felicidade de todos o vovô teve uma melhora.

– Parece-me que tudo isso foi uma oportunidade para meu pai e meu avô se acertarem. Pensa Manu.

– Vou tomar um banho mãe, desço para o almoço, precisamos conversar.

Manu entra no seu quarto e desaba em lágrimas. Embora esteja feliz pela conquista, não sabe como proceder. Parece que a ficha só caiu agora. Meu Deus, um ano morando em outro país, sozinha. Agora é realidade. Preciso me preparar para isso. Entra no banho e deixa seus pensamentos fluírem.

Hora do almoço, todos já estão sentados à mesa, Manu dá um beijo no seu pai e puxa a cadeira. O almoço está uma delícia, tia Fátima fez pavê de sobremesa. Preciso de uma oportunidade para contar sobre a Índia, não sei como começar. Pensa Manu.

– Como foram as coisas por aqui Manu? A escola, a Pati? Tudo bem? Pergunta o pai.

– Tudo ótimo. Patrícia e eu dormíamos juntas, a tia fazia todas as nossas vontades. Acho até que nos saímos muito bem. Abre um sorriso e faz uma pausa, buscando as palavras para contar a novidade. – Pai, na verdade eu tenho uma notícia para vocês. Não sei muito bem como começar, mas antes de qualquer coisa peço desculpas por não ter contado antes, não queria gerar expectativas antes do resultado.

– O que foi Manu? Pergunta a mãe, curiosa e um pouco assustada. O pai ouve atentamente. Patrícia está com os olhos arregalados.

– Vou ser direta. Naquele domingo que falei que ia estudar com a Mia fui na escola participar do concurso para intercâmbio na Índia. O resultado saiu hoje, e eu fui contemplada com uma bolsa para passar 1 ano com tudo pago. Ainda estou sem acreditar, parece um sonho. Desculpem-me não ter contado antes, mas achei que não tinha clima.

Todos estão em choque, sem palavras. Manu começa a chorar. Patrícia abraça a irmã. João respira profundamente e fala:

– Não chore filha. Vamos terminar essa conversa após o almoço. Estou muito orgulhoso de você.

Após o almoço Manu vai até seu quarto, pega a pasta entregue pelo Dr. Miguel e vai até o escritório conversar com o pai.

– Licença pai, trouxe para o senhor ver. Ainda nem abri.

O pai começa a analisar os documentos, dentre eles há uma planilha com os cursos e disciplinas ofertadas, todas no idioma inglês, o que não será problema para Manu. O pai liga o computador e a chama para sentar ao seu lado, está aberto o site da instituição.

– Veja filha, eu já havia pesquisado algumas coisas. A universidade é excelente, com certeza serão disciplinas puxadas. Precisa ter em mente que se trata de um curso superior, outro nível de exigência, outra cultura, idioma, pessoas. Tudo será muito novo, e o novo causa estranhamento, mas saiba que é uma grande oportunidade.

– Eu sei pai. Pra mim a parte mais difícil será ficar longe de vocês.

– Nos tempos atuais é mais fácil filha, temos a tecnologia a nosso favor. Vamos dar uma olhada nas disciplinas, você pode se matricular nas básicas, comum a todos os cursos ou escolher por afinidade. Há muitas opções.

Manu está mais aliviada e relaxada. Passam horas conversando e preenchendo os documentos. Clarice e Patrícia chegam e participam da conversa. Todos felizes e dando apoio à Manu.

Duas semanas depois, enfim, dezembro

É hora de dizer: até logo

Último dia de aula. Manu e os amigos resolvem se reunir para uma despedida. Mía oferece a sua casa. Pedem comes e bebes, cantam e dançam, enfim, encerram um ciclo. Muitos planos para o futuro. Mía faz Manu prometer fazer chamada de vídeo todos os dias, dizendo que continuará sendo para sempre a sua única e melhor amiga, além de ser a sua outra metade, calma e serena.

Na casa de Manu todos se preparam. João decidiu o destino das férias em família: Índia. Assim aproveitam para auxiliar Manu nas novas instalações. Dezembro. Passaportes prontos, passagens compradas, estadia reservada, malas prontas. Próxima parada: Nova Delhi.

Grandes expectativas, dura realidade

Aeroporto de Guarulhos, São Paulo. Será uma viagem cansativa, de aproximadamente 22 horas, com conexão em Paris. Que sorte que meus pais vieram comigo, seria muito mais difícil sozinha. Pensa Manu. João e Clarice estão muito empolgados, Manu fica feliz ao vê-los assim, fazia tempo que não os via tão carinhosos um com o outro, trocando beijinhos e abraços o tempo todo. Patrícia está ansiosa, curiosa em conhecer os lugares que pesquisou com o pai. Clarice quer aproveitar a viagem para estudar Yoga e comprar tecidos, enquanto João está compenetrado em seu mapa, com tudo planejado milimetricamente. Elaborou um roteiro impecável, com algumas marcações de prioridades, dentre elas está o famoso Taj Mahal, conhecido como ‘monumento do amor’ que fica em Agra, norte da Índia.

Estão aproveitando cada segundo, registrando tudo em fotos e vídeos. De repente, o comandante anuncia: – Sejam bem-vindos, são 21 horas e 18 minutos, estamos nos preparando para aterrissar dentro de instantes no Aeroporto de Delhi, Indira Gandhi (DEL) Índia.

É inverno, o frio é moderado, a temperatura está em torno de 16 graus. Todos se preparam para desembarcar. O aeroporto é bastante movimentado. Manu e a família se deparam com pessoas de todos os lugares do mundo, muitos com características indianas, usando turbantes, muitos árabes, chineses, japoneses, tailandeses, e muitos europeus, principalmente alemães e franceses. O aeroporto é lindo, bem moderno, alguns ambientes têm pisos com desenhos coloridos, há muitos objetos decorativos. Patrícia está encantada. João acena para um taxista.

Manu está bastante interessada, observando pela janela do carro todos os detalhes da cidade, imaginando como será sua vida neste próximo ano. O taxista explica um pouco sobre a questão da poluição nesta época, é um senhor muito simpático. Eles conversam em inglês.

Chegam ao hotel, que tem uma arquitetura incrível, iluminação quente, deixando o ambiente aconchegante e lindo. O piso é todo coberto por carpete, com cores vivas, e tudo muito limpo. Não é luxuoso, mas é acolhedor. Patrícia é a primeira a acordar, está elétrica. Os pais levantam e todos se arrumam para o café. Manu observa tudo, vai até a recepção pedir algumas informações e desenrola muito bem o inglês, o que a deixa mais segura. A mesa de café é enorme, são muitas opções, e tudo uma delícia. Há uma bebida chamada Lassi, divina, trata-se de um refresco indiano, feito com iogurte, água de rosas, batido com gelo e uma fruta, o sabor te faz viajar no tempo e se sentir como um dos imperadores da época. Sensação incrível.

O céu pela manhã está bem acinzentado, a onda de frio provoca neblina e aumenta o nível de poluição nessa época do ano. Manu e a família se preparam para o primeiro *tour* pela cidade. Delhi é uma confusão, você tem a *New Delhi* e a parte antiga – *Old Delhi*, onde há um grande movimento de carros nas ruas centrais, ônibus, tuk–tuk (que são as motocicletas de 3 rodas), bem confortáveis. Há também moradores locais que oferecem o serviço de transportar os turistas em bicicletas tradicionais, na maioria das vezes pessoas em situação de extrema pobreza, visto que a taxa de desemprego na Índia é assustadora.

Para visitar a Índia você precisa se preparar, ir com o coração aberto, porque certamente vivenciará experiências intensas. Manu e a família estão preparados, assistiram documentários e se informaram a respeito de cada cidade. Estão no centro de Delhi, decidem fazer os passeios de tuk–tuk. Ficam admirados com o movimento, há muitos indianos nas calçadas, comercializando de tudo, saris, panelas, tecidos, comida... são pessoas extremamente simples. Os homens, na maior parte das vezes, possuem expressão mais séria. Assim como no Brasil, na Índia, há muitos moradores de rua, e mesmo diante da condição socioeconômica e das dificuldades locais, parecem pessoas felizes, possuem um brilho lindo no olhar.

– Engraçado, quando li a respeito das cidades não imaginava ser assim. A gente sabe que a Índia é um país extremamente populoso, mas estar presencialmente aqui é algo surreal. A gente ‘vê’ a desigualdade social, riqueza e pobreza lado a lado. Manu comenta, perplexa.

– Sim filha, você certamente aprenderá muitas coisas aqui. Não será apenas uma experiência acadêmica, será uma experiência de vida – responde João, fascinado.

Mesmo tratando-se de uma cidade grande, ainda se vê nas ruas de Nova Delhi a passagem de vacas, animais considerados sagrados pelos indianos. Porém, é mais comum encontra-las em Rishikesh, que é a área rural e mais montanhosa, aos pés do Himalaia. Claro que Manu fez questão de fazer uma chamada de vídeo para Mia, mostrando um pouco do que estavam vivendo.

O motorista do tuk–tuk anuncia quando passam pelo Templo de Lótus, que é uma casa de adoração, cuja água que a circunda é cristalina. Sua estrutura é inspirada na flor de Lótus, uma flor que desabrocha a partir da lama, mas não se contamina, e encontra a luz do sol, independente da circunstância,

sendo assim vinculada à sabedoria. A flor de Lótus também é utilizada em oferendas, nas celebrações religiosas. A arquitetura do templo é perfeita e muito contemporânea. A construção foi finalizada em 1986.

O motorista do tuk–tuk os leva para conhecer vários lugares, dentre eles alguns centros de pesquisa e templos. A família toda está admirada com a riqueza dos detalhes das construções. É tudo fascinante. Ele explica que Delhi é muito interessante para estudos, que Manu vai desenrolar bem com o inglês, que eles têm como segunda língua, visto que a Índia foi colonizada pelo império britânico. É muito forte o Hindi, e isso diferencia para cada estado, uma língua mais tribal. Manu fala sobre o Brasil, dizendo que além do português temos mais de 10 línguas indígenas, assim como os sincretismos religiosos. João simpatizou com o motorista e combinou os passeios dos próximos dias. Manu está ansiosa para conhecer a universidade e suas instalações.

No decorrer dos dias a família visitou vários locais, estão apaixonados pela culinária indiana, é um sabor indescritível. A cada refeição você lida com uma explosão de sabores. Clarice tenta aprender sobre os condimentos e especiarias. Iniciou também um curso profissionalizante de yoga, a escola fica próxima ao templo de Lótus, e Patrícia aproveitou para fazer aulas de arte, na sala ao lado.

Finalmente, chega o dia de irem a Agra, conhecer o tão sonhado Taj Mahal. Acordaram cedo, tomaram café e foram para a estação de trem. A viagem é de aproximadamente uma hora e meia. Ao chegarem à estação, ficam perplexos com a diferença de realidade num mesmo lugar. Há estruturas que são muito confortáveis e limpas, enquanto outras são extremamente sujas. Patrícia começa a se incomodar com isso, dizendo estar triste, vendo o sofrimento das pessoas naquele lugar. Ela chora quando vê crianças sentadas no chão tomando água de uma poça. Pega duas garrafinhas de água mineral e alguns pacotes de biscoito e leva para as crianças. O trem parte para Agra.

Todos estão extasiados, o caminho que leva até o monumento é impecável, de longe se vê a simetria perfeita da obra. A estrutura é extremamente detalhada. Cada pessoa que o visita tem sensações e impressões muito particulares. É, sem dúvida, a inspiração do amor, todo trabalhado em pedras. Ao adentrar no monumento, ao centro, você se depara com a estrutura do túmulo, onde foi depositado o corpo da amada do Shah Jahan, quinto imperador mogol, que foi responsável pela construção. Há também um lago central com um chafariz e várias árvores. Foi almejado fazer um outro monumento do outro lado do rio, para enterrar Shah Jahan, mas seu filho não deu continuidade. O Taj Mahal é lindo, as peças, os desenhos de arquitetura para aquele período são algo incrível, muito avançado para a época.

Manu e a sua família ficam chocados em ver a grandiosidade do Taj Mahal e ao redor tanta pobreza. Tirando o monumento, a cidade de Agra é extremamente pobre, miserável. É um verdadeiro choque cultural. Mas ainda assim, vale muito a pena conhecer. São coleções de memórias para a vida, a mais pura e exagerada forma de se expressar e demonstrar o amor.

Alguns dias depois

Adaptando-se à nova cultura

Finalmente, chega o dia de Manu se apresentar no instituto de ensino. Ela está muito ansiosa e feliz. De posse de todos os documentos, segue com sua família para a Universidade de Delhi, composta atualmente por 15 faculdades e 82 departamentos, distribuídos pelos campi do Norte e do Sul.

O instituto é amplo, há muitas árvores e coqueiros, e um espaço grande com gramado, onde tem um jardim com vários pés de rosas, tudo bem colorido, trazendo uma sensação de alegria e acolhimento. Na entrada há uma placa cinza com o nome e slogan da instituição, nos idiomas hindi e inglês. Manu está muito feliz por estar acompanhada de sua família, sentindo-se segura e otimista, demonstrando bastante autonomia. Entrega os documentos e preenche os formulários.

Na universidade de Delhi, as disciplinas do primeiro ano são comuns a todos os cursos, e somente a partir do segundo ano os alunos fazem a opção pelo curso ou área que desejam se formar. Manu fez a opção de neste primeiro semestre matricular-se em apenas três disciplinas. As aulas já iniciam na próxima semana.

A coordenadora geral é uma simpatia, fez questão de conversar com Manu e seus pais, e apresentar a estrutura física da universidade. Dentre os locais apresentados, está o escritório internacional de assistência estudantil, que conta com consultores que oferecem todo suporte aos estudantes. Manu foi orientada também quanto ao alojamento.

Manu se prepara para a grande semana. Sai com sua mãe para fazer compras. Percebem que em Nova Delhi é mais comum as mulheres usarem roupas executivas, camiseta e jeans, e capricham nos acessórios, enquanto no interior é mais comum usarem sári. Ficam impressionadas ao ver como as coisas são baratas, as rupias são muito desvalorizadas, comparadas ao euro ou dólar, sendo assim, qualquer estrangeiro é considerado rico.

A melhor parte da viagem são as refeições. A alimentação na Índia é extremamente saudável, a culinária é diversificada e deliciosa. A cada prato que você experimenta se surpreende, além do custo ser bem acessível. É preciso atentar-se para questões sanitárias, pois o sistema de tratamento de água é precário, portanto deve-se escolher com cuidado os restaurantes. O recomendado é sempre usar água mineral, inclusive para escovar os dentes. Manu e a família aprendem a cada dia.

Manu já resolveu toda a parte burocrática da sua estadia na Índia. Ficarão em um alojamento com outras duas alunas. A estrutura do local é muito interessante e aconchegante. Sala e cozinha são integradas, um sofá grande com muitas almofadas coloridas, mesa de centro e mesa na cozinha. As paredes são preenchidas com vários objetos decorativos, há também um mural de fotos. As janelas são amplas e há

uma porta de correr que dá acesso a uma varanda, um espaço bem acolhedor, com algumas plantas e um sofá pequeno. Os móveis são todos mais rústicos. Há dois quartos grandes, Manu dividirá o quarto com uma garota americana, enquanto o outro quarto já está ocupado por uma estudante veterana.

A ansiedade do primeiro dia de aula

Manu ainda está no hotel, aproveitando a companhia da família. Toma café e segue para a faculdade. Combinam de almoçar juntos. Ela está vestindo camiseta branca, calça jeans e um lenço laranja no pescoço, tênis e mochila. Os cabelos presos, mas despojados. Sua mãe pediu que ela passasse rímel e usasse batom. Manu entra na faculdade, mais uma entre tantas outras. Nenhum rosto conhecido. Chega à sala de aula e busca uma cadeira para sentar-se. É incrível, há pessoas de todos os lugares do mundo. Estão todos se olhando, sorrindo, alguns mais tímidos, outros mais falantes. Manu apenas sorri.

Chega o professor de neurociências, um homem que aparenta ter uns 40 anos. É alto, bonito, veste uma roupa bem jovial e sorri. Escreve ‘*welcome*’ no quadro. De repente a sala fica em silêncio, esperando seu pronunciamento. Ele pede que todos se levantem e se sentem em círculo.

– Bom dia pessoal. Vamos sentar em círculo para poder nos olhar ‘*face to face*’. Estou ansioso por conhecê-los. Hoje faremos uma apresentação pessoal e alguns combinados. Vou começar me apresentando. Sou o professor Raj, estarei conversando com vocês sobre neurociências. Sou médico e dou aula há uns 15 anos. Só consigo ensinar quem está motivado a aprender. Esqueçam o certo e o errado, aqui vamos construir o conhecimento juntos, e para isso preciso da participação de cada um. Esse ‘cada um’, assim como eu, traz uma bagagem gigante nas costas, carregada de incertezas, experiências e muitos sentimentos. Vamos olhar para isso com muito cuidado. Estou aqui de coração aberto, para receber cada um de vocês. Espero que tenhamos ótimos encontros. Agora quero ouvir vocês: quem são, de onde vieram e suas expectativas.

Manu está pensando em como vai se apresentar. A primeira impressão que teve do professor foi ótima. Isso a deixa muito feliz, pois foi a disciplina que mais chamou sua atenção, pela descrição da ementa. Os alunos começam a se apresentar. No Brasil, geralmente a ordem de apresentação é no sentido horário ou anti-horário então a gente sabe quando está chegando a vez, mas nesse momento tudo é diferente, inclusive não tem ordem de fala. Manu respira fundo, espera uma pausa entre um aluno e outro e se apresenta.

Meu nome é Manuela. Sou brasileira. Tenho quase 18 anos. É a minha primeira vez em outro país. Assim como muitos de vocês, vim fazer intercâmbio, e fiz a opção por me matricular em disciplinas com as quais tenho afinidade. Minhas expectativas são imensas, pois o assunto cérebro é um tema rotineiro na minha família. Quando li a ementa fiquei muito empolgada.

– Olha, também fiquei empolgado em saber o que vocês discutem Manuela. Teremos ótimas conversas. Fala Raj, muito cordial.

– Após apresentação de todos, Raj distribui o plano de ensino, com as referências bibliográficas recomendadas e cronograma das aulas. Raj faz uso de diferentes estratégias pedagógicas, algumas aulas serão em laboratórios, outras ao ar livre. Manu está fascinada. Acredita que seu aprendizado contribuirá também para desmistificar muitos equívocos por parte de sua família, relacionados à inteligência de sua irmã, Patrícia.

Terminando a aula, Manu vai se encontrar com sua família para almoçarem. No caminho, ela faz uma chamada de vídeo para Mia. As duas conversam empolgadíssimas, apesar da saudade. Mia promete a amiga tentar visitá-la nas férias de julho. Manu chega ao restaurante, lava as mãos e vai sentar com seus pais, está com o semblante feliz. Conta sobre o professor de neurociências. Os pais ficam felizes em ver o entusiasmo da filha.

Está chegando o dia dos pais de Manu retornarem para o Brasil, Clarice já está melancólica e chorando pelos cantos. Patrícia se faz de durona e diz que um ano vai passar rápido, enquanto João assume que sentirá saudades, mas que daria tudo para ter tido uma oportunidade como essa que ela está tendo.

– Estamos felizes por você filha, de verdade. Como já disse, vamos nos falando todos os dias, quando a gente piscar você estará voltando para a nossa terrinha.

– Sim pai, enquanto estiver aqui minha dedicação será aos estudos, e pela aula de hoje terei mesmo que me dedicar, fala apreensiva.

Manu decide passar sua primeira noite no novo lar. Senta no sofá apoiando os pés na mesa de centro. Passa um filme pela sua cabeça, ela está observando cada detalhe. Resolve fixar no mural uma foto dela com a família. Após alguns instantes pensativa vai para o quarto. Natally está deitada na cama, com fones de ouvido, escutando música, quando vê Manu abre um sorriso, logo se levanta e chama Manu para a cozinha, bate na porta de Rose e a convida também.

– Vamos fazer o ritual de boas-vindas Manu. A gente precisa fazer um brinde, isso trará boas energias para a nossa casa e trajetória. Saúde meninas. Elas brindam com taças coloridas, ao som de uma música indiana, muito alegre.

Manu está muito feliz. Rose e Natally explicam o pouco que aprenderam sobre a Índia. Aproveitam para falar sobre as questões de machismo, estupro, que infelizmente ainda existe. Alertam Manu sobre as vestimentas e nunca andar desacompanhada, principalmente no período noturno, sendo o ideal andar sempre em grupo. A conversa rendeu e, quando percebem, já são mais de uma da manhã.

- Vamos dormir meninas. Teremos uma vida para conversar – diz Natally, muito animada, ainda ouvindo música e seguindo para o quarto.

Alguns dias depois... Uma viagem chamada vida

O clima é de despedida. Os pais de Manu já fizeram as malas, e agora Patrícia já não disfarça mais sua tristeza. Clarice se desculpa, mas desaba em lágrimas.

– Ei mocinha, preciso que você fique bem, para que eu possa ficar bem aqui. Você precisa me prometer que vai cuidar do papai e da mamãe enquanto eu estiver fora. Tudo bem? Manu a abraça fortemente.

– Vou sim. Prometa-me também que vai ficar bem aqui sem a gente. A voz de Patrícia é doce, embargada e carregada de amor.

Manu está sentada de frente para os pais, olhando-os profundamente nos olhos. Sente vontade de falar.

– Mãe, não preciso dizer o quanto te amo e sou grata por tudo que fez e faz pela gente. Seu coração generoso e sua alma leve me inspiram todos os dias. Morro de orgulho de você. Volte para casa e coloque seus planos em ação.

Clarice abraça Manu, chorando, mas ao mesmo tempo, sua expressão é de felicidade, em ver a filha conquistando liberdade, autonomia e independência.

– Parabéns minha menina, estaremos esperando notícias todos os dias. Te amamos muito. Não fique sem comer e sem dormir. Fala Clarice, docilmente.

– Pai, continue cuidando das meninas. Obrigada por tudo, principalmente por ter nos dado a oportunidade de recomeçar. Você sem dúvidas é o melhor pai que poderíamos ter, nunca se esqueça disso. Não precisa provar para ninguém o seu valor, seja simplesmente você. Te amo.

Manu sabia que a despedida não seria fácil, mas seu coração está feliz por ter aproveitado ao máximo essa viagem ao lado deles. Na verdade, os acontecimentos dos últimos meses foram cruciais para estabelecer uma maior aproximação entre todos e permitir um recomeço. A vida tem dessas coisas, só precisamos estar mais atentos para traduzir os sinais e interpretá-los, talvez viveríamos de uma forma mais leve, valorizando as coisas simples da vida, como saborear um chá num final de tarde, naquele friozinho ameno, com um resquício de sol, sentada numa varanda envolta por plantas e lendo um bom livro.

A busca constante por respostas...

Passaram-se dias. Manú está se acostumando à independência, certamente está se saindo melhor do que esperava. As aulas estão sendo cada vez mais interessantes, as temáticas são motivadoras e proporcionam grandes reflexões.

Manú está correndo no parque quando decide sentar embaixo de uma árvore para descansar. A corrida tem sido sua grande paixão desde que seus pais retornaram para o Brasil. De repente um rosto conhecido se aproxima, sorrindo e admirado, é o professor Raj.

– Manú, que bom encontrá-la, sempre corro nesse parque, minha casa fica na próxima quadra. Como você está?

– Bem professor, obrigada. Confesso que corrida não era muito a minha praia, mas descobri esse novo talento, responde sorrindo.

– Ah sim, atividade física sempre faz bem, principalmente para arejar a cabeça, melhorar o humor, precisamos liberar endorfina. Você tem se saído muito bem para uma estrangeira. Como está a sua família? Raj senta próximo de Manú.

– Estão ótimos, obrigada por perguntar. Sinto saudades, principalmente da minha irmã. Ela é inteligente, engraçada, sempre nos surpreende com seu vocabulário e frases complexas. Por causa dela que comentei na aula que tenho curiosidade de saber mais sobre o cérebro. Acreditam que ela pode ter algum problema, mas médico algum fechou diagnóstico.

– Ser inteligente não deveria ser um problema – diz Raj, intrigado.

– Concordo com você.

Manú conta a Raj toda a história de Patrícia, percebe que o professor ouve atentamente e franze a sobrancelha. Parece perplexo e ao mesmo tempo curioso.

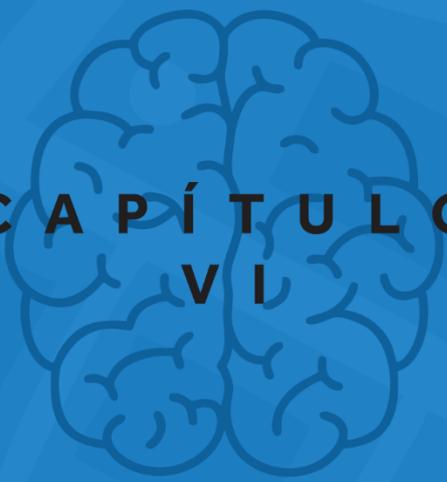
– Imagina o senhor como fica a vida de uma família lidando com tantas incertezas, diz Manú.

– Na verdade Manú, o que acontece é que muitas pessoas acreditam cegamente em tudo que ouvem, principalmente quando o assunto envolve conhecimentos pouco difundidos. Vamos lidar com esses neuromitos na nossa disciplina e você verá como é difícil desmistificar algo que as pessoas consagram como verdade absoluta. Pela descrição que você fez, a Patrícia é tão inteligente quanto você.

– Que bom ouvir isso. Quero aprender o máximo que puder. Desde que cheguei à Índia tenho vivido grandes experiências, que têm contribuído muito para o meu aprendizado. A gente aprende que a vida é lidar com as incertezas e com a busca constante por respostas. A cada dia uma nova descoberta.



CAPÍTULO VI





*Alexandre Fernandes de Oliveira
Daiana Alves Vendramel da Costa
Mara Regina Rosa Ribeiro*



Além do horizonte

Desde pequena sempre fui muito curiosa em relação ao meu futuro, é isso que me mantém viva. Mamãe já dizia que eu seria cientista. Sou apaixonada pela vida! Meus avós maternos eram minha inspiração diária, com eles descobri novas maneiras de explorar o mundo e seguir em frente.

Minha avó materna, conhecida como dona Huan, nasceu com o dom de contar histórias; parecia saber de tudo um pouco – o mundo, acontecimentos mirabolantes, seres mágicos –, era a pessoa mais doce, sincera, paciente e respeitável que já conheci. Meus avós viviam num sítio, numa cidadezinha muito calma no interior de São Paulo. Era um lugar incrível! A natureza, os animais, o canto dos passarinhos, o barulho das águas do riacho e o som do vento nas árvores. Ah..., como era bom acordar naquele lugar!

“Minha princesa, acorda para tomar café”. Com um beijo na testa e voz suave, vovó Huan me acordava todos os dias no sítio.

Antes do café, vovó penteava meus cabelos e me agasalhava. Naquele lugar tudo era lindo e cheirava gostoso. Há bem mais de vinte anos ainda não havia energia elétrica, muito menos postes com lâmpadas acesas ao anoitecer. O povo que por lá vivia acostumara-se a seguir a lua; era a única luz que tinham nas noites escuras. Em casa, somente lampiões e lamparinas que além de iluminar também nos aqueciam.

Na frente da casa havia um jardim muito bem cuidado pela minha avó, e um caminho, que nós chamávamos de trilha, e que todos os dias era limpo com vassoura feita por ela mesma, com galhos secos. Do outro lado da casa, passava a linha do trem.

Meu avô Chang, tinha uma pequena pastelaria na cidade, eram os pastéis mais deliciosos que já comi. No final do dia, vovô voltava para o sítio e trazia os pastéis que sobravam; adorava saboreá-los acompanhado com o café quentinho da vovó.

Em frente à porta da cozinha, alguns metros para baixo, ficava o paiol, um cômodo para guardar a colheita, sempre cheio de milho, já seco, usado para alimentar as galinhas. Do lado do paiol ficava o “jirau”, nome dado a uma espécie de mesinha de madeira, com as pernas compridas e bem altas; entre as quatro pernas ficava uma enorme bacia cheia de água para as galinhas beberem. Em cima do jirau minha avó colocava milho para secar, mandioca que apanhava no quintal, abóboras recém-colhidas, etc.; era um aparador para tudo que vinha da horta. Na hora de jogar milho para as galinhas dava até briga entre eu e meu primo Carlos, pois ele queria jogar tudo sozinho.

Sempre que ia para o sítio da vovó, Carlos me acompanhava. Com seus espirros alérgicos, desatentamente chamava a atenção dos outros para si, não conseguindo passar despercebido, deixando um rastro da mucosa em todo lugar que metia o nariz. Ele quase não possuía amigos na escola, muitos tinham temor de serem contagiados pela sua inconveniente coriza. Na escola, escutava, pelos corredores, vários comentários, como:

“Lá vem o menino catarrento, que nojento! ou, Credo! esse menino parece viver chorando, como ele é estranho”.

O fungado contínuo de Carlos era confundido, muitas vezes, com choro e lamentos, irritando quem estivesse por perto. Eu, mamãe, vovô Chang e vovó Huan, éramos bem pacientes com ele, mas havia momentos em que a sua personalidade controladora e seu desejo de ser o centro das atenções me irritavam. Nessas horas, lembro de vovó dizendo:

“Ana, tenha paciência com seu primo, ele irá melhorar, temos que ajudá-lo”.

Em grande parte das minhas travessuras e aventuras de criança, Carlos estava presente. Hoje consigo enxergar o quanto esses momentos juntos contribuíram para que ele se tornasse um homem humilde e seguro de si. Na minha memória guardo o dia em que fomos ao cinema pela primeira vez. Mamãe nos deixou na entrada do Espaço Banco Nacional de Cinema, na Rua Augusta (São Paulo), hoje Espaço Itaú, para assistir “O Menino Maluquinho”.

“Vida de moleque é vida boa, vida de menino é maluquinha...”

Lembrando hoje, posso dizer que “O Menino Maluquinho” além de marcar a retomada do cinema infantil no Brasil, também, marcou nossas vidas; hoje vivemos tempos sombrios na sociedade, onde o individualismo se aprofunda cada vez mais. As crianças já nascem conectadas e são incentivadas a brincar com jogos nos celulares ou tablets.

O mundo do Menino Maluquinho talvez tenha virado peça de museu. Como dizem por aí, “cada criança tem o seu tempo”. E no tempo de hoje não cabe pião, bolinha de gude, boneca, taco, pular corda na rua... será? Porque de certo modo, há dois pilares importantes que unificam as crianças de qualquer tempo quando se tem a oportunidade: brincadeiras e amizades. Lembro, como hoje, das gargalhadas que as crianças soltavam no cinema; me diverti tanto, que nem percebi os espirros e fungados de Carlos.

Como não se divertir, por exemplo, com a competição do pum mais fedido, ou com quem vai carregar o pau de bosta (um graveto sujo com cocô de cachorro)? É o universo criativo das crianças, que nos faz refletir sobre esse período intenso da vida, cheio de descobertas.

Por tudo isso, “O Menino Maluquinho” guarda uma importância significativa na cinematografia brasileira e serve de inspiração ainda hoje para resgatar a criança que existe em nós, e assim enfrentarmos o mundo com alegria, tolerância, esperança e vontade de criar algo mais humano.

No caminho de volta para casa, perguntei a Carlos:

– Não gostou do filme?

– Não gostei! Deveria ter me avisado que o filme não era legendado – emburrado e cheio de razão, respondeu.

– Mas..., Carlos..., legenda para que, se o filme é brasileiro?

– Não consigo entender filmes sem legendas! Minha professora de português, esses dias, aplicou um teste para descobrir os estilos de aprendizagem de cada aluno. E, então, descobri que sou visual!

– Visual? Como assim Carlos? Não entendi!

Carlos não me respondeu. Fiquei pensativa e com uma pulga atrás da orelha. Será mesmo que isso é possível? O que seriam estilos de aprendizagem?

A separação...

Até os sete anos de idade, em casa ou na escola, Carlos era cercado de amigos. Porém, a tristeza invadiu seu mundo quando seus pais se separaram. Sua alegria e entusiasmo foram substituídas pelo processo alérgico de ordem emocional que desenvolvera. Além disso, o trauma da separação dos pais contribuiu para torná-lo uma criança insegura, e por isso tentava controlar as pessoas e chamar a atenção para si o tempo todo. Mamãe, Vovó Huan e Vovô Chang tiveram um papel essencial na vida dele. A doçura, a paciência e a leveza que vovô tinha de viver a vida contribuíram para desenvolver em Carlos um caráter humilde e cheio de sensibilidade humana.

Só nós dois podíamos passar as férias todinhas no sítio da vovó. Meu irmão caçula, por ser menor, não ficava com a gente, voltava para casa com minha mãe. Tínhamos os dias inteirinhos para brincar, pular, e subir nas árvores.

Nos fundos das terras do sítio passava um pequeno rio, onde vovó Huan gostava de meditar todas as terças feiras da semana em cima de uma pedra gigante, na qual estendia seu tapete de cor índigo e estampa de rosas vermelhas; ela dizia que a meditação sempre a ajudou a ter equilíbrio, força e energia para vencer os obstáculos que surgiram na sua vida.

Naquela altura do sítio o fluxo do rio era menor, quase um córrego, e formava montes de terra dentro do leito. Nós dizíamos que eram ilhas. Para atravessar, da margem do rio para a ilha, segurávamos em um bambu grosso e firme, e pulávamos jogando o corpo todo. Dava certinho, caíamos em cima da ilha. Lá, a gente ficava horas conversando e sonhando com o que iríamos fazer quando crescêssemos.

Quando as aulas da escola retornavam, sempre tínhamos muitas novidades para contar para nossos amiguinhos. Sentávamos em frente ao fogão de lenha da vovó, por causa do frio de julho e ali ficávamos horas ouvindo minha avó contar histórias de guerras, assombrações, fantasmas, de bruxas e fadas. Sempre com quatro ou cinco lamparinas acesas e as brasas fumegantes do fogão de lenha. Às vezes ela resolvia cantar para nós e com a voz rouca começava “Se essa rua, se essa rua fosse minha...”, ou ainda, “O cravo brigou com a rosa...” e várias outras cantigas lindas. Geralmente, essas histórias e cantigas eram acompanhadas de tigelas de arroz–doce, bolo de milho e doce de batata–doce. Nos finais de semana, minha mãe ficava com a gente; ela tinha muita semelhança com vovó Huan, principalmente na doçura e

paciência; a grande diferença é que mamãe trabalhava muito e tinha pouco tempo para ficar comigo; era professora de português em uma escola perto da minha casa.

As férias na minha casa não tinham graça. Além da mamãe e papai trabalharem muito, eu não tinha muitos brinquedos e não saía para lugar algum. Só podia brincar na porta de casa, sob a supervisão de minha mãe, pois “na cidade é perigoso”. A minha paixão na cidade era a escola. Sempre amei estudar, então, nas férias, já que não tinha escola, eu queria mesmo era ir para o sítio.

Dos sete aos quatorze anos de idade, passei as férias, os fins de semana e os feriados ao lado de minha querida avó. Foram tempos maravilhosos, principalmente quando minha mãe deixava que levasse para o sítio algum colega da cidade. Eu me sentia muito importante ao mostrar tudo que tinha na roça, desde os animais, as árvores frutíferas, onde eu subia com orgulho pelos galhos, até as flores, o rio, a ilha, os porcos no chiqueiro, o ferro de passar à brasa, o milho verde assado no braseiro, a batata doce assada junto com o milho, tudo delicioso! O contrário do que se faz hoje. As crianças da cidade encantam as da roça com as coisas modernas, e as deixam frustradas por não terem nada daquilo.

Sob as luzes das estrelas...

Vovó Huan, costumava nos contar histórias da sua vida também.

Ela viveu sem os pais em uma época na qual a China estava passando por uma grave crise sociocultural, desencadeada pela guerra. Era a segunda filha de um casal de chineses, e desde recém-nascida até seus vinte e um anos de idade morou em um orfanato na cidade de Badaling, a 80 km do centro de Pequim. Sua família foi dizimada pela Primeira Revolução Chinesa no ano de 1911.

Certo dia, quando conversávamos, sob as luzes das estrelas e de uma fogueira, pedi a vovó que nos contasse mais da sua vida na China. No embalo de uma cadeira de balanço, vovó começou assim:

– Eu era uma menina muito pouco informada. Durante a guerra civil chinesa, praticamente todas as instituições educacionais fecharam; só as escolas e colégios militares tinham permissão para continuar educando os jovens em assuntos de defesa nacional. A fim de demonstrar apoio aos camponeses e operários da cidade ocupada pela base militar, minha escola providenciara para que as crianças e adolescentes da localidade fossem educadas junto com as do exército. Muitas já tinham catorze ou quinze anos quando entraram no primário.

Logo, me peguei imaginando quão difícil deveria ser não poder estudar, e com angústia no semblante, disse:

– Ai vovó, que triste! Não consigo nem imaginar ficar sem estudar, sem ver meus colegas de sala; deve ser muito difícil viver em um país com guerras e ainda por cima, sem poder ir à escola.

– Sim, Ana! Era muito triste mesmo, ver tantas crianças e adolescentes sem perspectiva de futuro. Eu tive muita sorte, pois o orfanato em que vivia localizava-se próximo à escola do exército, mas, às vezes era invadida por uma espécie de torpor, devido a toda dor e injustiças que me rodeavam, como se houvesse uma calosidade formando-se dentro de mim. Os relatos de guerra me deixavam com muito medo e tensão. Meu lugar favorito no orfanato era embaixo de duas árvores, localizadas no fundo do refeitório, onde a senhora Li, uma de nossas cuidadoras, costumava meditar todas as manhãs antes do café ser servido. Aprendi a meditar com ela, e por alguns instantes, através da meditação, era possível esquecer o cenário de guerra e injustiças que vivíamos, e então me encher de sonhos e entusiasmo juvenil.

– Vovó, pelo jeito, a senhora Li era uma pessoa bem legal e você gostava muito dela, né? Perguntou Carlos, com olhar de curiosidade.

– Sim, Carlos! Ela era encantadora! Decidiu não se casar, e transformou o ato de cuidar dos órfãos da guerra em sua missão de vida. Os conflitos armados e a miséria causavam graves problemas emocionais em todos que conviviam ou conviveram em um ambiente de guerra, principalmente quando se tratava de crianças que ficaram órfãs. Eu não nasci uma “tábula rasa”, ainda no útero materno, já sofria as marcas da guerra; meus pais e irmãos faleceram, quando eu tinha apenas 15 dias de vida, após serem atingidos por uma bomba que destruiu boa parte do barraco que morávamos; fui gerada num contexto de extrema pobreza e bombardeios por todo lado. A senhora Li, contava que cheguei no orfanato tão pequena que era possível segurar-me apenas com uma mão; era também muito agitada e chorosa; dizia que eu só acalmava quando me embrulhava bem firme numa manta; talvez assim me sentisse protegida novamente como no útero da minha mãe.

– Nossa..., vovó! Então, quer dizer que a gente não aprende só quando entra na escola, e sim desde a barriga da mãe? – pergunta Carlos surpreso.

– Pelos relatos da senhora Li, tudo indica que sim. Ela sempre dizia que os recém-nascidos que chegavam no orfanato não eram “tábulas rasas”, pois traziam consigo marcas da guerra, e comigo não foi diferente. Apesar de ela cuidar de todos como uma mãe carinhosa, e nos envolver com seu amor e proteção, cresci dominada pelo medo, era estressada e muito ansiosa. Na escola, apresentava dificuldade de aprendizagem; os professores, muitas vezes, perdiam a paciência comigo, porque não conseguia acompanhar o ritmo das crianças do exército.

– Vovó, seus professores eram sem coração! Como conseguiu superar suas dificuldades? – perguntei, em tom de indignação.

– Li, se dedicava ao máximo para cuidar do equilíbrio psicológico de todos do orfanato; a meditação era uma dentre as várias estratégias que utilizava para nos ajudar a alcançar equilíbrio, paz e energia para vencer os traumas e desafios da vida; assim, fui superando minhas limitações. Li, tornou-se minha referência de mãe, pai, amizade, carinho, proteção, enfim, ela foi a primeira pessoa quem aprendi a

amar e também quem me ajudou desde meu nascimento; tinha pendurado em seu pescoço uma corrente com pingente de dragão que tinha aparência de uma serpente vermelha gigante com quatro garras; dizia ser seu amuleto; o dragão na cultura chinesa representa sabedoria, força e proteção. Costumava nos colocar para dormir por volta da meia-noite e acordar às duas horas para conferir se todos estavam bem, e aproveitava para passar seu pingente de dragão vermelho, levemente, na pele de todos, na certeza que esse ritual nos traria proteção.

– Que genial essa senhora Li! Queria muito poder conhecê-la. Ela ainda mora na China? Tem notícias dela? Indagou Carlos, na esperança de um dia poder conhecer a senhora Li..

Com nó na garganta, vovó respondeu:

– Infelizmente, ela já partiu desse mundo. Teve um período na China que houve um conflito armado, por causa de disputas fronteiriças. Várias cidades e povoados tiveram que cavar túneis para servirem de abrigos antiaéreos. Em algumas cidades grandes, os abrigos tinham capacidade para acomodar a população inteira. Todos, jovens ou velhos, foram postos para cavar esses túneis; nem mesmo as crianças de sete ou mais foram dispensadas.

– A senhora, também, teve que cavar túneis? Perguntou Carlos.

– Sim, Carlos! As crianças da nossa escola e do orfanato tinham que abrir túneis ao lado da colina atrás do prédio. Fomos divididos em dois grupos, um trabalhando dentro do túnel e o outro, do lado de fora. Embora, tivessem me designado para o grupo que trabalhava dentro do túnel, puseram-me logo na entrada, porque era relativamente fraca em comparação aos outros. Os cuidadores do orfanato, inclusive a senhora Li, ficavam dentro do túnel supervisionando os demais. Um dia, cerca de vinte minutos depois de termos começado a cavar, houve um grande estrondo: o túnel tinha ruído. Sete pessoas foram soterradas e várias ficaram feridas. Dentre os soterrados estava a senhora Li, que se encontrava mais fundo dentro das escavações.

Fiquei muito impressionada com o fim que a senhora Li teve, e então, disse:

– Que horrível, vovó! Ela morreu soterrada?

Nesse momento, vovó já não conseguia mais segurar as lágrimas, e ficou em silêncio até contê-las; após, ainda com os olhos e nariz vermelhos, continuou.

– Isso Ana, morreu soterrada; quando foi retirada dos escombros, quatro dias depois do acidente, seu corpo só pôde ser identificado pelas roupas e acessórios. Não tivemos permissão para lhe prestar a última homenagem. De longe, o último vislumbre que tive dela foi um braço sem vida, pendendo numa maca. Com imenso vazio no peito e sem esperança, decidi passar a noite no abrigo antiaéreo que foi escavado do outro lado da colina atrás do prédio. Caminhei alguns metros e de longe escutei um dos soldados envolvidos nos resgates das vítimas do soterramento chamando:

– Espere... espere... encontramos no pescoço de uma das vítimas, reconhecida como Li, esse pingente. Pediram para lhe entregar. Disse o soldado, com voz ofegante.

Era exatamente o pingente de dragão vermelho que a senhora Li tinha como amuleto.

– O que a senhora fez com o pingente, vovó? Com olhos vidrados e ouvidos atentos, perguntou Carlos.

– Eu, sem demora, peguei o pingente das mãos do soldado como se fosse a senhora Li me entregando. Foi o melhor presente que ela podia ter deixado. Meu coração se encheu de esperança novamente e, então, passei a carregá-lo por onde ia; era como se a presença dela estivesse me acalutando e me protegendo a todo tempo. Até hoje o tenho guardado. Guardo na memória também que Li, antes de nos colocar para dormir, costumava cantar uma linda melodia que lembrava um amigo perdido. “...*ah, meu doce amigo... apartei do meu amigo... num terremoto, sumiu para sempre... jamais o verei novamente...*”

Fiquei apaixonada pela letra da música e disse:

– Impressionante vovó! Através da letra dessa música, parece que Li já sabia o próprio fim.

– Verdade Ana, também penso o mesmo. Além do pingente de dragão vermelho, deixou essa linda melodia, da qual eu posso encher a memória de suas lembranças.

– Ela era mesmo muito especial! E como a senhora e o vovô se conheceram? Perguntou Carlos.

– Conheci seu avô na escola. Chang, que também era órfão, me ajudou a ver felicidade e beleza na vida, observando as pessoas e as coisas ao meu redor. Não parecia saber que tinha perdido os pais; tudo que sabia era que fora criado pelos vizinhos, numa cabana muito pequena, onde havia apenas uma cama que ocupava quase todo espaço do cômodo. Lembro que Chang tinha apenas uma roupa. No inverno, simplesmente punha um grosso blusão de algodão acolchoado por cima da roupa de verão. Como todos ao seu redor eram pobres, um blusão acolchoado era abrigo suficiente para o inverno. Embora ele devesse ser uns cinco ou seis anos mais velho que eu, estávamos na mesma classe na escola do exército. Estando ele por perto, quando os filhos dos militares me batiam, cuspiam ou xingavam, sempre me defendia.

– Uhuauau! Vovô, além de estudar com a senhora, também a protegia – diz Carlos, deixando transparecer orgulho e admiração pelo avô.

– Sim, seu avô sempre me defendeu! Às vezes ao me ver chorando num canto, dizia aos guardas militares que ia me levar para conhecer os camponeses e me levava para ver as casas de gente paupérrima, e me contava o que tornava aquelas pessoas felizes. Na hora do intervalo, íamos até o alto da colina atrás da escola para admirar o grande “Dragão de Pedra”, como era chamada a “Muralha da China”. As imensas colunas de pedras, tijolos de gesso e calcário representavam o poder e a força do povo chinês, e protegiam o império dos ataques inimigos. Além disso, serviam como alfândega, controlando a entrada de pessoas e mercadorias na China. Nas torres de observação os soldados vigiavam dia e noite a movimentação dos

arredores. Estas torres, também, eram utilizadas para acomodar os trabalhadores e serviam como depósito de alimentos.

– Caraca vovó! Dragão de Pedra... Grande Muralha! Mas..., grande como? Do tamanho desse sítio? – questionou Carlos interessado.

– Muito maior, Carlos! Ela possui milhares de quilômetros a mais que nosso sítio; tem em média 6 metros de largura e 8 metros de altura; esse tamanho era para dificultar a ação dos inimigos de guerra e permitia que soldados pudessem se locomover rapidamente pelos corredores. Em todo o trajeto, existem aproximadamente 40 mil torres de observação. As comunicações eram feitas através de sinais de fumaça que ocorriam a partir destas torres que eram visíveis às torres vizinhas. Ela foi erguida em diferentes séculos e dinastias dominantes. As partes mais antigas têm mais de 2 mil anos e foram construídas há quase 20 séculos, deixando suas marcas e histórias, transformando um verdadeiro complexo de guerra em momentos inesquecíveis de alegria e prazer às milhões de pessoas que a visitam. E certamente continuará presente em nossas vidas, afinal a história faz parte do presente e nos prepara para o futuro.

– Manero! Quero muito um dia poder conhecê-la. Quando crescermos e tivermos dinheiro, você topa ir comigo Ana?

– Claro que sim, Carlos! Será pura aventura!

– Ebaaaa...! Obrigada Ana, você é a melhor prima do mundo!

Nunca vi Carlos tão empolgado, como naquela noite; até seus espirros e fungados, que tanto nos incomodavam, desapareceram. E o mais interessante é que em nenhum momento reclamou, como no dia que fomos ao cinema assistir ao filme “O Menino Maluquinho”. Ele estava com ouvidos atentos e aprendendo muito com as experiências de vida da vovó, e sem precisar de legenda; não se cansava e a todo tempo pedia para vovó continuar.

Vovó Huan, com sorriso nos lábios e doçura na voz, continuou:

– Um dia, Chang me perguntou de que eu gostava na cidade onde a base militar ficava. Eu disse que a única coisa que brilhava aos meus olhos era a “Grande Muralha”, e que não havia mais nada de que gostar; era um lugar pequeno, sem graça, sem cor, com cheiro de fumaça asfixiante dos fogões a lenha ou carvão, e de gente com blusas rasgadas e calças esfarrapadas. Chang dizia para eu olhar para cada casa da cidade, mesmo nas que se encontravam em pior estado, e me perguntar. Quem morava naquelas casas? O que faziam lá dentro? O que faziam do lado de fora? Por que aquela porta estava entreaberta? A família esperava alguém ou tinha esquecido de fechar a porta? Quais seriam as consequências do esquecimento?

– A senhora seguiu os conselhos do vovó? Perguntou Carlos.

– Sim, segui! Por isso, comecei a me interessar mais pelo meu ambiente, e deixei de me sentir tão triste com as cuspidas e insultos que enfrentava todo dia. Absorvia-me, nos meus próprios pensamentos, imaginando a vida das pessoas dentro das casas. O contraste entre o mundo real e o imaginário ia se tornar

uma fonte de consolo e pesar para mim. Com o passar dos anos o carinho entre eu e Chang só cresceu e quando completei vinte e um anos nos casamos. Apesar do triste cenário de guerra que nos cercava, organizamos um simples e simbólico ritual de casamento. Estavam presentes os vizinhos que criaram Chang. Na cerimônia, usei roupas vermelhas, calçados cor índigo, lenço vermelho cobrindo toda cabeça, e no pescoço pendurei a corrente com o pingente de dragão vermelho que a senhora Li me deixou. Foi inesquecível!

O início de uma nova vida

Fiquei encantada com a história de amor dos meus avós, era como um filme passando na minha mente e pude imaginar como vovó deveria estar linda, toda de vermelho e sapatos na cor índigo. Perguntei:

Por que decidiram mudar da China?

Antes de começar a falar, vovó suspirou profundamente e se envolveu num cobertor para se proteger do frio.

– Então, minha neta, decidimos mudar por causa da fome que voltou a assolar o país. No final dos anos 40, após um longo período de batalhas, os comunistas dominaram Pequim. O comunismo era temido por todos. Além de alimentarem a ira, cobiça, inveja e a soberba, porque negavam a existência de Deus, também alimentavam a avareza.

– O que significa avareza vovó? – perguntei.

– Você já escutou alguém sendo chamado de pão-duro, mão-de-vaca, unha-de-fome ou muquirana?

– Já sim, vovó.

– Esses termos são sinônimos de avareza, ou seja, é o apego excessivo ao dinheiro, às riquezas.

– Uai vovó, fiquei confusa agora! Esses dias li num livro de história da escola que o comunismo tem como principal objetivo que as pessoas vivam de modo comum, sem acúmulo de riquezas – indaguei.

– Certo, Ana! Apesar de o comunismo ter relação com a satisfação das necessidades de todos, não era assim que funcionava. A finalidade era industrializar o país e, para isso, criaram-se grupos de trabalho e fazendas coletivas, proibindo a agricultura particular e a propriedade privada. A coletivização e a centralização ao mesmo tempo em que transformou a economia chinesa, também causou uma insuficiência alimentar muito séria e a fome mais uma vez começou a fazer vítimas. Eu já estava grávida do nosso segundo filho, e sonhávamos com um futuro mais livre e sem misérias para eles. Após a implantação do comunismo na China, um grande número de chineses mudou-se para Taiwan, buscando, logo em seguida, um novo país no estrangeiro. Grande número deles migrou para o Brasil e nós estávamos no meio dessa leva.

– Quando chegaram ao Brasil? – perguntei.

– Depois de uma longa viagem marítima, chegamos ao Brasil na década de 50, era uma terça feira ensolarada e com o pôr do sol irradiando toda sua beleza avermelhada; o desconhecido, agora, era o nosso maior medo. O cenário colorido de vermelho, que avistamos ao descer em terras brasileiras, anunciou dias melhores. No início vivemos em um abrigo para estrangeiros, e com o passar do tempo, tudo foi se ajeitando. Chang conseguiu emprego, e, também, vendíamos pastéis numa barraca montada no centro da cidade; os pastéis que vendíamos ficaram famosos e muitas pessoas vinham de longe para saboreá-los. Ampliamos nosso comércio e através dele conseguimos dar estudo aos nossos filhos e comprar o sítio.

Ao terminar de contar sobre como foi a vinda e adaptação da família no Brasil, vovó disse:

– Crianças, sei que estão amando, mas já passou da hora de irem para cama.

– Haaaa... que pena! Estava tão legal! – reclamou Carlos.

– Eu sei querido, mas está muito tarde, podemos continuar outro dia – disse vovó.

Bem contrariado, Carlos exclamou: – Tá bom..., Vovó!

O tempo passou, e a história dos meus avós traz consigo lições de vida que o tempo não apaga; sempre será fonte de inspiração àqueles que tiveram o privilégio de conhecê-la.

Um susto no pomar...

As últimas férias que eu e Carlos passamos no sítio, já estávamos prestes a completar quatorze anos. Vovó Huan andava um tanto diferente; estava um pouco esquecida, trocava os nomes das pessoas e falava sempre de um tempo que já passou como se fosse hoje.

Num certo dia, com muita neblina, acordamos bem cedinho; vovó pediu que fossemos ao pomar para colher laranjas, pois queria fazer um bolo para nosso café da manhã. As laranjeiras estavam repletas de laranjas maduras. Carlos subiu nas árvores e eu fiquei no chão para juntá-las. Levamos um cesto de palha, que vovó utilizava para colher milhos. De repente, escutei um barulho de galhos secos sendo quebrados; olhei ligeiramente para ver o que havia acontecido; Carlos estava caído no chão, todo ensanguentado; havia batido a cabeça numa casa de cupim que tinha no lado direito do pé de laranja que estava montado. Imediatamente larguei tudo para ver como ele estava.

– Carlos, Carlos..., fala comigo, por favor! Ana o chamava muito aflita.

Ao perceber que Carlos não respondia, logo sai correndo para chamar meus avós.

– Vovó Huan... vovô Chang... venham comigo até o pomar, Carlos caiu do pé de laranja e desmaiou. Gritava Ana com voz de desespero.

Vovó e vovô saíram correndo em direção ao pomar. Ao chegarmos, ele não estava mais desacordado, porém apresentava-se confuso e agitado. Vovô Chang, o pegou no colo e partiu em direção a cidade para o hospital.

A batida na cabeça, fez meu primo esquecer-se de várias lembranças, e também, de algumas pessoas, inclusive, eu. Mamãe dizia que Carlos nunca mais seria a mesma pessoa e que teria dificuldade para aprender coisas novas. Perguntei:

– Por que, mamãe, Carlos terá dificuldade para aprender coisas novas?

– Uai... minha filha! Você nunca aprendeu na escola que ao bater muito forte a cabeça podemos perder neurônios, e eles não são repostos.

– Não mamãe! Então, quer dizer que, Carlos não conseguirá mais aprender, como antes, as coisas ensinadas na escola?

– Sim filha, infelizmente, Carlos não terá mais a mesma facilidade que tinha antes para aprender coisas novas daqui pra frente.

Não conseguia imaginar que nunca mais meu primo seria capaz de criar comigo novas travessuras; éramos parceiros em tudo. Depois do acidente de Carlos, não passamos mais as férias no sítio. Já estávamos adolescentes, e com o passar dos anos, admiravelmente, Carlos recobrou totalmente a memória e, gradativamente, voltou a apresentar bom rendimento escolar. Mamãe, ficava surpresa com cada evolução que ele apresentava. O triste era que, ao passo que Carlos evoluía bem, os esquecimentos passaram a comprometer, ainda mais, minha amada vovó.

O triste diagnóstico

Na medida em que vovó se distanciava cada vez mais do mundo e das pessoas, as doces lembranças da infância invadiam meu peito. Mamãe, preocupada, resolveu levá-la ao médico; e, então, de repente, o “Alzheimer” foi descoberto e até mudou algumas coisas, menos o amor que sentíamos pela querida e doce vovó Huan.

Após o diagnóstico da doença, mamãe fez uma reunião comigo, meu pai e irmão para decidirmos como faríamos para ajudar o vovô Chang nos cuidados com a vovó.

– Estou me reunindo hoje com vocês, pois teremos que encontrar estratégias para ajudar o papai a cuidar da mamãe; agora é momento de nos unir e retribuir todo amor, paciência e cuidado que por longos anos ela dispensou a nós. Disse mamãe, demonstrando bastante preocupação.

– Com certeza, mamãe! Estou disposta, até mesmo, a mudar de escola para ajudar vovô Chang a cuidar da vovó. Pensei em estudar na escola próxima do sítio. O que acham?

Meus pais sabiam da grande importância que os estudos tinham na minha vida, sempre fui muito dedicada e aluna exemplar. Meu papai, preocupado, disse.

– Mas, Ana, como assim? Você ama a escola da cidade!

– Então, papai, gosto muito mesmo, mas pela vovó sou capaz de abrir mão de qualquer coisa. Por favor, deixem-me ir

– Tá certo Ana, eu e sua mãe conversaremos sobre isso. Amanhã cedo lhe daremos a resposta – disse papai, com semblante de preocupação.

Ao amanhecer, sentei-me na mesa para tomar café e, junto a mim, sentaram meus pais.

– Ana, pensamos sobre sua proposta! – Mamãe exclamou.

– Decidimos deixá-la morar no sítio; sabemos da importância que os estudos têm para você, mas entendemos que o carinho que tem pela sua avó supera qualquer coisa. Independente do lugar que estudar, certamente, será excelente aluna – completou seu pai, apreensivo.

Comecei a pular de alegria e abraçá-los, como forma de gratidão pela confiança que depositaram em mim.

– Obrigada mamãe... obrigada papai... vocês são incríveis! Prometo honrar meus compromissos nos estudos e cuidar muito bem da vovó Huan.

A busca pela cura...

Ao perceber que as dificuldades da vovó aumentavam com o tempo, comecei a buscar mais informações para entender o processo de evolução da doença. Carlos, todos os finais de semana ia para me ajudar nas pesquisas e também nos cuidados com a vovó. Carlos disse:

– Ana, percebi que, agora, ela tem se esquecido de pessoas mais distantes. Os mais próximos, confunde às vezes; também tem se esquecido de várias outras coisas, como os nomes de comidas que gostava muito.

– Também notei isso, Carlos. A sensação que tenho com o passar dos dias é que vovó está voltando a ser bebê. Ontem, ela não conseguiu abotoar sua camisa; e sem muitas palavras, foi até seu quarto, pegou o pingente de dragão vermelho e me entregou. Mesmo sem muitas explicações por parte dela, entendi isso como uma missão, pois o pingente tem um significado muito importante na vida da vovó.

– Nossa Ana! Que responsabilidade, hein! Esse pingente, não só representa uma linda história de amor, dedicação e superação, mas é, também, fonte de proteção aos que acreditam no dragão chinês. Vovó Huan, nos ensinou assim, e agora é sua a missão de repassar às próximas gerações – disse Carlos, com um tom de certeza em sua fala.

– Eu sei Carlos, e assim farei!

Na escola do sítio, fiz várias amizades; quando lhes contava o motivo da minha decisão de morar no sítio se sensibilizavam e, de algum modo, todos queriam ajudar. Certo dia, Carlos chegou ao sítio com um violão, e disse:

– Ana, essa semana, vi uma reportagem que falava que a música auxilia no tratamento de vários problemas de ordem cerebral, inclusive os causados pela doença de Alzheimer. Sabia que através do estímulo provocado pela música, o cérebro cria novas conexões nervosas que podem recuperar memórias deterioradas pela doença, e, assim, refazer a trajetória de vida? Depois que li sobre isso, entendi que uma das coisas que contribuiu muito para minha acelerada recuperação, após o acidente em que caí da árvore, foram as aulas de música que mamãe fazia. Ela me levava junto, todas as vezes. Depois desse contato com a música, minha recuperação foi muito rápida.

– Genial, Carlos! O que mais descobriu?

– Descobri que todos nós temos uma memória musical, independentemente de ter estudado música ou não, e no caso da doença de Alzheimer, essa memória musical é a última que será deteriorada, fazendo com que a pessoa consiga resgatar lembranças e/ou habilidades cognitivas quando a memória musical é ativada, pois a música ativa o cérebro todo. Através da música, é possível resgatar a vontade de viver dessas pessoas e melhora a qualidade de vida.

– A música era uma das paixões da vovó. Lembra como gostava de cantar para nós? E o que está pensando em fazer? Indagou Ana emocionada por lembrar de quando a avó cantava para eles.

– Então, trouxe meu violão para nos ajudar. Pensei em cantar para ela todos os dias as mesmas canções que gostava de cantar para a gente nas férias. O que acha? Perguntou Carlos, com muito entusiasmo.

– Fantástico! E o melhor é que temos todas gravadas na memória. Lembra daquela que vovó aprendeu com senhora Li, antes dela morrer? Acho que essa canção irá despertar muitas lembranças na vovó que o Alzheimer apagou. Afirmou Ana toda entusiasmada.

– Verdade, Ana! Essa música é um verdadeiro poema! disse Carlos, emocionado ao relembrar a canção.

A partir de então, todos os dias cantávamos músicas para ela. Nos finais de semana, Carlos e mamãe cantavam, e durante a semana era eu e vovô Chang. Percebi que era o momento mais feliz do dia para vovó. Era gratificante ver como se alegrava ao escutar as músicas que lhe traziam de volta as lembranças perdidas.

Além da música, como forma de diminuir a progressão acelerada da doença, Carlos, mamãe e eu, criamos um “banco de memória”, com fotos, objetos e documentos que ajudassem a vovó trazer à tona algumas memórias recentes e antigas. Quando mostrava o pingente de dragão vermelho, lágrimas escorriam pelo rosto dela; acho que se lembrava da senhora Li.

Em poucos meses, observamos notável melhora; vovó ficou bem emocionalmente, resgatou sua verdadeira personalidade; tornou-se novamente alegre e motivada em realizar outras atividades, mesmo com as dificuldades cognitivas típicas do diagnóstico. Ela passou a conversar melhor com as pessoas; os quadros de irritabilidade diminuíram bastante e o melhor, passou a dormir bem durante a noite; com isso ganhou em qualidade de vida, e nós também. Essa melhora fantástica da vovó, perdurou por quase três anos após o diagnóstico da doença.

Certo dia, numa madrugada, acordei com a vovó dizendo:

– Levanta menina, você roubou meu pingente de dragão vermelho, me devolva.

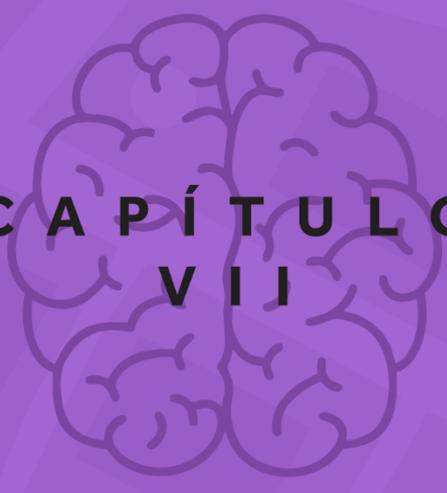
Nesse dia, apesar da notável melhora no quadro da vovó, através da música e do banco de memórias, me convenci de que, infelizmente, a evolução da doença continuaria; vovó começou a ter delírios de roubo, sintoma psicótico muito comum do Alzheimer. Como doía acreditar que uma pessoa tão querida podia ter uma doença incurável que roubava sua essência, gradativamente.

Mas, através dos desafios enfrentados, aprendi que a cada novo dia, era uma nova descoberta, e a curiosidade que me mantinha viva, me inspirou a descobrir, junto da minha família, novas maneiras de manter acesa a doce essência da vovó Huan.

E... sabe aquela história que mamãe dizia de que eu seria cientista... Hoje me dedico incansavelmente para encontrar a cura para o “Alzheimer”.

E assim seguimos, um dia de cada vez...





**CAPÍTULO
VII**





*Vinício Felipe Antunes dos Santos
Adriana Freitas de Almeida Finger
Daiana Alves Vendramel da Costa
Larissa Irene da Silva
Gímerson Erick Ferreira*



**O (Re)
encontro
de
um sonho**

Sentada no chão de madeira, Alice descansava da aula de *ballet*, dali observava Judith, sua professora, uma mulher morena com nariz fino e semblante ameaçador, suspirava enquanto pensava em tirar um cochilo, bocejou semicerrando os olhos e uma voz tenebrosa a assustou:

– Levanta Alice! Exclamou Judith.

– De novo? Estou cansada, a senhora não está vendo? Disse Alice, olhando para cima implorando por piedade e debochando.

– Alice! Você sempre diz isso! – respondeu Judith, com ar de reprovação e os braços cruzados.

– Vamos! Chega de preguiça, você precisa ensaiar mais vezes! – reforçou a professora com um quê de autoridade. Alice, fazendo cara feia a obedeceu a contragosto, e retornou ao ensaio. Mesmo cansada, ela se entregava à dança, faltava ainda técnica, mas a graciosidade era natural. Judith ia corrigindo os movimentos e se pôs a pensar “já fazia um tempo que Alice se inscrevera nas aulas de *ballet*, apesar de se destacar no meio das outras alunas estava sempre sonolenta nas aulas, uma preguiçosa que precisa ser disciplinada e aprender a levar mais a sério, porque tem potencial”.

Alice fitava a si mesma na parede de espelhos à sua frente e, enquanto dançava, não sabia se gostava do que via. Seu coque e olhos castanhos escuros destacavam-se na pele, não mais que suas olheiras que escondia com maquiagem, um rosto com traços finos e um nariz pequenino. As pessoas a descrevem como uma bela garota, porém meio mal-humorada, desdenhosa, emburrada e nem sabia ao menos o porquê. Indo para a escola mecanicamente, ela caminhava totalmente desligada da realidade.

– Te achei! Saltitou sua única amiga, Anne, abraçando-a levemente. Anne era totalmente o oposto de Alice em questão de humor. E aí? Como foi o ensaio hoje?

– Digamos que o mesmo de sempre. Alice revirava os olhos, antes de rir, ao ver a amiga fazer beicinho. E como está a sua avó?

– Acho que está melhorando, felizmente, ela não passou mal esses últimos dias. Anne transparecia sua preocupação e angústia ao falar do estado da avó, que considera como mãe.

Elas continuaram conversando, até serem surpreendidas com uma parede violeta, que parecia ter sido pintada recentemente.

– Nossa, o cheiro de tinta aqui está forte.

– Muito – concordou Anne.

Alice verdadeiramente incomodada com o cheiro de tinta, ficou com a boca seca e se imaginou no deserto. Absorta nesse pensamento, mirava uma lâmina de luz e viu areia invadindo seus olhos. Esses pensamentos insistiam em atormentar Alice. Num lapso, levou a mão ao rosto e expirou se direcionando para o armário da escola. Voltando sua atenção à amiga, percebeu num relance que ela se recolheu... Como se estivesse se escondendo.

– Que carambolas você está fazendo?

– Ele está aqui! Choramingou Anne, em pânico.

– Ele quem? Questionou Alice, que seguindo o olhar sorrateiro da amiga enxergou o motivo daquele comportamento. O Rafael? O que tem ele?

– Ontem, quando conversamos por mensagem, eu o chamei para sair, e ele perguntou que dia eu estaria livre, mas eu não o respondi – sussurrava Anne.

– Mas, desde que entramos no ensino médio, você é ‘caidinha’ por ele – disse Alice, enquanto puxava a amiga para que ficasse em pé.

– Eu sei, mas não consegui! Anne parecia frustrada, mas se conteve quando notou que Rafael e seus amigos passavam pelo corredor.

– Eu acho que você deveria responder, não há nada com o que se preocupar – disse Alice, fechando seu armário.

– Eu farei isso – suspirou Anne, pesadamente.

Os corredores se esvaziavam à medida que os alunos entravam para as salas de aula. Alice gostava quando os colegas de sua sala não notavam muito sua presença. Ela sentava na segunda carteira ao lado da janela. Amava quando chovia e gotas desciam lentamente pela vidraça, o que a fazia lembrar de músicas que costumava ouvir, e boas sonecas nas tardes chuvosas.

– Bom dia, turma! – dizia seu professor de química ao entrar na sala. Ele era baixo, calvo e muito alegre. Alice gostava de sua simpatia, mas não conseguia entender muito bem alguns conteúdos que ele ensinava.

Alice ficava incomodada com os sons emitidos pelo professor escrevendo no quadro e seus colegas que não paravam de cochichar. Virou-se para Anne que estava completamente concentrada em suas anotações. Anne, apesar de não ter nascido no Japão, era uma jovem do oriente. Longos cabelos pretos e lisos repousavam em seu ombro, seus olhos puxados e pele clara contrastavam muito bem. Alice a conheceu no ensino fundamental, para variar, encontrava-se quase cochilando, sentada sozinha no pátio da escola, quando Anne se aproximou e nunca mais se afastou dela.

Inspirando, Alice vira seu pescoço para o lado, havia uma janela enorme. Lá fora, folhas e galhos de árvores balançavam suavemente, essa distração era reconfortante, tanto que o som do vento e do ventilador começou a parecer uma canção de ninar, um céu convidativo que a deixou mais sonolenta. Percebendo o que estava prestes a acontecer, ela tentou disfarçar abaixando sua cabeça sobre a mesa. O dia ensolarado ardia na pele de Alice enquanto ela acordava e não fazia ideia de onde estava, meio dormente ela se viu no chão arenoso e quente.

Onde estava? Questionou-se.

Ainda com dificuldades de enxergar direito, começou a andar naquele lugar, coçou a pálpebra e viu muralhas colossais à sua frente, ainda mais confusa, porque não fazia ideia do que estava acontecendo,

continuou em busca de ajuda, quem sabe havia alguém ali. Ao entrar no lugar— parecia feito de arenito que ficava cor de rosa à medida que ela se aproximava— estrondos vieram acompanhando o sumiço do dia. Tudo começou a acontecer muito rápido, a muralha começou a se desfazer, ela desviou assustada de uma pedra e começou a correr até que foi atingida por um chamado.

– Alice, Acorda! – berrou Anne em seu ouvido. Alice se levantou rapidamente de sua mesa, perplexa, olhou para os lados, com seu peito arfando em resposta, e encontrou o olhar da amiga que a encarava como se ela fosse louca.

– O que foi isso? – Anne a questionou, incrédula, um pouco assustada.

Alice se sentou novamente, tentando se recuperar, e cobrindo o próprio rosto, envergonhada. Que lugar era aquele? Por que estava sozinha? O que significava aquela escuridão, aquelas muralhas rosadas, mas que às vezes pareciam ser de cor violeta, porque elas desmoronaram? Estava atordoada, pois precisava entender o significado daquilo, mas foi interrompida pela amiga.

– Eu apenas tive um pesadelo, respondeu ela, sem demonstrar sua inquietude.

– O que sonhou, amiga? Perguntou Anne curiosa.

– Não consigo explicar muito bem, parecia que eu estava no meio de um terremoto num lugar deserto e rodeado de muralhas de pedras cor de rosa desabando, mas que às vezes ficavam de cor violeta. Contava Alice ainda tentando juntar as peças do sonho, para então conseguir decifrá-lo.

Felizmente, ninguém mais estava naquela sala, além das duas. Alice havia dormido a aula de química inteira, e sua próxima aula de quinta-feira seria na quadra de esportes, onde o resto da turma deveria estar.

Anne ergueu as sobrancelhas em resposta, e sentou em cima da carteira de Alice.

– Se você continuar dormindo desse jeito nas aulas terá outros pesadelos – disse Anne, com expressão sincera. As provas estão chegando.

– Verdade – suspirou Alice tirando as mãos do rosto e olhando para o nada. Não tinha esquecido que o fim do bimestre estava chegando, talvez, apenas ignorado esse fato. Havia possibilidade de ser reprovada em algumas matérias, e principalmente em física, na qual ela já não tinha boas notas. Poderia perder sua bolsa também.

– Felizmente... Você tem uma amiga muito estudiosa e que te ama! – disse Anne, com seu sorriso brilhante. – Podemos estudar juntas hoje, teremos alguns dias até as provas começarem! – completou ela, descendo da mesa, entusiasmada.

Alice sorriu para a amiga.

– Ainda bem – disse ela, um pouco aliviada e grata.

Alice tinha sérios problemas com sua constante preguiça. Costumava fugir de suas responsabilidades, mas apesar disso, preocupava-se com as consequências de seus atos. Não era incomum

ela se desconcentrar na hora dos estudos. Anne estava bem empenhada, mas naquele momento, ela não estava muito a fim dos livros.

– Não era para a gente estar estudando? – questionava Alice, com uma breve risada, deitada em sua cama.

– Não aceito alguém dizer que não tentamos – respondeu Anne, com um sorriso, dispersa em seu celular, ao lado da amiga.

Alice fitava o teto cinza, era sempre aconchegante estar em seu lugar favorito. Seu quarto tinha uma pequena mesa de madeira escura para colocar seu notebook, um guarda-roupas bagunçado, e um tapete no centro cheio de cadernos e livros espalhados.

– Amiga! – chamou Anne, fitando a tela de seu celular.

– Olha isso! O Rafael acabou de postar! – Anne disse esbaforida.

Alice fixa o olhar julgando o comportamento de sua amiga.

– Você está stalkeando-o? – indaga Alice.

– Não amiga, o que é isso? – diz Anne, com incerteza.

– Okay amiga, o que temos aí? Vamos ler. Alice demonstra curiosidade.

Rafael havia feito uma postagem dizendo que não se lembrava dos seus sonhos porque o cérebro dele desliga ao dormir.

– Como é que é? – Alice olhou para a amiga enrugando a testa.

– Para mim, parece óbvio que o nosso cérebro não desliga, argumenta Alice, sentando-se de pernas cruzadas em sua cama.

– Então! Sorriu Anne. – Pelo que eu já estudei o sono é muito importante para a memória e... MEU DEUS! Gritou Anne, com um pulo, derrubando seu celular do outro lado da cama.

– O que foi? Alice olhava para a amiga e para o aparelho, confusa.

– Ele me mandou mensagem! – respondeu Anne, cobrindo o próprio rosto com as mãos.

Alice revirou os olhos para a amiga, e alcançou o celular.

– Ele simplesmente mandou um “Oi”, diz Alice fitando a tela. – Não, espera... Ele perguntou se vocês ainda irão sair...

Anne rapidamente levantou a cabeça, encarando a amiga que sorria maliciosamente para ela, enquanto segurava seu celular.

– Alice! Não! Grita Anne.

– Tarde demais – riu Alice, pulando da cama.

– ALICE!

– “Oi, vamos sim”. Digitava Alice enquanto narrava em voz alta. – “O que acha neste sábado?”

– Ai, meu Deus. Suspirou Anne, com as mãos sobre a cabeça.

– Ele recebeu e visualizou – disse Alice, jogando o celular perto da amiga e sentando novamente em sua cama.

Anne pegou o celular com um pouco de hesitação. Mas quando seus olhos fitaram a tela, um sorriso imenso dominou seu rosto.

– E aí? Perguntou Alice.

– Ele aceitou... – respondeu Anne. – ELE ACEITOU! Gritou ela, animada e rolando na cama.

– Já pode me agradecer – fala Alice, sorrindo e cheia de orgulho.

– Mas você não fez nada! – disse Anne provocando.

– Ingrata! – exclamou Alice, rindo com a amiga.

Na manhã seguinte...

O cheirinho de café que vinha da cozinha despertou Alice, já passava das seis horas, e o que ela mais desejava era continuar deitada curtindo a preguiça que não despregava de seu corpo. Após o banho e vestir-se para a aula de *ballet*, Alice direcionou-se até a cozinha para tomar o café que Regina, sua mãe havia feito, pois ainda se sentia muito sonolenta.

– Bom dia mamãe! – cumprimenta Alice, bocejando e surpresa por ter topado com sua mãe na cozinha naquele horário, pois geralmente saía bem cedo para o trabalho.

– Bom dia! Não está atrasada, filha? Pensei que já estivesse no *ballet* – disse sua mãe, com voz desanimada e com olhar triste.

– Sim mamãe, estou um pouco, vim tomar um gole de café e já vou – disse Alice sem muita empolgação.

– Hoje à noite quero ter um tempo com você, afinal, faz meses que não sentamos para conversar, né? Depois podemos assistir a um filme e comer pipoca. O que acha? Perguntou a mãe de Alice sem demonstrar empolgação.

– Nossa! Claro que topo, sinto tanta falta de conversar e ficar mais tempo com a senhora. Tenho percebido que está cada vez mais distante de mim e triste – suspirou Alice, dizendo que tinha que ir pra aula de *ballet* para não atrasar mais.

– Então vá filha, boa aula, à noite conversaremos com mais calma – despediu-se de Alice com tristeza no olhar.

Ao empurrar a maçaneta e entrar mais uma vez naquele grande salão com vários espelhos, que fazia parte de sua rotina de *ballet*, Alice encarava com desdém a imensa janela no alto de uma das suas paredes.

– E finalmente, ela chegou – exclamava Judith, insatisfeita, ao ver Alice entrar. – Quase 20 minutos atrasada senhorita, as meninas já começaram a ensaiar.

– Desculpe, eu dormi mais do que deveria essa manhã – disse Alice, abaixando a cabeça em resposta.

Judith permanecia relutante.

– De todo modo, arrume-se rapidamente e venha.

Alice acenou positivamente com a cabeça, e correu em direção ao vestiário. Ela se olhava no espelho, enquanto prendia o cabelo, fazendo um lindo coque. Aproximando-se um pouco mais de seu reflexo, viu uma espinha em seu rosto.

– Droga! – resmungou Alice. Guardando suas roupas e objetos pessoais em sua mochila, apressou-se para entrar no salão. Seus passos ecoavam pelo local e competiam com a voz de Judith, coordenando cada movimento de suas alunas. Alice se agachou para começar seu alongamento.

Judith a olhou brevemente, mas voltou sua atenção ao próprio trabalho.

Ela não sabia o que sentia por Judith, ela realmente era uma mulher de personalidade forte, transpirava elegância, superioridade e classe. Caso quisesse, poderia colocar qualquer um em seu devido lugar. Ela era tão dedicada, disciplinada e autoritária... será que tinha coração?

Alice se juntou ao grupo de meninas que já ensaiavam, apesar de chegar atrasada ela entrava no ritmo rapidamente. O *ballet* exige bastante leveza e praticidade, o que Judith chamaria de “dançar com graça”, ela dizia que poderia transformar qualquer simples dança em algo mágico, que encantasse e emocionasse o público. Apesar da preguiça que a consumia, o *ballet* despertava muitas coisas boas em seu coração, aquele era o único momento em que ela se sentia entregue, era difícil sim estudar os movimentos, mas dançar e se ver no reflexo do espelho a fazia se sentir diferente, era um momento que de fato ela sabia de certa forma o que estava fazendo.

– Por favor meninas! Estou cansada de repetir, estiquem esses pés! – gritou Judith. Ela vestia um *collant* violeta e calças justas de um tecido fino e preto, como seu próprio uniforme. Depois disse, com mais calma:

– Exatamente Sabrina, com suavidade.

Alice olhou em direção à colega. Sabrina fazia parte do grupo de alunas de Judith. Ela tinha cabelos loiros e bem lisos. Seu rosto e o seu sorriso eram extremamente meigos, mas para Alice, ela não passava de uma ‘branquela azeda’.

– Alice! Mexa com mais vigor, corrige Judith interrompendo seus pensamentos.

Envergonhada, Alice voltou sua atenção ao que estava fazendo, decepcionada por atrapalhar a si mesma com seus julgamentos.

– Intervalo de 15 minutos! Quero todas vocês descansando e se alongando para voltarmos – disse Judith.

Alice suspirou profundamente e se jogou em um canto da sala. Suas colegas abriam as mochilas, procurando suas garrafinhas de água. Passos vinham na direção de Alice, acompanhados de um par de unhas compridas e cílios postiços.

– Olha ela, você atrapalhou a aula toda hoje Alice – Sabrina provoca. Alice faz cara feia e Sabrina continua...

– Escuta aqui pirralha, eu preciso melhorar minha performance porque haverá um evento cheio de olheiros e dependo desses ensaios para meu futuro no *ballet*.

– Me deixa em paz – responde Alice entre os dentes, virando seu rosto.

– Não é a primeira vez que você me atrapalha e não me deixa brilhar, sabe? Não é! Talvez você devesse buscar um tratamento, algum estimulante, pelo menos para os horários das aulas. Você não está se prejudicando sozinha, mas a todas do.... – disse Sabrina, desdenhando e sendo interrompida por Samantha.

– Sabrina chega! Pare com isso! – exclamou.

– Você não tem nada a ver com isso, Samantha, sai para lá! – Sabrina gritou.

– O que você quer de mim? Alice disse dessa vez transparecendo impaciência.

Samantha entrou no meio das duas. Sabrina a encarou, e revirou os olhos, indo rapidamente para o outro canto da sala resmungou: – Que você desapareça!

– Não liga para ela – Samantha disse baixinho para Alice.

Alice suspirou novamente, encarando seus próprios pés. Sentiu-se muito estressada e desmotivada. E eram apenas 9 da manhã.

Mesmo após finalizado o ensaio, as falas de Sabrina ficaram ressoando na mente de Alice, apesar de não ter gostado nadinha daquela loira ridícula e egocêntrica ela não estava totalmente errada. Além disso, ainda estava pensando nos sonhos e na sua constância, questionando-se sobre o que aquilo queria dizer? Por que eles se repetiam?

– Haa mãe... só me abraça um pouco, vai. Pede Alice em meio às lágrimas.

Regina a envolveu num abraço tão apertado que não demorou muito e Alice parou de chorar.

– Obrigada, mãe, estava precisando muito do seu abraço, hoje o dia não foi muito bom.

– O que houve para te deixar assim, tão chateada?

– Hoje, discuti com uma colega do *ballet*, e para piorar ela tem razão.

– O que aconteceu, filha? – perguntou Regina, ao mesmo tempo que enxugava com um lenço as lágrimas da filha.

– É... é que já tem um tempo que ando tendo problemas com sono, a preguiça tem me consumido, vivo sonolenta. Quanto mais durmo, mais sono sinto. Estou sempre atrasada nos meus compromissos e meu rendimento na escola está péssimo, e para piorar quando durmo profundamente tenho pesadelos, que estão me deixando muito assustada – Explicou Alice, um pouco ofegante.

– Por que não me disse isso antes, filha? – questionou Regina, com semblante abatido.

– Sabe que é mãe... tenho percebido a senhora muito triste nos últimos meses, tinha receio de levar mais problemas e deixá-la mais entristecida. Alice desabafou.

– Desculpe filha, reconheço minhas ausências e falhas. Tenho tido muitos problemas no trabalho e isso tem me causado um profundo abatimento. De repente, o mundo ficou sem cor, e em meio a tudo isso acabei te deixando de lado. Mas, já iniciei acompanhamento psicológico e estou aprendendo a lidar com os problemas que estão me causando tristeza e preocupações excessivas. Além de que, apesar de já terem se passado cinco anos do falecimento de seu pai, ainda dói muito.

– Poxa mãe, nem me fale! Eu também sinto muita falta do papai, das brincadeiras, do carinho e do cuidado que tinha conosco. Sua partida deixou uma lacuna que jamais será preenchida, e muitas vezes me sinto desmotivada por isso – falou Alice, com lágrimas nos olhos mais uma vez.

– Sei bem como se sente, filha! Quero lhe ajudar, e por isso estou aqui hoje. Voltarei a ser presente e participativa na sua vida.

– Sinto-me aliviada, mamãe, em saber que me ajudará. Mas, agora, chega de chorar, vamos assistir a um filme e comer pipoca! Alice levanta-se bem depressa da cama e pega nas mãos de sua mãe puxando-a.

– Claro filha! – disse Regina, com um sorriso nos lábios, coisa que há meses Alice não via em seu rosto.

No dia seguinte...

O alarme do celular tocou às seis horas da manhã, Alice, ainda com o corpo pesado, levantou-se sem demora, tomou um banho gelado e logo em seguida desceu para tomar café com sua mãe. Logo depois, Alice chegou à escola, e dessa vez sem atraso. Na hora do almoço o refeitório estava sempre cheio, Alice e Anne sentaram naquelas cadeiras coletivas de ferro com uma mesa longa de madeira bem fina.

– Você consegue acreditar, Alice? Vou sair com o garoto mais gato dessa escola! Refere Anne – pegando mais um pedaço de frango do seu strogonoff.

Alice olhou para a amiga, que mastigava freneticamente. Elas estavam sentadas, comendo.

– Nem você acredita nisso – disse Alice, sorrindo.

Anne bufou. – Ok, talvez ele não seja o mais bonito, mas ainda assim, é tão lindinho... – disse ela com um sorriso bobo.

– Eu o acho comum, como qualquer garoto – Alice comia seu macarrão preferido, ao molho branco.

Anne encarou a amiga.

– Oi, gente! Lindos e volumosos cachos balançam aproximando-se das duas amigas. Era a Samantha, colega da turma do *ballet*. – Posso me sentar com vocês?

– Claro, Sam – respondeu Anne.

– Ufa! – suspira Samantha se sentando. Ela nunca foi muito próxima de Alice e Anne, mas seu jeito carismático conquistava qualquer um. Anne olhou para Alice fazendo sinal para ela dizer alguma coisa.

– Ah, Samantha! – disse Alice, se recordando de algo. Gostaria de agradecer o que fez ontem no ensaio.

– De nada! A Sabrina está perdendo as estribeiras com o evento – Samantha respondeu e mudou a expressão muito rapidamente.

– Aconteceu alguma coisa? – questionou Alice.

– Brigou com o namorado? – disse Anne.

– Talvez... – respondeu Sam, cabisbaixa. – Sinceramente, não arrumem namorados meninas. Sorriu, ainda transparecendo estar um pouco abatida.

– Ei, não fica assim... – disse Alice, tentando consolá-la. – Viu Anne? Meninos nem sempre são ‘uma boa’.

Anne revirou os olhos, e elas riram. Samantha pescou o segredinho das duas.

– Mas a quem vocês estão se referindo? – questionou Sam maliciosa.

– A ninguém! Anne rapidamente respondeu.

– Ao Rafael. Alice acrescentou, rindo de Anne.

Anne arregalou os olhos, em choque com a exposição da amiga. Sam olhou para Anne e disse que não iria contar para mais ninguém, para ela ficar tranquila.

– E então, Sam eu sempre fui muito a fim dele. Ele é tão fofo, e charmoso... – dizia ela, apaixonada.

– Nossa, isso me dá vontade de vomitar! Interrompeu Alice, jogando a cabeça para frente dramaticamente.

– Eu ainda estou comendo! – responde Sam, rindo.

– Pelo menos esse é um bom motivo para eu ir para o banheiro, antes que nossa 4ª aula comece. Levantou-se Alice sorrindo para as duas amigas que a encaravam saindo.

– Tá bom. Responderam em uníssono.

À medida que Alice saía do refeitório seu sorriso se desfazia. Uma sonolência repentina a dominou. Ela hesitou, no meio de um corredor solitário, e olhou para suas mãos, sentindo um vazio.

– Alice! Chama uma voz masculina no final do corredor.

Ela levantou o olhar e avistou seu professor de química vindo em sua direção.

– Professor?

– Você pode passar na minha sala antes de ir para casa? Precisamos conversar – disse ele com seriedade.

– Está bem – ela respondeu. Com certeza não era algo bom, aquele, definitivamente não era seu dia, pensou Alice.

O crepúsculo atravessava a janela, incendiando a sala com um tom violeta. Seu professor estava sentado, com seu pequeno par de óculos, e vários papéis espalhados pela sua mesa.

– Boa tarde, Alice! – disse seriamente ao vê-la entrar.

– O senhor me chamou? – disse Alice próxima da porta segurando sua mochila em um dos ombros.

– Sim, sim, sente-se! Convida o professor mostrando as duas cadeiras à sua frente. Ele usava, como de costume, sua gravata violeta, provavelmente, era sua preferida.

Alice rapidamente se sentou, soltando sua mochila no chão. Ela estava um pouco nervosa.

O professor guardou seus óculos, e juntando as mãos sobre a mesa, suspirou.

– Eu sei que química não é uma matéria de seu agrado, mas tenho que lhe alertar de que suas notas caíram muito esse ano, e eu só queria ter certeza de que você está ciente disso. Tenho notado você desatenta, desmotivada, cochilando nas minhas aulas...

Alice desviou o olhar para a janela, não conseguia disfarçar, seu maxilar estava um pouco tenso, e seus músculos estavam ligeiramente tremendo. O professor percebendo que ela estava ouvindo desta vez, acrescentou:

– Se você não melhorar seu rendimento na minha matéria e nas outras disciplinas, poderá perder sua bolsa. Eu me preocupo com você Alice. Saiba que pode contar comigo.

– Eu sei... Obrigada – respondeu Alice, com a voz seca, reticente, fitando a janela do outro lado da sala.

– Bom, qualquer coisa, caso precise, pode falar comigo... – insistiu seu professor, abrindo as mãos sobre a mesa. – Pode ir agora, bom final de semana e se cuide!

Alice se levantou rapidamente, envergonhada e recolhendo sua mochila, agradeceu e saiu.

Ela não se sentia confortável com cobranças, ainda mais por alguém que não possuía intimidade. O que iria fazer? Questionou-se. Naquele momento só queria se trancar em seu quarto e se distrair do sermão de alguma forma. Ela ficou horas divagando na cama olhando o ventilador e se perdendo em

pensamentos no final de semana, quando percebe várias notificações de Anne no celular “me atende, é urgentel!”. Ela correu para sua mesa, próxima à cama, e retornou as ligações de sua amiga.

– Menina, você não vai acreditar!! Fala Anne animada. Do outro lado da tela, ela estava segurando uma xícara, o que poderia ser chá, e vestindo seu pijama de cor violeta, com estampa de bolinhas.

– O que? Alice estava realmente curiosa, mas imaginava o que havia acontecido, se bem que podia imaginar, conhecendo tão bem o sorriso de Anne, mas estava tão perdida que foi incapaz de pensar. Anne mordeu os lábios, olhando para todos os lados.

– Você não vai acreditar! Tipo...! Gritava Anne explodindo de emoção.

– Meu Deus, se acalme! – pede Alice, levantando as mãos e quase rindo.

– Está bem. Anne tentava se conter. Já era domingo e Alice não tinha percebido.

– Conta amiga, o que aconteceu? Alice indagava.

– Eu encontrei com Rafael ontem. Anne fitou Alice e percebeu que a amiga se esqueceu da própria artimanha.

– Alice, você é muito desatenta! – disse Anne chateada, mas continuou.

– Deixa pra lá, então... A gente se encontrou em uma lanchonete a alguns quilômetros daqui. Ele é super tímido, que nem eu. Sempre fui tímida, você sabe né?

Alice levantou as sobrancelhas.

– Tímida? Você? – questionou rindo.

– Você sabe que eu tenho vergonha de garotos. Anne bufou, e riu também. – Começamos a conversar sobre família, e descobri, que ele nasceu na cidade de Petra da Jordânia, e que veio para esse país sem nada. Literalmente, nada. Mas foi há quase 10 anos.

– Petra...? – questionou Alice intrigada, lembrando-se de seus sonhos.

– Sim. Ele me falou um pouco de como era, mas enfim... Anne mexeu em seu próprio cabelo. A gente foi andando para a casa e... Seu rosto corou.

– Vocês se beijaram?!

– O que você acha? Anne corava mais ainda.

– Meu Deus! Finalmente, não aguentava mais você falando nisso – disse Alice provocando.

– Eu também não. Anne estava com os punhos cerrados de tanta empolgação. – Ontem eu não consegui dormir cedo, fiquei te ligando para contar e você só foi me atender agora! Fiquei chateada com você.

– Anne! Vem cá. Uma voz feminina a chamava vigorosamente.

– É minha mãe, terei que desligar Alice, até amanhã.

– Sem problemas, a gente se fala na escola! – responde Alice.

– Está bem, então – respondeu Anne, demonstrando ainda empolgação.

Anne acenou com as mãos em despedida e desligou. Alice ficou feliz pela amiga e percebeu que dormiu pouco nos últimos dias, só queria cair no sono. Mas sabia que o sono traria novamente aqueles sonhos, os quais ela não compreendia. Realmente, ela estava muito cansada. Para ela, dormir era o melhor remédio para esquecer por instantes tudo que a cercava. Sentiu seu corpo pesar sobre a cama, assim como suas pálpebras, quando seus olhos se fecharam e ela adormeceu.

Deitada de bruços na areia, ela estava, de novo, naquele lugar, resmungou ao levantar-se, só que desta vez o deserto era um enorme desfiladeiro que parecia não ter fim. Decidiu continuar andando e logo viu pegadas de um animal, ele estava longe e havia alguém montado, percebeu ser um camelo, ela ia em sua direção quando percebeu que ele começou a acelerar, uma mulher morena, com vestidos longos, cabelos e rosto tampados com um lenço gritava palavras irreconhecíveis, ela se virou e correu desesperadamente, um homem, com uma túnica violeta, do nada apontava no horizonte para a esquerda, ela não sabe por que, mas sorriu, se virou confiante e um feixe de luz invadiu seus olhos.

Alice acordou, como sol entrando pela janela. Apoiou-se nos próprios cotovelos para olhar pelo seu quarto. Eram 4h da manhã. Tudo aquilo parecia tão real, mas era apenas um sonho. Com um profundo suspiro, implorou para voltar a dormir. No fundo, esperava que fosse sonhar novamente com tudo aquilo, afinal, precisava de respostas. Passaram-se poucos minutos Alice adormeceu. O cenário ainda era o mesmo, mas agora ela conseguia ouvir aquelas pessoas, fitou os olhos para o homem que havia lhe mostrado uma direção, aproximou-se, sem medo, e perguntou:

– Onde estou? Quem são vocês? Que lugar é esse? Você consegue me entender?

– Sim Alice, não só compreendo o que você fala como a sua aflição por respostas. Infelizmente, não posso lhe dizer quem sou, você não entenderia, mas estou aqui para guiar você. Confie em mim – disse o homem, que apresentava boa aparência, tinha um olhar compenetrado, usava roupas próprias da Jordânia e mostrava-se bastante familiar, preocupado, mas não parecia ser alguém daquele século.

– Estou sonhando, você não é real. O que faço para me livrar desses sonhos?

– Alice, chegou o momento de você encarar as coisas, não fugir, se esconder, mas buscar ouvir seus pensamentos, acreditar na sua potencialidade, inclusive, superar seus limites, vencer desafios... você já pensou que muitas coisas que você diz não ser capaz, você nem sequer tentou? Onde está a sua motivação?

– Alice estava perplexa, ouvindo-o, ao mesmo tempo em que estava surpresa com as coisas que ele dizia, aquilo fazia todo sentido. Ela não conseguia responder, mas sua mente era invadida por muitos pensamentos, reflexões, que na verdade, ela nunca havia parado para pensar.

– Alice, você ainda é muito jovem, mas precisa entender que as escolhas de hoje irão refletir no seu futuro, tanto as escolhas mais simples, quanto as mais complexas. O futuro não é algo tão imprevisível,

você tem grande poder sobre a sua vida. Atente-se para o que pode mudar, trace objetivos, faça a sua vida valer a pena.

Alice queria falar, estava tomando coragem, aquilo parecia ser a sua consciência falando, resgatando—a de um lugar sombrio, vazio, sem expectativas ou planos. Era surpreendente, mas algo ainda a intrigava. Por que aquele lugar? Quando de repente o homem retoma a conversa.

– Alice, veja onde está, a princípio você se viu sozinha, com medo, assustada, principalmente porque você conheceu apenas um pedacinho desse lugar, em meio a um terremoto, pois era o momento que você estava vivendo. Você saiu da sua zona de conforto (ou não) e viu-se aqui, enfrentando seus próprios medos. Mas não conseguiu ainda ver a essência disso aqui. Encare isso como uma possibilidade, oportunidade de um re(encontro) consigo mesma. O autoconhecimento ajudará você a tomar decisões, seguir em frente.

De repente, Alice foi revivendo vários aspectos de sua vida, a perda do pai, ainda tão jovem, o relacionamento com sua mãe, ora distante, ora mais próximo, a solidão, talvez por opção, de não ter muitos amigos. A ausência de uma ‘válvula de escape’, porque até ao *ballet* que era algo que a fazia feliz, não se dedicava como deveria.

Alice foi sentindo seu corpo despertar, mas não queria acordar. Precisava ouvir mais, conhecer mais daquele lugar. Quando enfim seus olhos se abrem. Ela ficou deitada por um instante, olhando para o teto, quando então, lembrou-se que a cidade da Jordânia em que Rafael nascera chama-se Petra, e logo relacionou este nome com a palavra “Pedra”, e posterior ligação com as muralhas de pedras rosadas do sonho. Ficou pensativa e decidiu ligar para Rafael e perguntar um pouco sobre a história daquele lugar.

Na sequência, o celular de Rafael toca, não sabia quem era, pois não tinha o celular de Alice gravado.

– Oi, com quem eu falo? – desconfiado, indagou Rafael.

– Olá Rafael, desculpa te ligar logo cedo, sou Alice, amiga da Anne, lembra de mim?

– Claro que lembro! Tudo bem Alice? Em que posso lhe ajudar? – responde Rafael com muita educação.

– Anne me contou que você nasceu na cidade de Petra, na Jordânia, é verdade? Será que pode me contar um pouco desse lugar? Sem rodeio, Alice pergunta, na expectativa de que Rafael poderia ser o canal para descobrir os mistérios dos sonhos.

– Sim, nasci em Petra! Mas não conheço muito de lá, quando vim morar no Brasil era muito pequeno. O que sei é que era uma cidade muito próspera e, no ano de 747, foi arruinada por um grande terremoto que assolou a região e destruiu várias muralhas de pedras cor de rosa, dentre muitas outras coisas. Com isso, as rotas comerciais foram sendo desviadas. Petra caiu no esquecimento e ficou perdida na poeira do deserto por 12 séculos. Apenas os beduínos da região sabiam de sua existência até ser

(re)encontrada pelo explorador suíço Johannes Luewig Burckhardt, em 1812, quando foi revelada ao mundo. Prova disso é que Petra hoje é uma das 7 novas Maravilhas do mundo moderno, sendo considerada patrimônio histórico da UNESCO, por sua história, fé, mistério, riqueza e um espetáculo de engenharia que acompanha sua trajetória.

– Nossa... não acredito... não acredito... Obrigada por tudo, Rafael! Alice agradecia sem esconder a felicidade de finalmente ter conseguido desvendar os mistérios dos seus sonhos.

Sem entender muita coisa, Rafael disse:

– Imagina, Alice! Não precisava me agradecer, e sempre que quiser conversar pode ligar.

Após o desvelar do mistério...

Pela primeira vez, depois de meses, Alice sentiu-se revigorada, e logo começou a se preparar para as tarefas do dia. Enquanto colocava suas sapatilhas de *ballet* e iniciava os alongamentos seus pensamentos estavam todos voltados para as descobertas acerca dos seus sonhos, e seu bocejo foi tão logo interrompido. Sabia que esse era um grande desafio, controlar seu sono.

– Puxa vida! Como demorei tanto para descobrir que o sonho estava querendo me dizer... que assim como a cidade de Petra foi (re)encontrada após um terremoto, eu também posso me (re)encontrar enfrentando a desmotivação, preguiça e insegurança. Conversava Alice com seus pensamentos.

– Meninas! Interrompeu Judith, e se virou para o resto da turma. – Vamos começar!

De repente, o telefone de Judith começou a tocar. Ela pegou o aparelho, como se já estivesse esperando a ligação. Pediu licença às suas alunas, e atendeu. Sabrina ficou bastante interessada, tentando ouvir a conversa.

– Bom dia! Quanto tempo. Judith parecia entusiasmada, saiu andando para outro canto da sala, para ter um pouco mais de privacidade. Alice fitou sua expressão que ligeiramente se transformou no que parecia ser aflição. Será que era alguma notícia trágica? Judith olhou por toda a sala, e então, fixou seu olhar em Alice, desligando o telefone e a chamando. – Alice, venha aqui.

Ela levantou sua sobancelha, e se aproximou, ouvindo Sabrina resmungar no fundo. Talvez ela também estivesse curiosa.

– Então Alice, um conhecido meu fará um evento beneficente na cidade vizinha, mas a sua bailarina sofreu um acidente essa manhã, e provavelmente ficará um bom tempo afastada. Ele me ligou pedindo ajuda, vai precisar de alguém para substituí-la, me pediu um nome – sussurrou Judith segurando os ombros de Alice.

– Não estou entendendo! – respondeu ela.

– Você precisa ir, Alice, será uma grande oportunidade – encorajou Judith em um tom baixo e calmo, o que era raro.

– Mas eu não sei se estou pronta – disse Alice, hesitante e com grande receio. – Preciso ensaiar mais e rever todos os passos.

– Teremos até quinta para ensaiar, será simples, o que você vem desenvolvendo ao longo das aulas. Ninguém nasce pronto – sorriu Judith, tentando transmitir confiança. Alice olhou para suas próprias mãos, pensativa.

– Se não for você, será Sabrina, e ela já está escalada para uma apresentação. Judith ameaçou e completou.

Alice olhou para a garota que esticava os braços e encarava elas duas.

– Vocês duas, apesar de diferentes, têm o perfil para a apresentação. – Os olhos de Judith secavam Alice.

Alice sabia que haveriam outras tantas possibilidades, mas essa parecia ser muito importante. Lembrou-se do sonho, da necessidade de superar seus medos, encarar desafios. Além da oportunidade de dar orgulho à Judith, que sempre foi muito dedicada às alunas. Olhou mais uma vez para Sabrina, que sorria e a encarava, e então.

– Eu irei! Alice disse, quero intensificar os ensaios.

Judith sentiu-se aliviada, olhou para Alice com um meio sorriso nos lábios. Na verdade, ela notou uma mudança no comportamento da aluna, que se mostrava motivada, de certo modo, até empolgada.

A dança mexia com Alice de um jeito que era difícil descrever. Dançar era libertador, ainda que cansada, as aulas de *Ballet* traziam um sentimento de leveza, paz, fazendo-a flutuar na ponta dos pés. Saindo do ensaio, dessa vez concluído com sucesso, foi almoçar, depois seguiu para a próxima atividade da rotina, a escola.

À tarde, no corredor da escola, encontrou Anne, que estava com uma cara de segunda-feira, parecia que não tinha descansado o suficiente no fim de semana.

– Segundas-feiras sempre foram muito chatas – reclamou Anne, olhando para o pirulito em sua mão.

– Concordo. Alice estava pensativa, sua amiga percebeu.

– O que aconteceu? – questionou Anne, preocupada. – Você está estranha.

– Hoje a professora de *ballet* pediu para eu me apresentar em um evento – disse Alice, olhando para as próprias mãos.

– Meu Deus, Alice! Isso é incrível – responde Anne, com entusiasmo.

– É mesmo, mas eu sinto que não estou pronta, preciso me empenhar e ensaiar bastante... Murmurou Alice, abrindo seu novo armário e tomando consciência do tamanho da responsabilidade.

– Claro que está – disse Anne, se encostando no armário ao lado da amiga.

– Você eventualmente chega atrasada, mas nunca falta às aulas de *ballet*, amiga, não há motivos para duvidar de si mesma, além do mais sua professora chata não ia te indicar se você não tivesse condições mínimas para apresentação

– Estamos falando de *ballet*, Anne! Judith é rigorosa, autoritária, mas não é uma má pessoa, tenho medo de não alcançar suas expectativas, por isso quero me dedicar e fazer o meu melhor.

A sala estava mais quieta que o comum. Anne arrastou Alice para se sentar à sua frente, com a justificativa de que assim ela não dormiria.

– Boa tarde, turma! – disse o professor de química em sua chegada.

– Tenho algumas notícias pelas quais vocês podem não reagir muito bem. Colocando sua mochila sobre a mesa, se inclinou sobre ela, com os braços estendidos.

– Que mistério é esse? – questiona Alice.

– Farei um simulado nesta quinta, e ele valerá quase metade da nota do bimestre – completou o professor, apertando os lábios.

Houve um silêncio repentino, seguido de murmúrios inquietos dos alunos. Alguns questionaram o motivo, mas continuaram insatisfeitos sem a resposta do professor, e outros permaneceram em choque, como Alice.

– Meu Deus, nós não estudamos – segredou ela para Anne.

Alice estava completamente nervosa. O dia da apresentação seria naquela quinta, como ela iria estudar, ensaiar e dormir ao mesmo tempo? Seria essa a oportunidade de colocar seus planos em prática, dedicar-se e mudar seu comportamento?

– Está bem, chega pessoal! Vamos para aula de hoje! – chama o professor levantando as mãos, pedindo pelo silêncio da turma.

– Você precisa me ajudar a estudar – sussurrou Alice para a amiga, se inclinando em sua cadeira.

– Claro, claro. – respondeu Anne, olhando de relance, para não chamar a atenção.

Alice se encostou sobre a mesa, pegando seu caderno e sua caneta, para fazer os exercícios. Não fazia ideia de como poderia resolver tudo aquilo. Pensou na possibilidade de desistir de seu compromisso com Judith, e focar em suas notas. Mas ela não queria isso. Ela precisava achar uma saída. Desistir não era mais uma opção, estava decidida a mudar de vida, reorganizar-se e seguir em frente.

À medida que se esforçava para resolver os exercícios, era perturbada pelo sono, que se manifestava a todo instante, pesando suas pálpebras, fazendo-a bocejar. Alice manteve-se firme, precisando jogar uma água no rosto, fazendo pequenas pausas entre um exercício e outro, sentiu que essa estratégia estava funcionando.

Ao chegar em casa, Alice contou para sua mãe tudo que acontecera no seu dia e Regina, com muito entusiasmo, bradou:

– Uhullll... tenho certeza que irá se superar!

– Eita, mãe! Seu entusiasmo até espantou meu sono. Com seu apoio, sem dúvida, voarei mais alto – afirmou Alice com um lindo sorriso nos lábios.

No dia seguinte, Regina, na intenção de motivar a filha, a presenteou com o livro “A trajetória de uma bailarina de verdade”, que conta a história de uma bailarina que sofreu um acidente ficando impossibilitada de dançar, e, surpreendentemente, se supera mostrando que não podemos perder a esperança por nada. Quando temos um sonho temos que lutar sempre, pois nada pode ser definitivo!

Alice, irradiante com o presente, não via a hora de começar a ler. Sentia que este seria mais um estímulo para superar seus medos e alcançar seus objetivos.

Motivação

Alice estava muito empenhada nos ensaios, entre um bocejo e outro notava-se um sorriso tímido, confiante. Judith até parecia menos brava, ‘carrancuda’, estava feliz pelo rendimento da aluna, que a cada passo mostrava mais potencial. Nos intervalos Alice contava, bastante empolgada, sobre a leitura do livro, ora mencionava também alguns aspectos revelados no seu sonho, que eram bastante semelhantes com o que a bailarina do livro vivera.

O dia da apresentação estava próximo, e Alice estava dando conta de dedicar-se aos estudos e ao *ballet*. Anne estava impressionada com a mudança de comportamento da amiga, muito feliz por ela. As duas conversavam animadas, Anne contando sobre o namoro, parecia bastante apaixonada. Lembraram que precisavam voltar aos estudos.

Regina liga para Alice, dizendo que passará na escola para pegá-la. As duas vão ao shopping e Alice ganha um novo *collant* de cor violeta, para usar na apresentação e uma saia de tule. O *collant* era lindo, com desenhos contornados com paetês que, à medida que Alice girava, brilhavam em diferentes tons de violeta, ela estava fascinada.

Superação x Brilhantismo

Enfim, chegou o dia da apresentação, Alice parece já estar flutuando. Na plateia estão sua mãe, Anne, o namorado e as colegas do *ballet*. Judith se aproxima e deseja boa apresentação, elogiando-a, mostrando-se muito orgulhosa, as duas seguem para o camarim.

O cerimonialista inicia a apresentação do evento, tudo muito harmonioso. Embora Alice vá se apresentar com um grupo, ela terá o papel principal, solista. Luzes do palco acesas, dando um efeito lindo de cores, momento mágico, indescritível. Anunciam o espetáculo. Alice está linda no seu figurino, assim como as outras bailarinas. Entram uma a uma fazendo os movimentos de forma sincronizada, de modo que quem assiste é tomado por um sentimento de leveza, graciosidade e delicadeza. Alice ocupa o centro do palco, seus movimentos têm suavidade, entre giros e saltos ela parece flutuar, no palco e na vida.

Tudo está perfeito, Alice concentrada, mal olha para a plateia, nem se lembra do sono. Está muito orgulhosa de si mesma, feliz por essa conquista. O espetáculo está chegando ao fim, as luzes da plateia se acendem, ela vê sua mãe, rosto vermelho, possivelmente de tanto chorar, Anne e Rafael sorrindo, Judith batendo palmas, incansavelmente.

O cerimonialista convida o Sr. Levi para fazer o pronunciamento de encerramento, que agradece a presença de todos e a participação de seus alunos, em especial, a de Alice, agradecendo Judith pela parceria. Fala um pouco sobre o *ballet* e suas características, assim como o enredo da apresentação e a coreografia.

Alice está no camarim, se trocando, parece ainda estar em êxtase, feliz que tudo saiu como planejado. Sabe que este foi o primeiro passo rumo à mudança, e que essa vitória não teria sido a mesma se não fosse sua mãe, Anne, Judith e a revelação de seus sonhos através de Rafael. Indo ao encontro dos seus, ela desabafa:

– Não imaginam como estou feliz, parece que ainda estou flutuando. Obrigada por não terem desistido de mim. Os acontecimentos dos últimos dias fizeram-me despertar para o AGORA! Meu futuro depende disso! Aprender com o que passou, buscar novos horizontes, e flutuar por aí, com leveza, determinação, concentração, e pés no chão, mesmo que sejam as pontas dos pés hahahaha!

Todas se abraçam, entre risos e lágrimas, a sensação é a de uma verdadeira metamorfose.



ÍNDICE REMISSIVO

A

alegria, 16, 21, 50, 67, 69, 79, 87, 95, 96, 105, 114, 115, 120, 124
amizade, 15, 20, 23, 27, 54, 55, 67, 72, 117
amor, 17, 33, 42, 44, 61, 85, 86, 97, 102, 104, 105, 108, 117, 121, 123, 124
aprendizado, 5, 32, 87, 100, 107, 109
aprendizagem, 29, 115, 117
arco-íris, 5
argumentos, 5, 98
atenção, 6, 12, 14, 15, 16, 20, 27, 29, 30, 33, 39, 40, 47, 48, 53, 58, 60, 61, 62, 68, 72, 88, 106, 113, 115, 129, 134, 144, 149
autonomia, 69, 105, 108
aventura, 6, 35, 120

C

caminho, 13, 14, 18, 20, 34, 35, 59, 61, 74, 79, 91, 95, 98, 104, 107, 113, 114
carreira, 13, 92
cérebro, 5, 6, 12, 14, 32, 40, 83, 87, 107, 109, 125, 132
científico, 5, 6
crenças, 5, 78, 87
cultura, 5, 48, 72, 75, 101, 105, 118
curso, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 20, 23, 24, 27, 91, 101, 104, 105, 149

D

decisão, 15, 20, 23, 24, 79, 89, 93, 99, 100, 125
destino, 18, 38, 47, 58, 69, 70, 75, 94, 102
diálogo, 19, 87, 100

E

educação, 5, 72, 98, 141
emoções, 5, 6, 24, 59, 93, 97
encontro, 16, 19, 20, 21, 22, 29, 37, 56, 57, 61, 83, 92, 100, 128, 141, 146
Enfermagem, 5, 149

Ensino, 5

escola, 12, 30, 48, 51, 53, 55, 56, 58, 62, 63, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 97, 98, 101, 104, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 129, 130, 136, 139, 143, 145
escolhas, 14, 88, 92, 96, 140
expectativa, 38, 141

F

faculdade, 15, 16, 19, 20, 22, 24, 27, 28, 29, 31, 35, 79, 80, 88, 94, 96, 106
família, 34, 44, 47, 62, 66, 67, 69, 72, 77, 79, 83, 85, 90, 96, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 116, 120, 122, 126, 139
fenômeno, 78

I

imaginação, 15, 70, 93
incertezas, 11, 14, 15, 106, 109
informações, 12, 13, 14, 23, 55, 62, 63, 70, 78, 79, 95, 96, 97, 103, 124
inteligência, 44, 83, 84, 87, 95, 99, 107
intenções, 18

J

jovem, 71, 130, 140, 141

L

liberdade, 61, 90, 108
livro, 5, 6, 18, 43, 68, 69, 86, 92, 93, 94, 108, 121, 145
lugar, 13, 24, 36, 54, 58, 60, 66, 68, 69, 70, 76, 78, 79, 104, 113, 116, 117, 120, 124, 130, 131, 132, 134, 140, 141

M

maravilha, 33, 34
memória, 6, 34, 66, 79, 114, 119, 123, 125, 132
mente, 5, 30, 39, 40, 59, 101, 121, 135, 140

mergulho, 6
monumento, 22, 57, 58, 78, 102, 104, 105
mudança, 30, 33, 40, 55, 143, 145, 146
música, 12, 16, 17, 18, 20, 24, 27, 39, 78, 84, 88,
89, 90, 107, 108, 119, 125, 126

N

narrativas, 5
neurociências, 106, 107
neuromitos, 5, 6, 109

P

pesquisa, 5, 30, 35, 37, 38, 41, 89, 104
possibilidades, 20, 23, 143
potencial, 32, 95, 129, 145

R

raciocínio, 83, 86
razão, 82, 96, 97, 98, 114, 135
respostas, 14, 59, 83, 87, 89, 90, 92, 99, 109, 140
revelações, 20

S

Saúde, 5, 107, 149
sentimento, 15, 17, 20, 32, 34, 35, 48, 68, 72,
143, 146
significado, 5, 21, 22, 77, 78, 124, 131

T

tema, 50, 100, 107
temas, 5, 89, 98
teste, 12, 13, 14, 19, 115

U

Universidade, 5, 18, 29, 48, 105, 149

V

Verdade, 51, 119, 125, 131
viagem, 6, 30, 33, 38, 39, 40, 69, 70, 71, 72, 74,
80, 100, 102, 104, 105, 108, 122
vida, 5, 11, 14, 16, 20, 23, 26, 30, 47, 55, 60, 66,
67, 68, 69, 70, 72, 79, 80, 90, 91, 92, 93, 97,
99, 103, 105, 108, 109, 113, 114, 115, 116,
117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126,
136, 141, 142, 144, 146

SOBRE O(A)S ORGANIZADORE(A)S

   **Mara Regina Rosa Ribeiro**

Enfermeira graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela Faculdade de Enfermagem (FAEN), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT - 1981). Mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (1996). Doutora em Ciências pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (2009). Atua como professora no curso de graduação em enfermagem da UFMT – Campus Cuiabá, e nos Programas de Pós-graduação em Enfermagem (FAEN – UFMT) e Mestrado Profissional em Ciências Aplicadas à Atenção Hospitalar do Hospital Universitário Júlio Müller (HUJM). Líder do Grupo de Pesquisa GEFOR – Gestão, Educação e Formação em Saúde e Enfermagem.

   **Gimerson Erick Ferreira**

Bacharel em Administração, graduado em Administração - Bacharelado (2007) pela Faculdade de Alagoas (FAL), e Enfermeiro, graduado em Enfermagem e Obstetrícia (2012) pela Escola de Enfermagem (EENF), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Mestre em Enfermagem (2013) pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da UFRGS (2017). Atua como professor no curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – Campus Cuiabá, e nos Programas de Pós-Graduação em Enfermagem, da Faculdade de Enfermagem (FAEN) da UFMT, e em Ciências Aplicadas à Atenção Hospitalar, do Hospital Universitário Júlio Müller (HUJM). Líder do Grupo de Pesquisa GEFOR – Gestão, Educação e Formação em Saúde e Enfermagem.

   **Michelly Kim de Oliveira Rosa Guimarães**

Enfermeira graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela Faculdade de Enfermagem (FAEN), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT - 2006). Mestre em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso (2008). Atua como professora no curso de graduação em enfermagem da UFMT – Campus Cuiabá, e no Programa de Residência Multiprofissional de Saúde do Adulto e Idoso com ênfase em atenção cardiovascular (HUJM– UFMT). Membro do Grupo de Pesquisa GEFOR – Gestão, Educação e Formação em Saúde e Enfermagem.

SOBRE O(A)S AUTORE(A)S

  **Andreia Correia de Souza Cioffi**

Enfermeira graduada em Enfermagem pela Universidade Paulista (UNIP) (2006). Mestre em Enfermagem (2017) e doutoranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), campus Cuiabá. Atua como professora do curso de graduação em Enfermagem do Centro Universitário do Vale do Araguaia (UNIVAR). Integrante do grupo de pesquisa GEFOR – Gestão, Educação e Formação em Saúde e Enfermagem.

  **Daiana Alves Vendramel da Costa**

Enfermeira graduada em Enfermagem Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT - 2008). Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Estado de Mato Grosso - UFMT (2021). Doutoranda em Enfermagem Psiquiátrica pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - São Paulo (2020). Atua como professora no curso de graduação em enfermagem da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT – Campus Cáceres, e membro do Grupo de Pesquisa GEFOR – Gestão, Educação e Formação em Saúde e Enfermagem.

  **Adriana Freitas de Almeida Finger**

Enfermeira graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela Faculdade de Enfermagem (FAEN), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT - 2015). Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (2018). Doutoranda no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Pesquisadora na área de Gestão, Educação e Formação em Saúde e Enfermagem.

  **Thays Berto Gindri**

Enfermeira graduada em Enfermagem pela União de Ensino Superior de Diamantino (UNED-2010). Mestranda em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem FAEN, da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT-2019). Atua como enfermeira na prefeitura de Cuiabá. Membro do Grupo de Pesquisa GEFOR – Gestão, Educação e Formação em Saúde e Enfermagem.

  **Larissa Irene da Silva**

Enfermeira bacharel em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem (FAEN), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT – 2012). Mestre em Ciências da Saúde pelo do departamento de Medicina da UFMT (2015). Especialista em Gestão de Políticas de Saúde Informadas por Evidências pelo Sírío Libanês Ensino e Pesquisa (2017). Docente do Centro Universitário Várzea Grande (UNIVAG).

   **Karyme Lucila Jabra**

Enfermeira graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela Faculdade de Enfermagem (FAEN), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT - 2007). Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGENF) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) (2013). Atua como professora nos cursos de graduação em: enfermagem, psicologia, odontologia e medicina do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). Membro do Grupo de Pesquisa GEFOR – Gestão, Educação e Formação em Saúde e Enfermagem.

   **Carolina Simões Pereira**

Bacharelada em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem (FAEN), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Participante do Grupo de Pesquisa GEFOR – Gestão, Educação e Formação em Saúde e Enfermagem, atua em projetos de Iniciação Científica (IC).

  **Caroline Miranda Romero**

Estudante do ensino médio na escola Raimundo Pinheiro; Competidora do esporte equestre três tambores; Participante do grupo de pesquisa GEFOR – gestão, educação e formação em saúde e enfermagem. Voluntária no projeto “Conta para mim” do ministério da educação (MEC) por meio da Secretaria de Alfabetização. Possui formações complementares na área da saúde e gestão hospitalar pela Universidade de Cuiabá Unic e no bem-estar animal e boas práticas equestres pela Superintendência Federal de Agricultura, pecuária e abastecimento de Mato Grosso (SFA-MT\MAPA).

  **Alexandre Fernandes de Oliveira**

PIBIC da Faculdade de Enfermagem, na Universidade Federal de Mato Grosso. Aluno do Projeto de Iniciação Científica das práticas de ensino e enfermagem, estudo os mitos relacionados a Ambientes de Aprendizagem.

  **Isadora Maria de Jesus Feitosa**

PIBIC da Faculdade de Enfermagem, na Universidade Federal de Mato Grosso. Aluna do Projeto de Iniciação Científica das práticas de ensino e enfermagem, estudo os mitos relacionados a Ambientes de Aprendizagem.

  **Isabella Maria de Jesus Feitosa**

PIBC da Faculdade de Enfermagem (FAEN), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Atua como aluna do projeto de Iniciação Científica das práticas de ensino e enfermagem, aprofundando nos mitos relacionados a Plasticidade Cerebral, Memória e Atenção.

 **Vinício Felipe Antunes dos Santos**

Bolsista de Iniciação Científica no grupo de pesquisa GEFOR - Gestão, Educação e Formação em Saúde e Enfermagem (2019-2020) da Faculdade Federal de Mato Grosso. Estudante do ensino médio na Escola Estadual Raimundo Pinheiro (E.E.R.P.) de Cuiabá, (MT). Escreveu e publicou independentemente sua coletânea de Poesias em seu primeiro livro, "Um Pouco de Nós" em novembro de 2019.

 **Fabielly Vitoria da Cruz Almeida**

Bolsista de Iniciação Científica no grupo de pesquisa GEFOR - Gestão, Educação e Formação em Saúde e Enfermagem (2019-2020) da Faculdade Federal de Mato Grosso. Estudante do ensino médio na Escola Estadual Raimundo Pinheiro (E.E.R.P.) de Cuiabá, (MT).



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

contato@editorapantanal.com.br